

Maria do Carmo Viegas
(Org.)

Minas é Singular

Minas é singular

Maria do Carmo Viegas
Organizadora

Minas é singular

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2013

Copyright © 2013 Maria do Carmo Viegas

Faculdade de Letras da UFMG

DIRETOR: Luiz Francisco Dias

VICE-DIRETORA: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

COORDENADORA: Célia Maria Magalhães

SUBCOORDENADOR: Rui Rothe-Neves

Projeto Gráfico e Editoração: Marco Antônio e Alda Durães

Capa: Alda e Marco Antônio Durães

Revisão: Tânia Sifuentes Lima

Comitê Editorial do VARFON-Minas / CNPq:

Alan Jardel de Oliveira, UFAL

Maria do Carmo Viegas, UFMG

Pâmella Alves Pereira, UFVJM

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M663

Minas é singular / Maria do Carmo Viegas, organizadora. – Belo Horizonte:

Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

172 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7758-152-8

1. Mudanças linguísticas. 2. Língua portuguesa – Vogais. 3. Língua portuguesa – Fonologia. 4. Sociolinguística. 5. Língua portuguesa – Variação – Ouro Branco (MG). 6. Língua portuguesa – Variação – Piranga (MG). 7. Língua portuguesa – Variação – Machacalis (MG). 8. Língua portuguesa – Regionalismos – Minas Gerais. 9. Língua portuguesa – Português falado – Ouro Branco (MG). 10. Língua portuguesa – Português falado – Piranga (MG). 11. Língua portuguesa – Português falado – Machacalis (MG). 12. Língua portuguesa – Dialeto – Ouro Branco (MG). 13. Língua portuguesa – Dialeto – Piranga (MG). 14. Língua portuguesa – Dialeto – Machacalis (MG) I. Viegas, Maria do Carmo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.15

Impressão: Imprensa Universitária da UFMG

SUMÁRIO

Apresentação <i>Maria do Carmo Viegas</i>	9
Casos especiais de <i>elisão silábica</i> : uma contribuição aos estudos de gramaticalização <i>Alan Jardel de Oliveira</i> <i>Maria do Carmo Viegas</i>	13
Variação das vogais médias anteriores em início de palavra e em encontro vocálico – sílabas pré-tônicas em três falares mineiros: o tratamento dos dados <i>Melina Rezende Dias</i> <i>Maria do Carmo Viegas</i>	49
Contribuição aos estudos dialetológicos: variação das vogais médias pré-tônicas anteriores em falares mineiros – estudo comparativo <i>Melina Rezende Dias</i> <i>Maria do Carmo Viegas</i>	63
Formas variantes LOIRA - LOURA e LOIÇA - LOUÇA no <i>Corpus do Português</i> <i>Joana D'Arc de Sá Ribeiro Alves</i> <i>Maria do Carmo Viegas</i>	107
Gramaticalização de DE ONDE/DONDE no português do Brasil (PB) e no português europeu (PE) <i>Simone Fonseca Gomes</i> <i>Sueli Maria Coelho</i>	117
Trajetória não + nome na história do português <i>Pâmella Alves Pereira</i>	141
Estudos das formações com NÃO: morfologização <i>Pâmella Alves Pereira</i>	157

Para

Antônio (*in memoriam*)

Maria do Carmo (*in memoriam*)

Celso e Juliano

APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado do trabalho do grupo de pesquisa VARFON-Minas/CNPq, Variação Fonético-Fonológica, Morfológica e Lexical em Minas Gerais, da Faculdade de Letras da UFMG. Contamos nesta publicação com a parceria da Profa. Sueli Maria Coelho e de Simone Fonseca Gomes, ambas da UFMG, que gentilmente aceitaram nosso convite.

Minas é Singular porque *Minas é Plural*. Por que falamos desse jeito? Para responder a essa questão, inicialmente, o VARFON-Minas tem como um dos objetivos descrever os vários falares mineiros. Como sabemos, há bastante variação nesse estado, o que o torna um estado-chave para a pesquisa linguística. Estudando os vários falares mineiros, em projeção, talvez possamos falar em português do Brasil.

Neste livro, não nos detivemos apenas nos falares mineiros, uma vez que, para uma qualificação mais bem elaborada deles, é preciso analisar mais amplamente os fenômenos. Utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, conforme Labov (1972), em muitos dos capítulos. Nosso grupo tem preocupação com o rigor e o controle na utilização dos métodos e técnicas de captação de dados, assim como com as ferramentas de análise, em especial com as ferramentas estatísticas.

Em alguns dos capítulos aqui apresentados foram analisados dados de fala de quatro municípios mineiros de diferentes regiões: Ouro Branco, Região Central; Piranga, Zona da Mata; Machacalis, Vale do Mucuri; e Itaúna, Centro-Oeste. Ao total são quase 40.000 ocorrências, que foram codificadas em relação à variável dependente e às diversas variáveis independentes. Os dados de fala foram coletados com a aprovação do COEP – Comitê de Ética na Pesquisa – da UFMG.

No primeiro capítulo, Alan Jardel de Oliveira, Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas, e Maria do Carmo Viegas, Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais,

discutem como certos tipos de interação podem enviesar resultados na análise de dados linguísticos. Apresentam uma discussão acerca da identificação de processos de redução fonético-fonológica que podem evidenciar interações com processos ocorridos em outros níveis (morfológico, sintático e semântico), em especial, processos de gramaticalização. Para tal, são analisados os casos de apagamento da vogal e da sílaba CV final átona no falar de Itaúna/MG.

No segundo capítulo, Melina Rezende Dias, Professora da Faculdade de Tecnologia SENAI de Belo Horizonte e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE da Universidade Federal de Minas Gerais, e Maria do Carmo Viegas estudam a variação das vogais médias pré-tônicas anteriores em início de palavra e em encontro vocálico em três municípios mineiros: Piranga, Ouro Branco e Machacalis. Alguns estudos consideram a hipótese de a realização da vogal nesses contextos ser diferente das pré-tônicas em geral. Se assim for, providências devem ser tomadas em relação ao tratamento dos dados.

As mesmas autoras escrevem também o terceiro capítulo, em que mostram os resultados comparativos de três municípios mineiros em relação ao abaixamento das vogais pré-tônicas e em relação ao alçamento dessas vogais. Pretendem contribuir para a descrição das variedades de Minas Gerais e do português do Brasil.

No quarto capítulo, Joana D'Árc Alves, discente do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e do curso de Direito do Centro Universitário Newton Paiva, e Maria do Carmo Viegas estudam a grafia das formas variantes LOIRA - LOURA e LOIÇA - LOUÇA, nos séculos XIX e XX, no *Corpus do Português*. Objetivam a comparação dessas grafias nos textos brasileiros e nos textos portugueses.

No quinto capítulo, Simone Fonseca Gomes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE da Universidade Federal de Minas Gerais, Bacharel em Letras pela UFMG e Licenciada em Ciências Sociais pela mesma universidade, e Sueli Maria Coelho, Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, tratam da análise de um possível processo de gramaticalização dos itens DE ONDE/DONDE, que se insere em uma problemática mais ampla – a do estudo das formas (H)U, ONDE, AONDE, DONDE, derivadas do *ubi* e do *unde* latinos e dos fenômenos linguísticos pelos quais passaram ou vêm passando tais formas.

Pâmella Alves Pereira, que foi professora na Universidade Federal Fluminense e atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus Diamantina/MG, no sexto capítulo, tem como objetivo a observação da trajetória seguida pelas formações em que o NÃO se antepõe a um nome (formações **não + nome**) ao longo da história do português. Apresenta, aqui, os métodos de coleta, seleção e organização dos dados.

No sétimo capítulo, a questão proposta é se todas as formações com NÃO podem ser analisadas da mesma maneira. Pâmella Alves Pereira pergunta: o NÃO em NÃO PAGAMENTO teria o mesmo estatuto gramatical do NÃO em NÃO ABERTURA? Poderíamos falar em morfologização das formações **não + nome** de modo geral?

Resultantes de apresentações e discussões no interior do grupo VARFON-Minas, esses trabalhos refletem principalmente um momento importante do estudo da variação linguística, e de outros fenômenos relacionados, em que há a participação de professores de várias universidades brasileiras.

Maria do Carmo Viegas
Coordenadora do VARFON-Minas/ CNPq
<http://www.lettras.ufmg.br/profs/mariadocarmo/>
mariadocarmo.viegas@gmail.com

Belo Horizonte, 01 de julho de 2013.

Casos especiais de *elisão silábica*: uma contribuição aos estudos de gramaticalização

Alan Jardel de Oliveira

UFAL

Maria do Carmo Viegas

UFMG

1. Introdução

Um aspecto importante da análise linguística diz respeito à interação entre os diferentes níveis de tal análise. Neste trabalho, discutiremos como certos tipos de interação podem enviesar resultados na análise de dados linguísticos. Apresentaremos uma discussão acerca da identificação de processos de redução fonético-fonológica que podem evidenciar interações com processos ocorridos em outros níveis (morfológico, sintático e semântico), em especial, processos de gramaticalização. Para isso, serão analisados os casos de apagamento da vogal e da sílaba CV final átona no falar de Itaúna/MG, à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da sociolinguística variacionista (cf. LABOV, 1972).

Consideraremos como variantes a *forma plena*, o *apagamento da vogal* e o *apagamento da sílaba CV* em todos os casos de contexto fonético seguinte *consoante*, como nos exemplos a seguir:

Forma plena: “eu faço uma [kamiʃ'ɲadə] de manhã” (caminhada) - RH39

Apagamento da vogal: “eu vou fazer uma ['kois] que eu sei que eu não vou fazer” (coisa) - LM17

Apagamento da sílaba: “ele ia ser preso no [mõ¹ meß] da formatura” (momento) - EM39

Em Oliveira e Viegas (no prelo), apresentamos uma análise do apagamento da sílaba final átona no falar de Itaúna. No decorrer da análise, foram identificados casos especiais, os quais apresentavam percentuais de apagamento muito superiores à média e em contextos linguísticos diferentes daqueles que favoreciam o processo fonético-fonológico mais geral. Esses casos (muitos deles tratados na literatura como processos de gramaticalização) foram tratados como *casos especiais* de apagamento e não foram analisados com maior profundidade, mas sua identificação foi importante para a distinção entre os processos de *haplologia* e *elisão silábica* (conforme apresentaremos ao longo deste trabalho).

Na definição de Meillet (1912), a *gramaticalização* trata da passagem de uma palavra autônoma (como substantivos e verbos) à função de elemento gramatical (como pronomes e preposições). Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993) admitem que itens linguísticos que já tenham caráter gramatical possam gramaticalizar-se ainda mais (pronomes, por exemplo, podem tornar-se afixos).

De acordo com Heine (2003, p. 579), a gramaticalização de expressões linguísticas envolve quatro mecanismos inter-relacionados, aos quais os elementos linguísticos estariam sujeitos: (i) a dessemantização, caracterizada pela “perda de conteúdo semântico”; (ii) a extensão, caracterizada pelo “uso em novos contextos”; (iii) a decategorização, caracterizada pela “perda de propriedades morfosintáticas características das formas fonte” e (iv) a erosão, caracterizada pela “perda de substância fonética”. Gonçalves *et al.* (2007) afirmam que é comum que reduções fonéticas estejam associadas a processos de gramaticalização. Os autores afirmam que “(...) a erosão fonética parece ser um mecanismo atuante na gramaticalização para ajustar formas antes lexicais ao domínio das formas gramaticais (...)” (p. 35).

Como veremos neste trabalho, certos processos de variação fonético-fonológica que incidem sobre a sílaba final átona interagem com fatores de outra natureza. Assim, uma análise no nível fonético-fonológico deveria considerar tal interação. Da mesma forma, processos de gramaticalização (em especial aqueles que apresentam redução fonética) podem interagir com processos que podem ser explicados, do ponto de vista linguístico, somente pelo nível fonético-fonológico e, por isso, deveriam também considerar tal interação.

Muitos trabalhos sobre processos de gramaticalização apontam a redução fonética como um indício desses processos. Uma questão metodológica importante se coloca aqui. A redução fonética pode estar associada à gramaticalização desde que essa redução seja diferenciada do que ocorre em outros itens de mesmas propriedades fonéticas. Por exemplo, o fato de os pronomes pessoais ELE e A GENTE apresentarem formas reduzidas não é, necessariamente, indício de gramaticalização (há outros indícios que não serão discutidos aqui), pois certos tipos de redução nesses itens podem tratar-se de processos exclusivamente fonético-fonológicos, como veremos neste trabalho.

Interessa-nos aqui demonstrar que, em alguns casos, certos tipos de redução em itens que estejam em processo de gramaticalização podem ser explicados somente por processos fonético-fonológicos mais gerais e que, portanto, não são específicos dos itens em gramaticalização. Certos tipos de redução, entretanto, não são foneticamente motivados. Esses casos constituem-se como casos especiais de apagamento e precisariam ser explicados por outros níveis. Para tal discussão, apresentaremos um aprofundamento na análise dos casos especiais identificados em Oliveira e Viegas (no prelo).

Os objetivos deste trabalho são, por meio da análise do apagamento da sílaba final CV átona,

1. identificar processos de redução fonético-fonológica que podem ser explicados, linguisticamente, somente por critérios fonético-fonológicos;
2. identificar processos de redução fonético-fonológica que não podem ser explicados, linguisticamente, somente por critérios fonético-fonológicos;
3. apresentar contribuições metodológicas para a análise da redução fonética em estudos de gramaticalização.

2. Revisão de literatura

Nesta seção apresentaremos alguns estudos que analisaram os processos de *haplogogia* e *elisão silábica* no português, além de estudos que consideraram a redução fonética como um aspecto importante para análise de casos de gramaticalização em certos itens.

Alkmim e Gomes (1982) apresentam uma análise da supressão de certas sílabas em limite de palavra, como em *leite de coco*, foneticamente [ˈlejĩˈkoku] (ALKMIM; GOMES, 1982, p. 44). De acordo com as autoras,

a *haplologia* só afetaria sílabas com /t/ e /d/ subjacentes (como em “limite de palavra”, “caldo de cana”, “quanto trabalho”, entre outros). A análise mostra ainda que a *haplologia* só ocorreria quando ambas as sílabas são átonas e quando a primeira vogal tiver o traço [+alto]. Não ocorreria *haplologia*, portanto, em “gato tonto” (devido à tonicidade de *tonto*) e em “comida da china” (devido ao traço [-alto] da vogal /a/).

Alguns dados apresentados por Alkmim e Gomes (1982) mostram apagamento da sílaba sem que haja /t/ ou /d/ na sílaba seguinte, como em “pode falar” [pɔfa'la] e em “pode brincar” [pɔbriʃ'ka]. Para as autoras, esse caso “trata-se, na verdade, do efeito de uma regra diferente, que só se aplica a certos itens léxicos caracterizados como proclíticos. Há a supressão de sílaba por efeito da próclise.” (p. 50). Os exemplos que envolvem segmentos diferentes daqueles previstos por Alkmim e Gomes (1982) para a *haplologia* demonstram que outros tipos de processos afetam o apagamento de segmentos no final das palavras, entre os quais, processos sem motivação fonética, como concluem as autoras.

Tenani (2002) define a *haplologia* “como sendo um processo em que há queda total de uma sílaba”. Para a autora, “se houver apenas a supressão da vogal final de palavra, não se configura a *haplologia*.” (p. 137). A autora utilizou como material de análise a leitura de um conjunto de frases por informantes do gênero feminino, com idade entre 21 e 28 anos, universitárias e moradoras da região de São José do Rio Preto/SP.

Em relação à análise da *haplologia*, Tenani (2002) conclui, entre outras coisas, que (1) as sequências de sílabas iguais (/ti+ti/ e /di+di/) favorecem a *haplologia*, e os contextos /di+ti/ e /ti+di/, mesmo sendo semelhantes, desfavorecem a *haplologia*; (2) com relação ao acento, a *haplologia* é bloqueada quando a primeira sílaba da sequência carrega o acento lexical; e (3) com relação ao domínio prosódico, a *haplologia* não é bloqueada por nenhum tipo de fronteira prosódica, mas aplica-se menos quanto mais alto for o domínio na hierarquia prosódica.

Battisti (2004) apresenta um estudo sobre a *haplologia* sintática no português brasileiro à luz da Teoria da Otimalidade. A autora mostra que a *haplologia* pode ser explicada, entre outros aspectos, pelo *Princípio do Contorno Obrigatório* (cf. LEBEN, 1973). De acordo com a autora, uma sequência de sílabas iguais adjacentes contendo consoantes /t/ ou /d/ desencadeiam a *haplologia* sintática.

Leal (2006), em um estudo sobre o falar de Capivari/SP, ao contrário do que afirmam Alkmim e Gomes (1982), conclui que

[...] existem falares no português brasileiro nos quais pode haver queda de sílabas cujas vogais tenham o traço diferente de [+alto] e as consoantes não precisam ser necessariamente /t/ e /d/. Os segmentos devem ser semelhantes, na medida em que o traço [sonoridade] não influi no bloqueio do processo. (p. 159).

Leal (2006) diferencia *elisão silábica* de *haplogogia*, sendo a *haplogogia* definida como a queda total da sílaba em contextos fonéticos semelhantes e a *elisão silábica* definida como a queda total da sílaba em contextos fonéticos distintos. Com relação à *elisão silábica*, a autora demonstra que “para que haja queda total da sílaba na *elisão silábica*, o contexto segmental deve ser formado por consoantes que tenham um mesmo ponto de C e um mesmo valor para o traço [contínuo].” (p. 159). A autora conclui que “a *elisão silábica* e a *haplogogia* são o mesmo processo de queda de sílaba, regidos pelas mesmas propriedades segmentais (mesmo ponto de C e mesmo valor para [contínuo]) e prosódicas (aplicam-se em qualquer nível)” (LEAL, 2006, p. 160).

Em Viegas e Oliveira (2008) e Viegas e Oliveira (2009), apresentamos uma análise do apagamento da vogal final átona e da sílaba final átona (respectivamente) em sílabas formadas por lateral alveolar mais vogal. Nesses trabalhos, apresentamos evidências de que o apagamento da vogal é um processo intermediário do apagamento da sílaba. Além do contexto seguinte *consoante*, os resultados consideram também os contextos *vogal* e *pausa*, diferentemente da análise que apresentaremos neste trabalho.

Os resultados apresentados em Viegas e Oliveira (2008) permitiram-nos concluir que, socialmente, o apagamento da vogal é um processo favorecido pelos homens, em especial pelos homens jovens. Em contraposição, as mulheres jovens formam o grupo que mais desfavorece tal processo. Concluiu-se ainda, com base em testes de avaliação das variantes, que não há estigma social atribuído ao apagamento da vogal. Em relação aos fatores internos, concluiu-se que o apagamento da vogal é favorecido quando a vogal final é alta e quando a palavra seguinte se inicia por vogal. Foram identificados indícios de um processo de etiologia articulatória, podendo ser caracterizado como pós-lexical devido à gradualidade fonética (constatada por análise acústica) e devido à ausência da atuação morfológica no processo (não há significância estatística entre as classes de palavras).

Sobre o apagamento da sílaba IV, Viegas e Oliveira (2009) concluíram que o gênero masculino e a faixa etária jovem favorecem o processo. Também são fatores favorecedores a vogal alta [i] da sílaba IV, a presença de segmento seguinte consonantal, a presença de /s/ junto à sílaba IV e a classe pronominal. Foi possível concluir ainda que o apagamento de IV é um processo fonético-fonológico que pode estar interagindo com outros aspectos da gramática, na medida em que esse processo ocorre mais entre pronomes.

Mendes (2009) apresenta um estudo sobre a *haplologia* no falar de Belo Horizonte/MG. Nesse trabalho, a autora considera como *haplologia* “o cancelamento total ou parcial da primeira sílaba, ou seja, a que se encontra à esquerda da sequência em questão” (MENDES, 2009, p. 17). A autora, entretanto, agrupa o apagamento da vogal e o apagamento da sílaba em uma única variante em oposição binária à manutenção da sílaba plena.

Mendes (2009) conclui que

o belo-horizontino produz *haplogias* em qualquer contexto fonológico, inclusive em fronteira de consoantes nasais, que são excluídas pelas autoras Alkmin e Gomes (1982), Tenani (2002), Batistti (2005), Pavezi (2006) e Leal (2006), que apresentaram a condição de igualdade ou semelhança para que ocorra *haplologia*, utilizando a seguinte especificação de traços: [+ coronal, – contínuo, – nasal]. (MENDES, 2009, p. 87)

Com relação à variável acento, o estudo mostra que a *haplologia* é favorecida quando a sílaba à direita é átona, resultado que está de acordo com a análise de Tenani (2002) e Leal (2006). Entretanto, Mendes (2009) mostra que o choque de acentos não bloqueia a *haplologia*, diferente do que apresenta Tenani (2002).

Correa (1998) apresenta um estudo sobre a realização dos pronomes pessoais de 3ª pessoa. Um dos objetivos do trabalho foi demonstrar que as formas reduzidas dos pronomes pessoais de 3ª pessoa (el (ele); éa (ela) e êis (eles)) constituem uma etapa de um processo de cliticização. Com base nos testes propostos por Kayne (1975) e Zwicky (1977), que objetivam a identificação de clíticos, o autor conclui que as formas reduzidas dos pronomes analisados são clíticas: “comparando-se as formas do Inglês e do Francês, conclui-se terem as formas reduzidas dos pronomes de 3ª pessoa do Português Brasileiro um comportamento clítico” (CORREA, 1998, p. 20).

Tamanine (2010) apresenta um estudo sobre a variação entre NÓS e A GENTE e sobre a gramaticalização de A GENTE. A autora discute

diversos trabalhos (MENON, 1995, 1996, 2006; LOPES, 1999, 2003, 2004; ZILLES, 2002; BORGES, 2004, entre outros) os quais analisam o processo de gramaticalização do A GENTE. De acordo com a autora, Menon (1995, 1996), Zilles (2002) e Borges (2004) defendem que a redução fonética de A GENTE trata-se de um processo de gramaticalização em andamento. O pronome pessoal A GENTE origina-se do item com significado lexical GENTE, que, por um processo de gramaticalização, tornou-se um pronome pessoal (um item gramatical). De acordo com Tamanine (2010), “o processo de composição fonética apresentado é possivelmente originado na frequência de uso de a gente como pronome pessoal, pois isso lhe causaria novas modificações (novos processos de gramaticalização), incluindo a redução de massa fonética” (p. 27).

3. Aspectos metodológicos

A análise dos dados de fala espontânea foi feita utilizando-se o arcabouço metodológico da sociolinguística variacionista, conforme apresentado, principalmente, em Labov (1972), o qual prevê a análise de dados reais de fala em busca da identificação dos fatores sociais e linguísticos que possam contribuir para explicar um determinado processo linguístico variável.

Os dados para a análise de fala espontânea desta pesquisa foram coletados na cidade de Itaúna/MG nos meses de junho e julho de 2005. As entrevistas tiveram duração entre 40 e 50 minutos e foram gravadas na residência de cada um dos informantes, posteriormente a um contato inicial em que foi marcado um horário para que a entrevista pudesse ser feita. Acredita-se que a forma como as entrevistas foram feitas possibilitaram uma coleta bastante aproximada do vernáculo do entrevistado.

Foram selecionados informantes do sexo masculino e do sexo feminino pertencentes a duas faixas etárias (entre 15 e 18 anos e entre 33 e 40 anos). Tais faixas etárias incluiriam somente indivíduos pertencentes a dois grupos socialmente distintos e bastante relevantes para os estudos variacionistas: os adolescentes e os adultos. O intervalo de 15 anos entre as faixas etárias se deu para que pudessem ficar mais evidentes as diferenças entre os falantes, caso elas existam.

A seleção da amostra foi controlada de forma que se minimizasse a interferência das variáveis sociais não pesquisadas, como grupo social,

escolaridade e procedência geográfica. Assim, foram selecionados apenas informantes que apresentassem as seguintes características sociais: pertencer ao grupo social médio; ter o segundo grau completo ou segundo grau em curso, no caso dos mais jovens; ser nascido e criado no Bairro das Graças (em Itaúna/MG) e nunca ter morado em outro bairro ou outra cidade; ter pelo menos um dos pais nascidos na cidade de Itaúna.

Devido ao grande número de ocorrências dos itens propícios à realização dos processos analisados nesta pesquisa (em média 20 ocorrências/minuto), optamos por fazer um recorte nos dados. Assim, foram selecionados 5 minutos de gravação da fala de cada um dos informantes pesquisados. Para todas as gravações, foram desconsiderados os 15 minutos iniciais e selecionados os 5 minutos seguintes, de modo a selecionar trechos em que o monitoramento do informante durante a entrevista já estivesse em um nível mais baixo (mais próximo do *vernáculo*).

Todas as ocorrências foram analisadas acusticamente por meio do *software* PRAAT v.5.3.03. A análise acústica das variantes seguiu os parâmetros acústicos apresentados em Kent e Read (1992) e Ladefoged (2001).

Na análise quantitativa, foram utilizados métodos inferenciais de análise estatística (tabelas de contingência, testes multivariados e métodos de regressão multinível). A seleção das variáveis estatisticamente significativas foi feita por meio do método apresentado em Hosmer e Lemeshow (2000). As variáveis independentes foram hierarquizadas pelo *teste da razão de verossimilhanças*, o qual permite identificar o quanto da variação cada uma das variáveis independentes em um modelo multivariado pode explicar.

Neste trabalho, a estimação dos efeitos associados às variáveis independentes foi feita utilizando-se modelos *de regressão multinomial multinível*. Os dados analisados neste trabalho possuem estrutura hierárquica já que as observações podem ser agrupadas segundo os indivíduos que as produziram. Os modelos multinível são mais adequados para dados que possuem estrutura hierárquica porque incorporam naturalmente essa estrutura na regressão.

Para estimação dos efeitos associados às variáveis independentes utilizou-se o *software* STATA (pacote *gllamm*), rodando um modelo de regressão multinomial multinível (com três variantes) tendo as ocorrências como o primeiro nível e o indivíduo como o segundo nível. Para estimação dos efeitos, utilizamos o método *desvio da média* (conforme apresentado em Oliveira (2009)). Tal método permite que os coeficientes de cada fator sejam convertidos em *peso relativo*. Maiores detalhes sobre o método

estatístico utilizado neste trabalho podem ser obtidos em Oliveira (2009) e Oliveira (2012).

A variável independente analisada aqui é composta por três variantes: a sílaba plena, o apagamento da vogal e o apagamento da sílaba. A sílaba em análise é a sílaba CV final átona em paroxítonas seguida de consoante.

Foram consideradas duas variáveis sociais: o gênero e a faixa etária (entre 15 e 18 anos e entre 33 e 40 anos). Foram consideradas ainda as seguintes variáveis independentes linguísticas:

- 1) **Vogal da sílaba CV**, composta pelas categorias: (1) [u] (ex. acho, quieto, novo); (2) [i] (ex. tive, quinze, pagode) e (3) [ə] (ex. luta, malá, veja).
- 2) **Acento da sílaba seguinte**, composta pelas categorias: (1) átono (quando a primeira sílaba da palavra seguinte não recebe acento lexical) – exemplos: “antigamente era a {baixa sociedade}” – FH16; “vou muito no banco... então eu {morro de} medo” – DM16; (2) acento lexical (quando a primeira sílaba da palavra seguinte recebe acento lexical) – exemplo: “em {discoteca já} ofereceram” – RH17 e (3) acento principal (quando a primeira sílaba da palavra seguinte recebe acento principal) – exemplo: “ninguém andava assim muito {sozinha} não” – EM39.
- 3) **Compartilhamento de ponto e modo entre as consoantes**, composta pelas categorias: (1) modo e ponto (quando as consoantes compartilharem modo e ponto) (ex.: “acaba não sobrando {muito} tempo” – FH16 – [t_t]); (2) ponto (quando as consoantes compartilharem somente o ponto) (ex.: “eu não tenho {certeza} não” – NM16 – [z_n]); (3) modo (quando as consoantes compartilharem somente o modo) (ex.: “os roubos até mesmo assim existe {muito} pouco assim” – LM40 – [t_p]) e (4) nenhuma propriedade compartilhada (quando não houver compartilhamento de modo nem ponto entre as consoantes) (ex.: “acho que deve aparecer ué... eu {acho} bom” – EM39 – [ʔ_b]).
- 4) **Peso da sílaba anterior**, composta pelas categorias: (1) leve (ex. “eles {carimbava} na hora de entrar” – DM16 e (2) pesada (ex.: “eu {acordo} cinco horas” – AH34)
- 5) **Fronteira de constituintes prosódicos**, composta pelas categorias: (1) fronteira de palavra fonológica e (2) fronteira de frase fonológica. Quando coincidirem as fronteiras de palavra fonológica e de frase fonológica será considerada somente a fronteira mais alta na hierarquia prosódica (a fronteira de frase fonológica).

4. Análise dos dados

Nesta seção será apresentada a análise da variação na sílaba final CV átona em paroxítonas seguida de consoante na fala espontânea da cidade de Itaúna/MG, buscando identificar e analisar casos especiais de apagamento. São três as variantes analisadas neste trabalho:

1. Forma plena: “acho que ['era] jogo do Brasil” (era) – IM15
2. Apagamento da vogal: “eu moro aqui no ['baih] das graça” (bairro) – BM40
3. Apagamento da sílaba: “ele pichou o ['ros] dele” (rosto) – AH34

A tabela seguinte apresenta a distribuição das variantes para a variável *apagamento na sílaba final* no *corpus* coletado em Itaúna/MG.

TABELA 1
Distribuição percentual da variável *apagamento na sílaba final átona*

Variantes	N	%
Forma plena	387	24,7
Apagamento da vogal	822	52,5
Apagamento da sílaba	356	22,7
Total	1565	100,0

Na tabela 1, observa-se que o apagamento da vogal apresenta maior percentual de realização (52,5%) em relação às demais variantes (24,7% para a forma plena e 22,7% para o apagamento da sílaba). Na análise de regressão multinomial multinível para as variáveis independentes, somente a variável *faixa etária* apresentou-se como não significativa. Vejamos os resultados da análise na tabela a seguir.

TABELA 2

Análise multivariada de regressão multinomial multinível das variáveis estatisticamente significativas para a variável *dependente apagamento na sílaba final átona* (modelo provisório)

Variáveis Independentes	Fatores	Total	Forma plena	Apagamento da vogal			Apagamento da sílaba		
		N	%	%	sig.	PR	%	sig	PR
Gênero	masculino	778	20,3%	58,5%	<0,01	.63	21,2%	0,019	.57
	feminino	787	29,1%	46,6%	<0,01	.37	24,3%	0,019	.43
Vogal da sílaba Cv	[a]	599	53,1%	30,7%	<0,01	.11	16,2%	<0,01	.15
	[i]	353	6,5%	53,8%	<0,01	.70	39,7%	<0,01	.78
	[u]	613	7,5%	73,1%	<0,01	.78	19,4%	<0,01	.62
Compartilhamento de ponto e modo entre as consoantes	ponto e modo	188	15,4%	18,6%	<0,01	.32	66,0%	<0,01	.77
	ponto	387	22,2%	52,2%	<0,01	.63	25,6%	0,064	.58
	modo	242	27,7%	61,2%	0,570	.48	11,2%	<0,01	.26
	nenhum	748	27,4%	58,4%	<0,01	.58	14,2%	<0,01	.39
Acento da sílaba seguinte	átono	831	15,5%	59,3%	<0,01	.73	25,2%	<0,01	.77
	acento lexical	592	33,4%	43,6%	<0,01	.42	23,0%	0,539	.52
	acento principal	142	42,3%	50,0%	<0,01	.34	7,7%	<0,01	.21
Constituintes prosódicos	front.de pf	351	38,2%	49,6%	0,484	.48	12,3%	<0,01	.38
	front.de ff	1214	20,8%	53,4%	0,484	.52	25,8%	<0,01	.62
Peso da sílaba anterior	leve	1209	26,8%	53,9%	0,523	.51	19,3%	0,026	.44
	pesada	356	17,7%	47,8%	0,523	.49	34,6%	0,026	.56
Total		1565	24,7%	52,5%			22,7%		

Os resultados da tabela anterior mostram que o apagamento da vogal e o apagamento da sílaba são favorecidos pelos fatores *masculino*, *vogais* [i] e [u] e *acento átono*. O apagamento da sílaba é também favorecido pelos fatores *compartilhamento simultâneo de ponto e modo*, *fronteira de frase fonológica e sílaba anterior pesada*. Como demonstramos em Oliveira e Viegas (no prelo), alguns desses resultados são alterados quando se analisam separadamente os processos de *haplologia* (casos de compartilhamento simultâneo de ponto e modo) e *elisão silábica* (sem compartilhamento simultâneo de ponto e modo). Retornaremos a essa questão ao final desta seção.

Um caminho para identificar apagamento da sílaba sem motivação fonético-fonológica seria analisarmos os casos que apresentam apagamento e que não apresentam nenhum compartilhamento de propriedades fonéticas entre as consoantes. Analisando os dados da tabela 2, observa-se que, quando não há nenhum compartilhamento de propriedades fonéticas entre as consoantes,

a sílaba é apagada em 14,2% dos casos (106). Ao observarmos tais casos, podemos chegar a algumas generalizações, como:

1. 46 casos (43,4%) correspondem aos pronomes ELE/ELA, incluindo 5 casos de AQUELE/AQUELA e 1 caso de DELA;
2. 16 casos (15,1%) correspondem à desinência verbal –va;
3. 10 casos (9,4%) correspondem ao pronome A GENTE;
4. 7 casos (6,6%) correspondem à palavra MESMO;
5. 6 casos (5,7%) correspondem às formas verbais GOSTO/GOSTA;
6. 4 casos (3,8%) correspondem a verbos auxiliares;
7. 4 casos (3,8%) correspondem à presença de preposição DE seguinte;
8. 4 casos (3,8%) correspondem à palavra MUNDO, na expressão TODO MUNDO;
9. 2 casos (1,9%) correspondem à palavra OLHA, na expressão ['ɔpse've] (olha para você ver).
10. 2 casos (1,9%) correspondem a verbos no gerúndio.

Como se pode observar na tabela 2, o apagamento da sílaba ocorre mais na ausência de compartilhamento do que quando as consoantes compartilham somente o *modo*. Analisando as ocorrências de apagamento da sílaba nos casos de compartilhamento de modo, observamos que esse apagamento está também bastante relacionado às generalizações listadas anteriormente. Resolvemos assim analisar o restante das ocorrências (com compartilhamento de ponto e com compartilhamento simultâneo de ponto e modo) a fim de investigar os casos listados. Após a análise, verificamos que os casos listados anteriormente (1 a 10) foram identificados também como aqueles que apresentavam maior apagamento da sílaba nos casos em que havia compartilhamento de ponto. Ao contrário, no apagamento da sílaba nos casos de compartilhamento simultâneo de ponto e modo não se pôde encontrar generalizações como as listadas em 1 a 10 anteriormente.

Ao analisarmos os 232 casos de apagamento da sílaba, excluídos os casos de compartilhamento simultâneo de ponto e modo, chegamos às seguintes generalizações:

1. 109 casos (47,0%) correspondem aos pronomes ele/ela, incluindo 7 casos de AQUELE/AQUELA e 6 casos de DELE/DELA;
2. 21 casos (9,1%) correspondem à desinência verbal –va;

3. 18 casos (7,8%) correspondem ao pronome A GENTE;
4. 17 casos (7,3%) correspondem à presença de preposição DE seguinte;
5. 16 casos (6,9%) correspondem à palavra MESMO;
6. 13 casos (5,6%) correspondem ao gerúndio;
7. 11 casos (4,7%) correspondem à sequência /st/, como em GOSTO, COSTA, VISTO, FESTA;
8. 5 casos (2,2%) correspondem a verbos auxiliares (PODE e DEVE);
9. 5 casos (2,2%) correspondem à palavra MUNDO, na expressão TODO MUNDO;
10. 2 casos (0,9%) correspondem à palavra OLHA, na expressão ['ɔpse've] (olha para você ver).
11. 1 caso (0,4%) refere-se à interjeição NOSSA (NOSSA SENHORA!)

Há ainda, entre as 232 ocorrências, 14 ocorrências que não se enquadram nos casos listados:

- (1) “antigamente era mais a ['basosie'dadʒi]” (baixa sociedade) - FH16
- (2) “[’fakō] ela para comprar” (fala com) - CH33
- (3) “tem mais visão para essas ['koɪpu] lado social” (coisa para o) - CH33
- (4) “tinha que estudar mesmo pra ['prɔpu'ke] senão...” (prova porque) - TH18
- (5) “essas ['koɪ'tudeu] já participe” (coisa tudo eu) - EM39
- (6) “aqui, os barzinho [a'gɔ'ta] tendo muito show” (agora tá) - DM16
- (7) “acho que ele tem que fazer por ['õnu] decepcionar” (onde não) - LM40
- (8) “não é só Itaúna, Divinópolis, [belori'zõ'nãũ] todo lado” (Belo Horizonte não) - WH38
- (9) “por isso que eu [s'kre'maiz] mais lá” (escrevo mais) - EM39
- (10) “por que não tinha [kausa'mẽ'nesə] rua” (calçamento nessa) – EM39
- (11) “por que minha ['sa'na] oitava série era oitava um” (sala na) - TH18
- (12) “pra ficar [sẽ'tana] pracinha à toa”] senão...” (sentado na) - TH18
- (13) “às vezes pega [dʒĩ'nenu] bolso” (dinheiro no) – DM16
- (14) “muita das vezes também [de'pẽ'mũĩ] da pessoa” (depende muito) - AH34

A identificação de generalizações é indício de que o apagamento da consoante ocorre, além dos casos de compartilhamento simultâneo de ponto e modo entre as consoantes, em alguns casos especiais e pode apresentar diferentes motivações. Vejamos a análise de alguns casos.

4.1. Os pronomes

Os exemplos seguintes mostram o apagamento da sílaba nos itens ELE, ELA e A GENTE.

- (15) “no tempo da ditadura [‘efofi‘mo] formou em direito” (ele formou) – EM39
- (16) “é gelado e [‘e‘tẽi] que aquecer o ambiente dele” (ele tem) - CH33
- (17) “deixaram [‘e‘la] lá nos chagas” (ele lá) - AH18
- (18) “também muito estourada, [‘e‘foi] por causa de conversinha” (ela foi)¹ - DM16
- (19) “queria roubar mesmo... porque [‘eki‘ria] trocar o cheque” (ela queria) - LM17
- (20) “[‘e‘tavə] começando a convulsar” (ela estava) - DM35
- (21) “quando [a‘zẽma‘tavə] matava aula” (a gente matava)² - TH18
- (22) “o que [a‘zẽ‘le] nos jornais é isso” (a gente lê) - LM17
- (23) “vamos esperar vir o calor... [a‘zẽ‘po‘dʒi]” (a gente pode ir) - WH38

Como vemos nos casos apresentados, o apagamento da sílaba ocorre sem compartilhamento simultâneo de ponto e modo entre as consoantes e, quando a sílaba seguinte é acentuada, ou seja, ocorre quando há fatores desfavorecedores do processo.

Ao analisarmos os itens, identificamos que, além dos pronomes ELE, ELA e A GENTE, os pronomes de 3ª pessoa (DELE, DELA, AQUELE e AQUELA) também apresentam alto percentual de apagamento da sílaba. Vejamos a tabela a seguir:

¹ É interessante observar que permanece a marcação de gênero na abertura da vogal tônica.

² Consideramos A GENTE como pronome, apesar de haver discussão sobre essa questão.

TABELA 3

Tabela de contingência para a variável dependente e a variável independente *pronomes* (excluídos os casos de compartilhamento simultâneo de ponto e modo)

Fatores	Forma plena		Apag. vogal		Apag. sílaba		Total
	n	%	n	%	n	%	n
a gente	2	5,13%	19	48,7%	18	46,2%	39
ele	14	12,28%	33	29,00%	67	58,8%	114
ela	17	32,69%	6	11,5%	29	55,8%	52
aquele	4	57,14%	0	0,0%	3	42,9%	7
aquela	0	0,00%	1	20,0%	4	80,0%	5
dele	0	0,00%	9	69,2%	4	30,8%	13
dela	2	40,00%	1	20,0%	2	40,0%	5
Outros pronomes ³	38	34,5%	71	64,5%	1	0,9%	110
Outros itens	281	27,2%	647	62,7%	104	10,1%	1032
Total	358	26,0%	787	57,2%	232	16,8%	1377

A tabela 3 apresenta indícios de que o apagamento da sílaba nos pronomes A GENTE, ELE, ELA, DELE, DELA, AQUELE e AQUELA é bem mais elevado do que entre outros pronomes e entre outros itens.

Para testarmos a significância do efeito dos pronomes, faremos duas análises separadas: uma com os pronomes ELE, ELA, DELE, DELA, AQUELE e AQUELA e outra com o pronome A GENTE.

Para análise dos pronomes ELE, ELA, DELE, DELA, AQUELE e AQUELA serão controladas as variáveis independentes, considerando-se somente as ocorrências constituídas por: vogais finais [ə] e [ɪ], sílaba átona seguinte, fronteira de frase fonológica, sílaba anterior leve. Serão excluídas as ocorrências de compartilhamento simultâneo de ponto e modo e os casos de A GENTE, NOSSA e OLHA, os quais serão testados em seguida. Devido a problemas na distribuição de dados, os pronomes de 3ª pessoa serão agrupados em uma única categoria.

A tabela seguinte apresenta o resultado da regressão para a variável *pronomes* (ELE/ELA/DELE/DELA/AQUELE/AQUELA).

³ Estão inseridos nessa categoria os pronomes ALGUMA, ESSE, ESSA, ISSO, MUITO, MUITA, NENHUMA, NOSSA, TODO, TODA, TUDO e as contrações DESSE, DESSA, DISSO, NESSA, NESSE E NISSO.

TABELA 4

Resultados da análise de regressão multinomial multinível para a variável *pronomes* (ELE/ELA/DELE/DELA/AQUELE/AQUELA x *demais itens*) (incluindo somente: vogais finais [ə] e [ɪ], sílaba átona seguinte, fronteira de frase fonológica, sílaba anterior leve; excluindo as ocorrências de compartilhamento simultâneo de ponto e modo e os casos de A GENTE, NOSSA e OLHA)

		Forma plena	Apag. da vogal			Apag. da sílaba		
Fatores	total	%	%	sig.	PR	%	sig.	PR
Pronomes	84	10,7%	28,6%	0,601	.48	60,7%	<0,01	.80
Demais itens	181	28,7%	61,3%	0,601	.52	9,9%	<0,01	.20
Total	265	23,0%	50,9%			26,0%		

Os resultados apresentados na tabela 4 indicam que, no apagamento da vogal, os pronomes analisados não apresentam efeito diferenciado em relação aos demais itens. Esse resultado corrobora a hipótese de que o apagamento da vogal é um processo fonético-fonológico mais geral, que não tem interação significativa com processos morfossintáticos ou lexicais. O apagamento da sílaba, além de ter motivações fonético-fonológicas (como mostramos nas seções anteriores), sofre outros tipos de interferência. Na tabela 4, vemos que os pronomes de 3ª pessoa (ele(a), dele(a) e aquele(a)) favorecem o apagamento da sílaba.

Para análise do pronome A GENTE serão controladas as variáveis independentes considerando-se somente as ocorrências constituídas por: sílaba final [tʃɪ], sílaba átona seguinte, fronteira de frase fonológica e sílaba anterior pesada. Serão excluídas as ocorrências de compartilhamento simultâneo de ponto e modo.

A tabela seguinte apresenta o resultado da regressão para o pronome A GENTE. Como poderemos observar, no recorte analisado, não há ocorrências com a forma plena da sílaba CV; por isso utilizaremos um modelo de regressão logística (binomial).

TABELA 5

Resultados da análise de regressão logística multinível para a variável *pronomes* (A GENTE *x* demais itens) (incluindo somente: sílaba final [tʃɪ], sílaba átona seguinte, fronteira de frase fonológica e sílaba anterior pesada; excluindo as ocorrências de compartilhamento simultâneo de ponto e modo)

		Apagamento da vogal		Apag. da sílaba	
Fatores	total	%	%	sig.	PR
a gente	20	40,0%	60,0%	0,023	.79
Demais itens	10	90,0%	10,0%		.21
Total	30	56,7%	43,3%		

Os resultados apresentados na tabela 5 indicam que o apagamento da sílaba ocorre significativamente mais no pronome A GENTE do que nos demais itens, indício de que esse apagamento sofre outros tipos de interferência diferentes dos fatores fonético-fonológicos.

Vimos assim que os pronomes em análise não se diferenciam dos demais com relação ao apagamento da vogal, mas sofrem mais apagamento da sílaba. Estudos sobre os pronomes *ele* e *a gente* sustentam a hipótese de que esses itens passaram e estão passando por processos de gramaticalização. Alguns estudos mostram que a redução fonética pode estar relacionada a tais processos (TAMANINE, 2010; MENON, 1995, 1996; ZILLES, 2002; BORGES, 2004; CORREA, 1998, entre outros).

Como vimos, o apagamento da vogal não parece ser uma etapa de um processo de gramaticalização apenas, visto que vários itens passam por esse processo, e não somente os pronomes pessoais. O apagamento da sílaba, quando não há compartilhamento simultâneo de ponto e modo, diferencia alguns pronomes de outros itens. O apagamento da vogal é geral, não é específico dos casos de gramaticalização. O apagamento da sílaba, quando não há compartilhamento de propriedades fonéticas, pode estar relacionado a processos de gramaticalização.

Podemos dizer que os pronomes analisados aqui apresentam apagamento da sílaba em casos nos quais não há motivação estritamente fonético-fonológica (principalmente vogais altas e compartilhamento simultâneo de ponto e modo entre as consoantes), mas não podemos dizer que a redução fonética, de um modo geral, é indício de gramaticalização desses itens, visto que o apagamento da vogal e o apagamento da sílaba com compartilhamento simultâneo de ponto e modo ocorre para todos os itens,

sem diferença estatisticamente significativa. No entanto, o apagamento da sílaba sem que haja compartilhamento simultâneo de ponto e modo diferencia significativamente os pronomes ELE(A), DELE(A), AQUELE(A) e A GENTE dos demais itens.

4.2. Morfemas verbais –va e gerúndio

Morfema –va

Vejamos a distribuição do morfema –va em relação aos demais casos (excluindo-se as ocorrências de compartilhamento simultâneo de ponto e modo):

TABELA 6

Apagamento antes de consoante: Tabela de contingência para a variável dependente e a variável independente *morfema –va*

Fatores	Forma plena		Apag. vogal		Apag. sílaba		Total
	n	%	n	%	N	%	n
Morfema –va	23	29,1%	34	43,0%	22	27,8%	79
Demais casos	317	26,5%	693	57,8%	188	15,7%	1198
Total	340	26,6%	727	56,9%	210	16,4%	1277

Como podemos verificar na tabela anterior, o apagamento do morfema –va em final de sílaba (desinência modo-temporal do pretérito imperfeito do indicativo) ocorreu em 27,8% dos casos (22 casos em 79), enquanto a média de apagamento da sílaba foi de 16,4%. Vejamos alguns exemplos de apagamento da sílaba [v]+vogal:

(24) “quando o professor [ʃe'ga'pefidʒi] mim” (chegava perto de) - CH33

(25) “mas as de matemática também eu [a'ʃa'mais] difícil” (achava mais) - TH18

(26) “aqui também uma vez ele ['tasa'ĩdu] banco” (estava saindo do) - AH18

(27) “uma vez ele ['tapi'jãnu]...” (estava pichando o) - BM40

(28) “foi até uma vez que eu ['takume'sãna] sair” (estava começando a) - DM16

(29) “antigamente [ʃa'madʒi] casa velha” (chamava de) - RH39

(30) “eu tava aqui porque eu ['ta'lẽnu] jornal” (estava lendo o) - EM39

Um aspecto importante para análise do processo de apagamento na sílaba *va* seria identificarmos se é o morfema *-va* que está sendo apagado ou se consiste em outro processo de apagamento. Mendes (1999) cita exemplos de redução da forma verbal ESTAVA em construções do tipo estar+gerúndio. Observe um dos exemplos apresentados pelo autor:

- (31) A Tatá **taa contando** outro dia né (...) que é muito bonita a topografia da cidade (exemplo de Mendes (1999, p. 34))

O exemplo (31) nos dá indícios de que o apagamento da sílaba no morfema *-va* pode envolver processos diferentes do apagamento da sílaba analisado nas seções anteriores, os quais são favorecidos pela vogal alta, pelo compartilhamento de ponto e modo e pela sílaba seguinte átona. O processo aqui parece ser apagamento da consoante /v/ e posterior degeminação das vogais /aa/.

Nos dados analisados, há um caso (em seis) de apagamento de *va* não morfema:

- (32) “tinha que estudar mesmo pra ['prɔpu'ke] senão, o bicho pegava pro meu lado” (prova porque) - TH18

Somente uma ocorrência de apagamento não será suficiente para testarmos estatisticamente a diferença entre morfema *va* e a sílaba *va* não morfema. Essa ocorrência, entretanto, é uma demonstração de que o apagamento também é variável quando a sílaba *va* não é morfema. Estudos futuros poderão esclarecer melhor essa questão.

Gerúndio

Nos verbos no gerúndio, em 100% dos casos analisados, não se observa a realização fonética da consoante [d] na sílaba final. Observamos, isto sim, a consoante /n/ (por exemplo, LEVANO, CHEGANO, PEDALANO, etc.). Esse processo é tradicionalmente explicado pela assimilação de propriedades da consoante nasal [n] (desde Amaral (1920), Nascentes (1953), entre outros). No banco de dados analisado neste trabalho, a realização da sílaba formada por [n] mais vogal foi categorizada como *forma plena*, o apagamento da vogal de tal sílaba foi categorizado como *apagamento da vogal* e o apagamento da sílaba formada por [n] mais vogal foi categorizado como *apagamento da sílaba*.

O processo de apagamento nos gerúndios diferencia-se, assim, do apagamento do morfema *-va* porque, no caso dos gerúndios, há um contexto

nasal favorecedor que leva o /d/ a assimilar o traço nasal. A variação nos gerúndios aqui, entretanto, não envolve o fonema /d/, mas o apagamento da vogal e da sílaba /no/ (como em CANTANDO: [kã'tãnu] ~ [kã'tãn] ~ [kã'tã]). Vejamos a distribuição dos dados de gerúndio e de outros morfemas. Na tabela abaixo foram excluídos os casos de compartilhamento simultâneo de ponto e modo. Foram incluídos somente os casos de vogal [u] na sílaba CV, já que todos os gerúndios apresentam essa vogal e, como vimos, vogais altas favorecem os processos de apagamento da vogal e apagamento da sílaba. Excluímos também o item MESMO, visto que, como veremos nas seções seguintes, esse item apresenta-se como altamente favorecedor do apagamento da sílaba. Vejamos a distribuição dos dados em relação à variável *morfema*:

TABELA 7

Tabela de contingência para a variável dependente e a variável independente *morfema* (somente vogal [u] na sílaba CV, sem compartilhamento simultâneo de ponto e modo, excluído o item MESMO)

Fatores	Forma plena		Apag. vogal		Apag. sílaba		Total
	n	%	n	%	n	%	n
Gerúndio	0	0,0%	39	75,0%	13	25,0%	52
Derivacional	1	5,9%	15	88,2%	1	5,9%	17
Particípio	3	13,6%	18	81,8%	1	4,5%	22
Flexão verbal	4	2,8%	131	91,0%	9	6,3%	144
Sem flexão/derivação	33	12,1%	229	83,9%	11	4,0%	273
Total	41	8,1%	432	85,0%	35	6,9%	508

Qui-quadrado = 44,319; df=8; signif. = <0,01

Analisando os resultados da tabela anterior, vemos que o percentual de apagamento da sílaba é muito superior nos gerúndios em relação a outros morfemas. Os gerúndios apresentam 25% de apagamento da sílaba enquanto o apagamento médio é de 6,9%. Constatamos também que não ocorreu realização plena da sílaba /no/ nos 52 casos de gerúndio analisados. No caso dos gerúndios temos uma oposição entre o apagamento da vogal (75%) e o apagamento da sílaba (25%).

A ausência de dados de forma plena nos gerúndios é um indício de que os gerúndios são um caso especial de apagamento. Além disso, tal ausência dificulta que testes comparativos com outros morfemas, ou com não morfema, sejam realizados, visto que a variável dependente não será a mesma entre os

gerúndios e entre os outros casos. Temos indícios, analisando a distribuição dos morfemas em relação à variável independente, de que o apagamento da sílaba nos gerúndios diferencia-se do apagamento nos demais casos. Estudos posteriores poderão atestar os indícios levantados aqui e apresentar uma análise mais aprofundada do apagamento da sílaba nos gerúndios.

4.3. Verbos auxiliares

Vejamos os casos de apagamento da sílaba em verbos auxiliares em Itaúna/MG:

- (33) “eu falava com eles [‘põmi] deixar aqui na rua” (pode me) - EM39
- (34) “às vezes a gente falava assim [‘põde'xa]” (pode deixar) - EM39
- (35) “o guarda foi falou assim que isso [‘põfa'ze] isso não” (pode fazer) - DM16
- (36) “ela [‘de'te] na faixa de uns quarenta e cinco anos” (deve ter) - AH18
- (37) “já [‘de'te] mais ou menos uns uns quatro anos” (deve ter) - DM35
- (38) “...[de'se] horrível...” (deve ser) - IM15
- (39) “eu tava aqui porque eu [‘ta'lẽnu] jornal” (estava lendo o) - EM39
- (40) “nós sabia que [‘ta'sẽn] sendo vigiado” (estava sendo) - EM39
- (41) “aqui também uma vez ele [‘tasa'ĩdu] banco” (estava saindo do) - AH18
- (42) “uma vez ele [‘tapi'fãnu]...” (estava pixando o) - BM40
- (43) “foi até uma vez que eu [‘takume'sãna] sair” (estava começando a) - DM16

Como vemos nos exemplos, os casos de apagamento da sílaba estão relacionados aos verbos ESTAR, PODER e DEVER, todos funcionando como verbos auxiliares.

Mendes (1999) desenvolve um estudo sobre a gramaticalização da construção estar+gerúndio. O autor afirma que

A teoria sobre gramaticalização prevê, para o caso dos verbos, que a partir do seu uso como marcador gramatical, o auxiliar tende a sofrer erosão, ou seja, sua substância fonética é passível de ser reduzida, tornando-se mais dependente do verbo principal. (MENDES, 1999, p. 33)

Mendes (1999) apresenta as fases do processo de gramaticalização em verbos: verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero. O estudo

fornece indícios de que o auxiliar passa por um processo de morfologização (cliticização seguida de afixação ao gerúndio) por meio de evidências de que o uso da forma reduzida (*tá*) inibe a inserção de elementos entre o auxiliar e o gerúndio, o que mostra que “a forma reduzida é mais coalescente ao gerúndio” (p. 104).

Paula (2009) apresenta um estudo sobre a gramaticalização do verbo PODER em Ouro Preto/MG. De acordo com a autora, o verbo apresenta-se na forma reduzida em construções como *pó falá*, *pó fazê*, resultantes da perda fonética devido à gramaticalização dessa forma verbal. Paula (2009) conclui que

Frente às análises empreendidas, foi possível perceber que a redução fonética do verbo PODER (*pó*) em formas perifrásticas (ou locuções verbais) do dialeto mineiro não é apenas fruto de uma tendência linguística característica dessa região, mas resulta de seu processo de gramaticalização, que já se encontra em estágio bastante adiantado na língua, a julgar pelos outros critérios por nós analisados. (PAULA, 2009, p. 7)

Coelho e Paula (2011), analisando as reduções fonéticas do verbo PODER nas cidades de Ouro Preto e Belo Horizonte, concluem que “a erosão fonética é determinada por fatores de natureza sintática, fonética e morfológica”. As autoras mostram que o apagamento de PODE para *pó* “só ocorre quando esse verbo se junta à forma nominal de infinitivo, para construir uma locução verbal [...]” (COELHO; PAULA, 2011, p. 106). De acordo com as autoras, isso demonstra que a redução é resultante da gramaticalização de PODE.

Pereira (2011) apresenta um estudo sobre a gramaticalização dos verbos PODER e DEVER. De acordo com o autor, os verbos “[...] são, de fato, verbos gramaticalizados, que possuem grau de vinculação muito forte com os verbos principais [...]”.

Analisaremos a diferença entre o efeito associado aos verbos auxiliares e o efeito médio por meio de uma variável denominada *verbos auxiliares*, no qual serão contrapostas as categorias *verbo auxiliar* e *outros itens*. Serão controladas as variáveis independentes considerando-se somente as ocorrências constituídas por: vogal final [ə] e [ɪ], sílaba átona seguinte e sílaba anterior leve. Serão excluídas as ocorrências de compartilhamento simultâneo de ponto e modo, os pronomes ELE, ELA, DELE, DELA, AQUELE, AQUELA, A GENTE e os itens NOSSA, OLHA e MESMO.

As variáveis *fronteira de constituintes prosódicos* e *gênero* serão inseridas na regressão para controlar seus efeitos.

Vejamos a tabela com os resultados da regressão para a variável *verbos auxiliares*.

TABELA 8
Resultados da análise de regressão multinomial multinível
para a variável *verbos auxiliares*

		Forma plena	Apag. da vogal			Apag. da sílaba		
Fatores	Total	%	%	sig.	PR	%	sig.	PR
Verbos auxiliares	28	28,6%	53,6%	0,379	.31	17,9%	0,500	.59
Demais itens	201	29,4%	62,2%	0,379	.69	8,5%	0,500	.41
Total	229	29,3%	61,1%			9,6%		

Os resultados mostram que não se pode comprovar a maior probabilidade de apagamento da sílaba entre os *verbos auxiliares* (sig=0,875), o que significa que, sob esse aspecto, de modo geral, não se pode verificar a relação entre gramaticalização de verbos e o apagamento de segmentos.

4.4. Preposição DE seguinte

Muitos dos casos de apagamento da sílaba seguinte sem que haja compartilhamento simultâneo de ponto e modo entre as consoantes envolvidas (*elisão silábica*) apresentam preposição DE seguinte.

Mendes (2009), sobre a *haplologia* em Belo Horizonte, afirma, referindo-se à preposição DE, que “a maioria das fronteiras propícias à *haplologia* é seguida de preposição” (p. 38). A justificativa para isso, de acordo com a autora, seria, nos casos em que a sílaba final é átona, a existência de uma sequência de duas sílabas átonas.

Para testarmos a interferência da preposição DE seguinte no apagamento da sílaba, criamos uma nova variável considerando os fatores *preposição DE*, *outras preposições* e *demais casos*. O objetivo é identificar a diferença entre o efeito associado à preposição DE em relação aos demais fatores. Excluímos, de tal análise, os casos de compartilhamento simultâneo de ponto e modo, os pronomes ELE(A), AQUELE(A), DELE(A) e A GENTE, os gerúndios e os itens OLHA, NOSSA e MESMO.

Em um modelo de regressão no qual foram inseridas as variáveis *preposição DE*, *gênero*, *vogal da sílaba CV*, *compartilhamento de propriedades fonéticas entre as consoantes*, *peso da sílaba anterior*, *acento da sílaba seguinte* e *constituintes prosódicos*, verificamos que o modelo que inclui a variável *preposição DE* não apresenta diferença estatisticamente significativa do modelo sem tal variável. Isso indica que essa variável não é estatisticamente significativa ($p\text{-valor}=0,112$).

Vejamos abaixo a distribuição da variável *preposição DE*.

TABELA 9

Tabela de contingência para a variável dependente e a variável independente *preposição DE seguinte*

Fatores	Forma plena		Apag. vogal		Apag. sílaba		Total
	n	%	N	%	n	%	n
Preposição de ⁴	25	23,4%	67	62,6%	15	14,0%	107
Outras preposições	22	22,9%	68	70,8%	6	6,3%	96
Demais casos	243	29,3%	542	65,5%	43	5,2%	828
Total	290	28,1%	677	65,7%	64	6,2%	1031

Como podemos observar na tabela 9, a preposição *DE* apresenta percentual mais elevado de apagamento da sílaba. Esse efeito não se verifica na regressão, quando as demais variáveis independentes são controladas (a variável *preposição DE* não é estatisticamente significativa).

Analizando as preposições seguintes vemos que, das 96 ocorrências, há somente quatro casos em que a sílaba inicial é tônica, todos os demais são monossílabos átonos (com, na, no, por, etc.). Assim, grande parte das preposições inseridas na categoria *outras preposições* são átonas, o que constituiria, também, um contexto favorecedor para o apagamento da sílaba. A ausência de significância estatística para a variável pode estar associada ao controle da variável *acento* na análise multivariada.

Vejamos a seguir os 15 casos de apagamento da sílaba seguida de preposição *DE*:

(44) “não tem nada a perder... por ['kadʒi] um som...” (causa de) - RH17

(45) “ela foi, por ['kadʒi] conversinha” (causa de) - DM16

⁴ Foram incluídas nesse fator as contrações da preposição *DE* com artigos (DA(S)).

- (46) “me arrependi muito depois... por ['kadʒi] coisa pouca” (causa de) - NM16
- (47) “um certo tempo atrás, por ['kadʒi] conversa dos outros” (causa de) - DM16
- (48) “eu estou te falando no ['kadu] estopim curto” (caso do estopim) - AH34
- (49) “então isso é ['koidə] da política” (coisa da) - EM39
- (50) “isso era mais por ['kadu] professor mesmo” (causa do) - TH18
- (51) “dormiram na ['kadu] gerente” (casa do) - AH18
- (52) “era jogo do Brasil... é ... na ['kadu] Pedro” (casa do) - IM15
- (53) “ninguém tem que jogar a sujeira [dʒi'badu] tapete não” (debaixo do) - EM39
- (54) “medo dele estar correndo ['hizdʒi] de vida” (risco de) - EM39
- (55) “na Orbit ali, ['pahtspozi'saũ] exposição de exposição” (parque de exposição) - AH18
- (56) “roubou o som do carro do meu pai, o ['kadu] meu pai aqui dentro” (carro do) - RH17
- (57) “e era o som do ['kadu] meu pai” (carro do) - RH17
- (58) “ela deve ter na ['fadũs] quarenta e cinco anos” (faixa de uns) - AH18

Observando os casos de apagamento da sílaba seguida de preposição DE, vemos que, em nove casos (num total de 15), a consoante da sílaba apagada foi a consoante /z/. Algum processo fonético-fonológico envolvendo essa consoante pode estar atuando mais nesses casos, por exemplo, o compartilhamento de traços [+anterior] e [+coronal]. Estudos futuros poderão elucidar melhor os aspectos levantados nesta seção.

4.5. Os itens NOSSA, OLHA e MESMO

O item NOSSA

Vejamos as ocorrências do item NOSSA sem apagamento da sílaba:

- (59) – você lembra de alguma história que você aprontou? – “['nɔsasi'nɔrə] tanta coisa que eu aprontei na escola” (nossa senhora) - CH33
- (60) – você deve ter sentido demais (a morte do hamster) – “['nɔsasi'nɔrə] demais... era o topo gigio” (nossa senhora) - CH33

- (61) – nossa... você devia ter tido uma dor... – “[‘nɔsaĩ'nɔrə] demais” (nossa senhora) - FH16
- (62) “[‘nɔsə'mũĩtu] mesmo... e sempre dedicando então melhor mais ainda” (nossa muito) - DM35
- (63) “não sei se é porque [‘nɔsəfə'miliə] é muito conhecida aqui em Itaúna” (nossa família) - RH39
- (64) “[‘nɔsa'sa'lerə] muito unida” (nossa sala) - TH18

Observando as ocorrências anteriores (de realização da forma plena em NOSSA), vemos dois casos nos quais o item NOSSA funciona como pronome possessivo (NOSSA FAMÍLIA e NOSSA SALA), três casos nos quais o item está associado ao item SENHORA, formando a interjeição NOSSA SENHORA! (cf. RAMOS, 2010) e um caso do item NOSSA (como interjeição).

Vejam as ocorrências do item NOSSA com apagamento da sílaba:

- (65) “[‘nɔʒẽtʃ]... eu num gosto nem de lembrar” (nossa gente) - DM16
- (66) “eu já estou... [‘nɔsou'tānus] cachorro” (nossa soltando os) - NM16

Observando as duas ocorrências anteriores (de apagamento da sílaba em NOSSA), vemos que os casos referem-se ao item NOSSA sendo utilizado como interjeição. Apesar de haver poucos dados, vemos que as duas únicas ocorrências do item NOSSA como pronome possessivo realizaram-se na forma plena.

Ramos (2010) apresenta o percurso de gramaticalização da expressão NOSSA SENHORA como:

Nossa Senhora > Nossa Senhora! > Nossa! > Nó > Nu

A autora argumenta que os itens “NOSSA SENHORA!, NOSSA!, NÓ! NU! podem ser identificados como manifestações de um processo de gramaticalização, isto é, um *continuum* que tem como ponto de partida um item lexical [+referencial] e como ponto de chegada um item [-referencial]” (p. 329).

Os exemplos apresentados anteriormente nos mostram que o apagamento da sílaba na expressão NOSSA vai além dos contextos tidos como favorecedores para o processo geral (favorecido pelo traço [+alto] da vogal, pelo compartilhamento simultâneo de ponto e modo entre as consoantes e pela atonicidade da sílaba seguinte).

O item OLHA

Situação semelhante ao item NOSSA ocorre, ao que parece, com o item OLHA. Vejamos os exemplos seguintes:

Forma plena

- (67) “acho que hoje a pessoa [ˈɔʎə] muito para o próprio umbigo” (olha) - NM16
- (68) – você acha que tem crescido na cidade hoje... o povo assaltando? – [ˈɔʎə]... a gente vê não... graças a Deus não” (olha) - WH38

Apagamento da sílaba

- (69) “[ɔ] na época eu acredito que ele devia ter na faixa de uns vinte e sete anos” (olha) - AH34
- (70) “eu só lembro assim por causa da data... geralmente... [ˈɔp'se've]... nem vai acontecer daqui a duas semanas” (olha para você ver) - DM35

Sobre o verbo OLHAR, Mollica *et al.* (2012) apresentam um estudo com o intuito de verificar “se houve de fato o processo histórico de resignificação da forma verbal plena de OLHAR até seu emprego como marcador discursivo esvaziado de sentido” (p. 2). Entre os resultados, o estudo mostra a presença de ambas as formas no português (OLHA e Ó) desde o século XIV. O estudo busca ainda

[...] demonstrar que, diacronicamente, ocorreu esvaziamento de sentido do verbo olhar numa trajetória com traços plenos, na sua origem, a empregos discursivos com função interacional, especialmente pela erosão fonética [...]
(MOLLICA *et al.*, 2012, p. 2)

Apesar de haver poucos dados sobre a expressão OLHA, podemos dizer que há indícios de que o apagamento da sílaba nessa expressão pode estar associado à sua gramaticalização. No exemplo (67) vemos o verbo OLHA mantendo seu significado lexical. Nos casos de apagamento da sílaba, o verbo é utilizado como interjeição.

O item MESMO

Vejamos a realização do apagamento da vogal e da sílaba no item MESMO em relação aos demais itens (excluídos os casos de compartilhamento

simultâneo de ponto e modo, os pronomes ELE(A), AQUELE(A), DELE(A) e A GENTE, os gerúndios, os itens OLHA e NOSSA e considerando somente os casos de vogal final [u]).

TABELA 10
Tabela de contingência para a variável dependente
e a variável independente *mesmo x demais itens*

Fatores	Forma plena		Apag. vogal		Apag. sílaba		Total
	n	%	n	%	n	%	n
Mesmo	1	4,8%	4	19,1%	16	76,1%	21
Demais itens	40	8,8%	393	86,4%	22	4,8%	455
Total	41	8,6%	397	83,4%	38	8,0%	476

Como podemos observar na tabela acima, o percentual de apagamento da sílaba no item MESMO (76,1%) é muito superior ao apagamento nos demais casos (4,8%).

O fato de o item MESMO apresentar percentual significativamente mais alto de apagamento da sílaba poderia estar associado à frequência de ocorrência do item.

A tabela seguinte apresenta uma lista do 10 itens mais frequentes nesta pesquisa. Como podemos observar, o item MESMO, assim como os itens ELE, ELA e A GENTE estão entre os 10 itens mais frequentes no *corpus*.

TABELA 11
Frequência de ocorrência dos itens mais frequentes no *corpus* da pesquisa

Itens	n	%
ele	118	7,5
acho	84	5,4
muito	55	3,5
ela	53	3,4
a gente	52	3,3
era	34	2,2
estava	31	2,0
muita	24	1,5
coisa	23	1,5
mesmo	21	1,3
Outros itens	1070	68,4
Total	1565	100,0

Vejamos abaixo a realização do apagamento da vogal e do apagamento da sílaba entre os itens mais frequentes (excluindo-se os casos de compartilhamento simultâneo de ponto e modo).

TABELA 12
Tabela de contingência para a variável dependente
e os itens mais frequentes

Fatores	Forma plena		Apag. vogal		Apag. sílaba		Total
	n	%	n	%	n	%	n
ele	14	12,3%	33	28,9%	67	58,8%	114
acho	0	0,0%	84	100,0%	0	0,0%	84
ela	17	32,7%	6	11,5%	29	55,8%	52
muito	10	25,0%	30	75,0%	0	0,0%	40
a gente	2	5,1%	19	48,7%	18	46,2%	39
era	28	82,4%	6	17,6%	0	0,0%	34
estava	11	34,4%	17	53,1%	4	12,5%	32
mesmo	1	4,8%	4	19,0%	16	76,2%	21
coisa	4	22,2%	11	61,1%	3	16,7%	18
isso	1	6,7%	14	93,3%	0	0,0%	15
Outros itens	270	29,1%	563	60,7%	95	10,2%	928
Total	358	26,0%	787	57,2%	232	16,8%	1377

Observando a tabela acima, vemos que alguns itens muito frequentes, como ACHO, MUITO, ERA e ISSO não apresentam nenhum caso de apagamento da sílaba. Além disso, com exceção do item COISA, todas as demais ocorrências de apagamento da sílaba referem-se a casos especiais analisados nesta seção: ELE, A GENTE, ELA, MESMO e ESTAVA (verbo auxiliar). Podemos concluir, com isso, que não se pode estabelecer sempre relação entre o apagamento da sílaba sem compartilhamento simultâneo de ponto e modo e a frequência de ocorrência do item lexical.⁵ Tal apagamento, nesse caso, pode estar associado a processos de gramaticalização do item.

⁵ Outros estudos mais controlados devem ser feitos em relação à frequência do item.

4.6. Haplologia e Elisão silábica

Em Oliveira e Viegas (no prelo), demonstramos que os processos de apagamento da vogal e da sílaba são diferentes nos casos nos quais as consoantes envolvidas compartilham ponto e modo em relação aos demais casos (somente ponto, somente modo e nenhum compartilhamento). Esses processos foram denominados *haplologia* e *elisão silábica*. Vimos ainda que o processo de apagamento da sílaba envolve, pelo menos, dois estágios: o apagamento da vogal e o apagamento da consoante. Constatamos que *haplologia* e *elisão silábica* diferenciam-se somente após o apagamento da vogal, visto que, em ambos os processos, vogais mais altas são mais apagadas.

As tabelas a seguir apresentam os resultados por meio de dois modelos rodados separadamente: um contendo os dados de *haplologia* e outro contendo os dados de *elisão silábica*. Uma nova variável independente, denominada *casos especiais*, foi inserida em ambos os modelos. Foram codificados como casos especiais os pronomes ELE/ELA/DELE/DELA/AQUELE/AQUELA e A GENTE, os itens MESMO, NOSSA e OLHA e os gerúndios.

Ao se analisarem esses dados na Geometria de Traços (CLEMENTS e HUME, 1995), o traço [nasal] positivo pode ser considerado desfavorecedor do apagamento da sílaba quando as consoantes não compartilham ponto e modo simultaneamente (*elisão silábica*). Isso não ocorre nos casos de *haplologia*. Esse traço não interfere significativamente na *haplologia*. O resultado nos dá indícios de que o traço [nasal] é considerado na realização da *elisão silábica*, mas não na *haplologia*. Isso pode ser indício de que, na *elisão silábica*, consideram-se traços acima do nó cavidade oral, ou seja, traços do nó raiz até os nós terminais; já na *haplologia*, consideram-se traços abaixo do nó cavidade oral até os nós terminais. Assim, evidencia-se uma diferenciação nos domínios.⁶

⁶ Essa análise será feita mais detalhadamente em outro texto. É preciso analisar ainda o vozeamento da consoante da sílaba.

TABELA 13

Elisão silábica: modelo final de regressão multinomial multinível

Variável independente	Fatores	MODELO 1: <i>Elisão silábica</i>							
		Apagamento da vogal				Apagamento da sílaba			
		Total	%	sig.	P.R.	%	sig.	P.R.	
Vogal da sílaba CV	[ə]	547	32,0%	<0,01	.14	14,3%	<0,01	.26	
	[ɪ]	301	58,5%	<0,01	.72	34,2%	<0,01	.68	
	[u]	529	82,4%	<0,01	.76	9,6%	0,017	.61	
Casos especiais	especiais casos	313	35,8%	0,255	.46	50,8%	<0,01	.78	
	demais casos	1064	63,4%	0,255	.54	6,9%	<0,01	.22	
Acento da sílaba seguinte	átomo	719	65,9%	<0,01	.73	18,8%	<0,01	.87	
	lexical	526	46,2%	<0,01	.40	17,5%	0,988	.50	
	principal	132	53,0%	<0,01	.34	3,8%	<0,01	.19	
Gênero	masculino	689	63,0%	<0,01	.62	15,8%	<0,01	.59	
	feminino	688	51,3%	<0,01	.38	17,9%	<0,01	.41	
Total		1377	57,2%			16,8%			

TABELA 14

Haplologia: modelo final de regressão multinomial multinível

Variável independente	Fatores	MODELO 2: <i>Haplologia</i>							
		Apagamento da vogal				Apagamento da sílaba			
		Total	%	sig.	P.R.	%	sig.	P.R.	
Vogal da sílaba CV	[ə]	52	17,3%	<0,01	.12	36,5%	<0,01	.09	
	[ɪ]	52	26,9%	0,014	.85	71,2%	0,026	.83	
	[u]	84	14,3%	0,727	.55	81,0%	0,122	.69	
Total		188	18,6%			66,0%			

Comparando os resultados apresentados na tabela 2 e os resultados das tabelas 13 e 14 pode-se concluir que:

1. O efeito da variável vogal da sílaba CV se mantém: para ambos os processos (*haplologia* e *elisão silábica*), vogais mais altas (mais reduzidas foneticamente) são mais apagadas. O efeito das vogais altas [ɪ] e [u] não é estatisticamente diferente em nenhum dos processos. Podemos dizer com isso que o processo de apagamento é um só e não distingue *haplologia* de *elisão*. A distinção entre esses processos se dá após o apagamento da vogal, ou seja, no apagamento da consoante.
2. Após o apagamento da vogal, a consoante é, na maioria das vezes, apagada quando esta compartilha ponto e modo com a consoante seguinte (*haplologia*). Outros fatores analisados na pesquisa (sociais,

prosódicos, métricos, morfológicos e a gramaticalização) não têm interferência na *haplologia*.

3. Além da influência da vogal, a *elisão silábica* é favorecida por fatores sociais, métricos, morfológicos e relacionados a prováveis processos de gramaticalização.
4. Como observamos na tabela 13, a *elisão silábica* é altamente favorecida entre os itens considerados especiais nesta pesquisa (os pronomes ELE(A), DELE(A), AQUELE(A) e A GENTE, os gerúndios e os itens MESMO, NOSSA e OLHA). Como vimos anteriormente, o apagamento da sílaba na *elisão silábica* não está relacionado a aspectos fonético-fonológicos somente, mas sofre também interferência de processos de gramaticalização e, provavelmente, morfológicos (no caso dos gerúndios). Vimos que, nesses casos, a frequência de ocorrência de um item não é suficiente para explicar o apagamento, visto que itens muito frequentes podem não apresentar apagamento da sílaba. Na *haplologia*, não se pode dizer que os casos considerados especiais apresentam apagamento da sílaba significativamente maior do que os demais casos.

5. Considerações finais

Com base na análise da variação na sílaba CV final átona, pudemos constatar que o apagamento da vogal é um processo fonético-fonológico mais geral, que não tem interação significativa com processos morfossintáticos ou lexicais. Da mesma forma, a *haplologia* (apagamento da sílaba nos casos de compartilhamento de ponto e modo entre as consoantes envolvidas) também pôde ser explicada somente por aspectos fonético-fonológicos (no nível segmental). Não parece haver, para esses casos de apagamento, motivações de outra natureza.

Em contrapartida, vimos que a *elisão silábica* (apagamento da sílaba sem compartilhamento simultâneo de ponto e modo entre as consoantes) ocorre por razões diferenciadas e pode estar relacionada, na maior parte dos casos, a processos de gramaticalização de certos itens.

É importante que estudos que investiguem a relação entre redução fonética e processos de gramaticalização controlem aspectos fonético-fonológicos (segmentais, métricos e prosódicos), para que se possa, assim, isolar o efeito da gramaticalização dos efeitos de motivação fonético-fonológica. Para casos de apagamento na sílaba final, como os que analisamos

aqui, o ideal é que sejam analisados os casos de *elisão silábica*. Ainda assim, seria importante a comparação entre os itens em análise e outros itens foneticamente similares (na análise de A GENTE, por exemplo, seria importante investigar a elisão silábica em itens terminados em *ente*). A redução fonética associada à gramaticalização deve ser um processo diferenciado da redução de motivação estritamente fonético-fonológica.

Referências

- ALKMIM, T. M.; GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaios de Linguística*, n. 7, p. 43-51, 1982.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.
- BATTISTI, Elisa. Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 3, p. 73-88, 2005.
- BATTISTI, E. Haplologia sintática e efeitos da economia. *Organon*, Porto Alegre, RS, v. 18, n. 36, 2004.
- BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2004.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- COELHO, Sueli Maria; PAULA, Thaís Franco de. Estudo do processo de gramaticalização do verbo poder no dialeto mineiro: análise comparativa entre o dialeto belo-horizontino e o dialeto ouro-pretano. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 19, p. 87-113, 2011.
- CORRÊA, L. T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- GONÇALVES, S. C. L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L. et al. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Coord.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elisabeth; HEINE, Bernd (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOSMER, David W.; LEMESHOW, Stanley. *Applied logistic regression*. 2nd ed. New York: Wiley, 2000.
- KAYNE, R. *French Syntax: The Transformational Cycle*. Cambridge, MA: MIT Press, 1975.
- KENT, R. D.; READ, C. *Acoustic analysis of speech*. 2. ed. Thomson Learning, 1992.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LADEFOGED, Peter. *A course in phonetics*. Orlando: Harcourt Brace, 2001.
- LEAL, Eneida Gomes. *Elisão silábica e haplologia. Aspectos fonológicos da fala da cidade paulista de Capivari*. 2006. Dissertação (Mestrado) – USP, São Paulo, 2006.
- LEBEN, William. *Suprasegmental Phonology*. 1973. PhD (Dissertation) – MIT. Distributed by Indiana University Linguistics Club, 1973.
- LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de a gente em português de tempo real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Forum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 47-80, jul. 2004.
- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v.18, 2003.
- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].
- MENDES, R. B. *A gramaticalização da perífrase estar + gerúndio no Português Falado*. 1999. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 1999.
- MENDES, Regina Maria Gonçalves. *A haplologia no português de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) – PUC-MG, Belo Horizonte, 2009.

- MENON, O. P. S. A gente: um processo de gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, Taubaté. (Anais do Seminário do GEL), XXV: p. 622-628, 1996.
- MENON, O. P. S. A gente, eu e nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil? In: MOURA, M. D. (Org.). *Anais do II Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita* - ELFE. UFAL, Maceió, p. 397-403, 1995.
- MENON, O. P. S. A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006. p. 125-167.
- MOLLICA, Maria Cecília *et al.* Os caminhos do 'olha' na história e na aquisição. *Web-Revista Sociodialeto*, Campo Grande, v. 1, n. 6, 2012.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA, Alan Jardel. Análise quantitativa no estudo da variação linguística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 17, p. 93-119, 2009.
- OLIVEIRA, Alan Jardel. "*Comendo o final das palavras*" [manuscrito]: análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna/MG, Belo Horizonte, FALE/UFGM, Tese de doutorado, 2012.
- OLIVEIRA, Alan Jardel; VIEGAS, Maria do Carmo. Análise variacionista da haplogogia e da elisão silábica em Itaúna/MG: caracterização e distinção dos processos. *Linguística in Focus*. Uberlândia: EDUFU, (No prelo).
- PAULA, Thaís Franco de. Contextos de redução fonética do verbo "poder" no dialeto mineiro. Ouro Preto, *II Encontro Memorial (UFOP)*, 2009.
- PAVEZI, Vanessa Cristina. *A haplogogia na variedade paulista*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Paulista, São José do Rio Preto, 2006.
- PEREIRA, G. L. M. *Um estudo sintático, semântico e pragmático dos verbos "poder" e "dever"*. 2011. Dissertação (Mestrado) – PUC-MG, Belo Horizonte, 2011.
- RAMOS, J. Interjeição e gramaticalização: nó! e Nossa Senhora!. In: VITRAL, E.; COELHO, S. *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Mercado das Letras, 2010.
- TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal NÓS/A GENTE e a gramaticalização de A GENTE na cidade de Curitiba* - PR. 2010. Tese (Doutorado) – UFPR, Curitiba, 2010.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português*. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel. Apagamento da vogal em sílaba // V átona final em Itaúna/MG e atuação lexical. *Revista da ABRALIN*, v. 2, p. 119-138, 2008.

VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel. Apagamento de //v em sílaba átona final em Itaúna - Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci (Org.). *Para a história do português brasileiro: vozes, veredas, voragens*. Londrina: Eduel, 2009. v. VII, p. 393-409.

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of a gente in Brazilian Portuguese. In: JOHNSON, D. E.; SANCHES, T. (Ed.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* (papers from NWAV 30), v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

ZWICKY, A. *On Clitics*. Bloomington: IULC, 1977.

Variação das vogais médias anteriores em início de palavra e em encontro vocálico – sílabas pré-tônicas em três falares mineiros: o tratamento dos dados

Melina Rezende Dias
FATEC-SENAI/BH
Maria do Carmo Viegas
UFMG

1. Introdução

Neste texto, estudaremos a variação das vogais médias pré-tônicas anteriores em início de palavra e em encontro vocálico em três falares mineiros: Piranga, Zona da Mata mineira, Ouro Branco, Região Central de Minas, e Machacalis, situada no Vale do Mucuri. Os municípios aqui selecionados pertencem a áreas dialetais diferentes, conforme Nascentes (1953): Piranga estaria na área de falar fluminense, Ouro Branco estaria na área de falar mineiro e Machacalis na área de falar baiano. Vejamos:

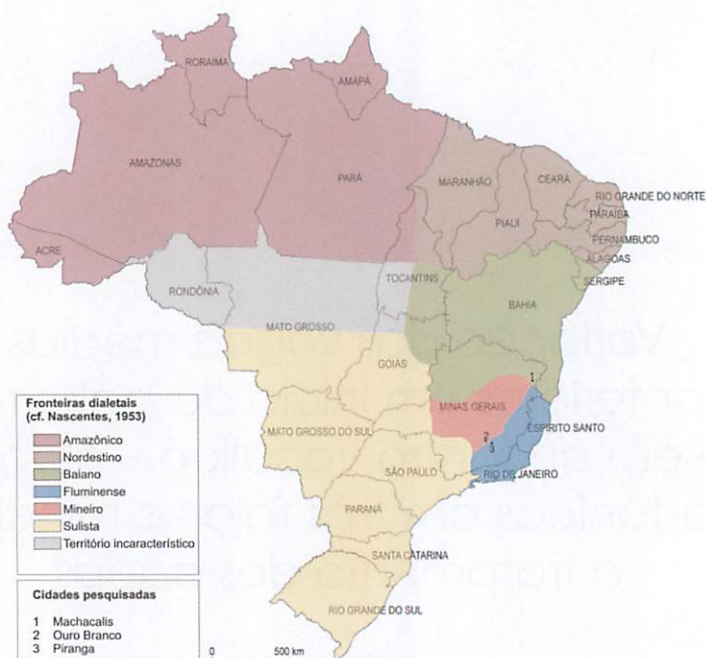


FIGURA 1 - Mapa oficial do Brasil destacando as áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) - localização das cidades de Ouro Branco, Piranga e Machacalis.
Fonte: OLIVEIRA, 2012, p. 27.

Interessa-nos descrever, nos vários falares mencionados, as realizações que envolvem tal vogal pré-tônica em início de palavra e em encontros vocálicos, pois alguns estudos consideram a hipótese de a realização nesses contextos ser diferente das pré-tônicas em geral (VIEGAS, 2001, entre outros). Se assim o for, providências devem ser tomadas em relação ao tratamento dos dados. Estamos, pois, analisando como tratar esses dados.

Consideramos de máxima importância o fato de haver comparabilidade entre os *corpora* dos três municípios estudados. O banco de dados de Piranga e Ouro Branco foi constituído na pesquisa de Dias (2008); o banco de dados de Machacalis, na pesquisa de Almeida (2008). Ambos os bancos foram constituídos no âmbito do VARFON-Minas/CNPq. Essa comparabilidade entre os bancos pode ser descrita em vários aspectos, entre eles: as variáveis dependentes e independentes foram categorizadas da mesma forma, a codificação realizada também foi a mesma, assim como os métodos de coleta e transcrição de dados.

2. Início de palavra

Em início de palavra, o alçamento é quase categórico quando a palavra começa com /e/ em sílaba travada por /s/ ou /n/. São casos como: iscola, iscreve, ixplica, imbora, intão, intrar.

Observemos as tabelas a seguir:

TABELA 1
Realização da pré-tônica inicial travada por /s/
em três cidades mineiras no estilo entrevista

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	10	15	5
	%	3,1	4,7	1,6
i	n	317	305	305
	%	96,9	95,3	95,0
ε	n	0	0	11
	%	0,0	0,0	3,4
Total	n	327	320	321
	%	100,0	100,0	100,0

TABELA 2
Realização da pré-tônica inicial travada por /n/
em três cidades mineiras no estilo entrevista

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	10	2	16
	%	2,4	0,5	4,0
i	n	406	371	384
	%	97,6	99,5	96,0
ε	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	416	373	400
	%	100,0	100,0	100,0

Vamos comparar essas duas tabelas com outras em que o alçamento ocorre em vogal que não seja inicial, também travada por /s/ ou /n/: pesquisa, sintia.

TABELA 3

Realização da vogal pré-tônica não inicial – sílaba travada por /s/ em três cidades mineiras no estilo entrevista

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	62	89	53
	%	62,0	56,0	46,9
i	n	35	47	20
	%	35,0	29,6	17,7
ε	n	3	23	40
	%	3,0	14,5	35,4
Total	n	100	159	113
	%	100,0	100,0	100,0

TABELA 4

Realização da vogal pré-tônica não inicial – sílaba travada por /n/ em três cidades mineiras no estilo entrevista

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	100	122	118
	%	80,6	87,8	90,1
i	n	24	17	13
	%	19,4	12,2	9,9
ε	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	124	139	131
	%	100,0	100,0	100,0

Ao comparar as tabelas 1 e 3, podemos observar que o percentual de alçamento em vogal inicial travada por /s/ é muito diferente do percentual em vogal que não seja inicial. A realização alçada é quase categórica em início de palavra.

Observemos a significância dos dados. Fizemos o teste de qui-quadrado em relação ao alçamento de vogal em sílaba travada por /s/ para cada cidade separadamente. Nas três cidades, o p-valor¹ relativo aos dados da vogal inicial (i) em comparação com a vogal não inicial (ni) foi menor que

¹ Consideramos como significativo um p-valor < 0,05.

0,000001. Confirmamos, assim, que há diferenças significativas entre o alçamento da vogal em sílaba travada por /s/ em início de palavra e em sílaba que não seja inicial.

Vejam os testes:

Ouro Branco trav /s/	i	ni	TOTAL
e	10	62	72
i	317	35	352
TOTAL	327	97	424

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

Piranga trav /s/	i	ni	TOTAL
e	15	89	104
i	305	47	352
TOTAL	320	136	456

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

Machacalis trav /s/	i	ni	TOTAL
e	5	53	58
i	305	20	325
TOTAL	310	73	383

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

A comparação das tabelas 2 e 4 mostra que o percentual de alçamento em vogal inicial em sílaba travada por /n/ também é muito diferente do percentual em sílaba que não seja inicial. A realização alçada é quase categórica em início de sílaba.

Fizemos o teste de qui-quadrado em relação ao alçamento em sílaba travada por /n/ para cada cidade separadamente. Nas três cidades, o p-valor relativo aos dados da vogal inicial (i) em comparação com a vogal não inicial (ni) foi menor que 0,000001. Confirmamos, assim, que há diferenças significativas entre o alçamento em vogal em sílaba travada por /n/ em início de palavra e em sílaba que não seja inicial. Os valores estão a seguir:

Ouro Branco trav /n/	i	ni	TOTAL
e	10	100	110
i	406	24	430
TOTAL	416	124	540

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

Piranga trav /n/	i	ni	TOTAL
e	2	122	124
i	371	17	388
TOTAL	373	139	512

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

Machacalis trav /n/	i	ni	TOTAL
e	16	118	134
i	384	13	397
TOTAL	400	131	531

p-valor fator 1 e 2	0,0000000000

No capítulo intitulado “Contribuição aos estudos diatológicos: variação das vogais médias pré-tônicas anteriores em falares mineiros – estudo comparativo”, demonstraremos que a vogal alta tônica é o fator mais favorecedor ao alçamento quando a vogal pré-tônica não é inicial. Essa característica fica dissipada pela força da vogal pré-tônica em início de palavra. Para Battisti (1993), o alto índice de alçamento de /e/ nesses casos sugere que se trata de uma regra em vias de perder seu caráter variável, tornando-se categórica.

O resultado do alçamento foi semelhante nos três municípios, ou seja, há diferença significativa entre a vogal em início de palavra travada por /s/ e por /n/ – nesse contexto há significativamente maior percentual de alçamento – e a vogal em sílaba travada por /s/ ou /n/ no interior de palavra.

Poderíamos analisar outros aspectos, como a vogal inicial sem travamento, ou com outro travamento, mas já temos argumentos para darmos um tratamento especial a esses dados. Propomos aqui a separação e análise à parte desses dados.

3. Encontros vocálicos

Ao estudar as vogais médias pré-tônicas, também é preciso estudar separadamente os encontros vocálicos, pois alguns estudos (VIEGAS, 2001, entre outros) aventam a possibilidade de a sua realização ser diferente das outras pré-tônicas. Se assim o for, postulamos a separação desses dados daqueles das pré-tônicas, assim como o fizemos para o início de palavra.

Podemos observar nas tabelas a seguir a realização dos encontros vocálicos:

TABELA 5
Realização da vogal média em ditongo² nas três cidades

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	54	52	29
	%	100,0	100,0	100,0
i	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
ε	n	0	0	0
	%	0,0	0,0	0,0
Total	n	54	52	29
	%	100,0	100,0	100,0

A seguir, listamos os itens que contêm ditongo ou falso ditongo em cada cidade.

Ditongo		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
aceitando/aceitaram/aceitava	aceitava	aceitei/aceitou
aproveitando	aproveitava	ajeitando/ajeitava/ajeitou
conceitual	cadeirinha	beijada
deitada/deitado/deitando	deitado	deixadas/deixado/deixando/deixar
direitinho	direitinho	eucalipto
empreiteiras	enfeitando/enfeitava	eucaristia
enfeitada/enfeitavam	feijoada	euclides
eucaristia	jeitinho	feijão/feijoada
europa	prefeitura	peitinho
jeitinho	respeitava	reivindica/reivindicação/reivindicam
pneumonia	treinando/treinava	teixeira
prefeitura		
queimada		
reinado		
reivindicando		
teixeira		
terceirizando		

² “DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba: *pai, mãe, água, cárie, mágoa, rei.*” (BECHARA, 2004, p.66). “Um ditongo consiste de uma seqüência de segmentos vocálicos sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal e o outro é interpretado como um

Como já há um segmento alto seguinte, não houve o alçamento da vogal média. Não houve casos de abaixamento. Houve alguns casos de monotongação, que não serão tratados aqui. Em ditongo, a manutenção é categórica nas três cidades e não é assim no geral. Esses casos não são casos de variação.

Observemos os hiatos:

TABELA 6
Realização da vogal média em hiato³ nas três cidades

Variantes		Ouro Branco	Piranga	Machacalis
e	n	58	41	21
	%	65,9	59,4	24,4
i	n	30	4	6
	%	34,5	5,8	7,0
ε	n	0	24	59
	%	0,0	34,8	68,6
Total	n	88	69	86
	%	100,0	100,0	100,0

No hiato, a realização nas três cidades é bastante diferente. Em Ouro Branco, prevalece a manutenção (65,9%), enquanto, em Machacalis, prevalece o abaixamento (68,6%). Em Piranga, prevalece a manutenção (59,4%), mas o índice de abaixamento (34,8%) não é baixo.

A seguir, listamos os itens⁴ que contêm hiato em cada cidade separadamente.

glide. (...) O segmento interpretado como vogal no ditongo é aquele que tem proeminência acentual (ou seja, conta como uma unidade em termos acentuais). O segmento interpretado como glide no ditongo não tem proeminência acentual. Em um ditongo, a vogal e o glide são pronunciados na mesma sílaba – como em [ˈpaɪ] “pau” – sendo que o segmento interpretado como vogal representa o núcleo ou pico da sílaba.” (CRISTÓFARO-SILVA, 2005, p.94).

³ “HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: saída, caatinga, moinho.” (BECHARA, 2004, p. 68). “Em oposição aos ditongos temos os hiatos que consistem de uma sequência de vogais sendo que as vogais são pronunciadas em sílabas distintas: [baˈú] ‘baú’.” (CRISTÓFARO-SILVA, 2005, p.95).

⁴ Algumas realizações foram descartadas devido à qualidade do áudio. Algumas realizações serão analisadas posteriormente como pós-tônicas, como orquideazinha, por exemplo.

Hiato em Ouro Branco	
[e]	[i]
ceando (1)	
ceasa (3)	braqueária (4)
compr[e]nder (1)	chateados (1)
freático (1)	orquideazinha (1)
preocupação/preocupados (4)	passeando (1)
preocupando/preocupava (2)	sucateados (2)
reação (1)	teatro/teatros (6)
reagir (2)	re[e]ncarnação/ re[e]ncarnado (15)
realidade (2)	
realizasse (1)	
realmente (9)	
r[e]encarnação/r[e]encarnado (16)	
r[e]estruturação (1)	
re[e]estruturação (1)	
saneamento (2)	
teoria (1)	
teoricamente (1)	
vereador (1)	
conscientização (1)	
conscientizando (1)	
influenciando (1)	
orientação (2)	
orientando/orientava (3)	

O alçamento ocorreu em Ouro Branco apenas no encontro de e-a e de e-en. Como nos mostrou a literatura, o alçamento de modo geral não é favorecido por [a] e [en] seguintes. Propomos também aqui um tratamento diferenciado para os hiatos. Eles serão tratados separadamente dos outros casos.⁵ Há ainda alguns casos de ditongação que não serão tratados aqui (ceando).

Vamos a Piranga.

⁵ Como são poucos dados de encontros em hiatos, não trataremos dos possíveis grupos de fatores favorecedores ao alçamento, nem ao abaixamento, neste texto.

Hiato em Piranga		
[e]	[i]	[ɛ]
campeonato/campeonatos (2)	bombardeado (1)	freada (1)
geovana (1)	chateada (1)	vereadores (2)
pr[e]encher (2)	teatro (2)	realizável (2)
preocupada/preocupado (5)		realmente (9)
preocupo (1)		
realizada (1)		
r[e]ncarnasse (1)		
r[e]rguer (1)		
reuniões (1)		
reunir (2)		
teoricamente (1)		
sociedade (1)		
científica (1)		
influencia (1)		
influenciando (1)		
proprietário (3)		
r[e]estruturação (2)		
re[e]estruturação (2)		
re[e]ncarnação (6)		
r[e]encarnação (4)		
r[e]encarnação (4)		
realidade (1)		
realidade (5)		
ansiedade (1)		
ansiedade (1)		

O alçamento ocorreu em Piranga apenas no encontro de e-a. Pelos mesmos motivos, trataremos os dados desse município como tratamos os dados de Ouro Branco, ou seja, separadamente.

Observamos o abaixamento em alguns casos em Piranga. Em casos semelhantes em Ouro Branco houve a realização [e]. Esse aspecto deve ser analisado em estudos posteriores.

Vejamos Machacalis:

Hiato em Machacalis		
[e]	[i]	[ɛ]
baseado (1)	bambeadas (1)	cadeado (1)
pr[e]enche (1)	campeonato (2)	realidade/realista (15)
preocupam (1)	chateado (1)	realmente (5)
alienado (1)		
surpr[e]endeu (1)	surpr[e]endeu (1)	
preocupada (2)		preocupada (1)
realizar (1)		realiza/ realizadas/
		realizar/ realizou (9)
reunião/ reuniões (7)		reunião/reuniões (8)
reúne/ reunindo (2)		reúne/reuni/ reunir/reuniram (5)
teófilo (4) MF60 (1) KF23 (3)	teófilo (1) DM60 (1)	teófilo (15) DM60 (5) MF60 (1) GF55 (2) JF24 (2) KF23 (3) PM24 (2)

O alçamento ocorreu nos encontros: e-a, e-o, e-en, e-ó. Esses contextos de vogais seguintes não são favorecedores ao alçamento. Essas realizações não seguem, na maioria dos casos, a tendência geral e serão, portanto, analisadas separadamente.

As ocorrências com abaixamento evidenciam diferenças entre o falar de Machacalis, em que o abaixamento ocorre em vários encontros vocálicos, e o falar de Ouro Branco. Machacalis se destaca ainda apresentando manutenção, abaixamento e alçamento em um mesmo item (Teófilo). Observamos que essas três variantes não ocorrem no mesmo indivíduo. Esse aspecto será analisado posteriormente. Poderíamos aventar ainda a possibilidade de alguma atuação lexical, mas a quantidade dos dados não nos permite nenhuma afirmação dessa natureza neste estudo.

Analisando os dados, observamos que os de Piranga e de Ouro Branco se aproximam, pois o alçamento ocorreu em ambas em encontro e-a (e no encontro e-en em Ouro Branco); já em Machacalis ocorreu em outros encontros. Será preciso analisar mais detalhadamente, pois não ocorreram os mesmos encontros em todas as cidades. Há indícios de que, na proposta de divisão dos subfalares brasileiros em que Nascentes (1953) identifica dois grandes grupos – o falar do norte e o falar do sul –,

Machacalis estaria incluída no falar do norte e Piranga e Ouro Branco estariam incluídas no falar do sul. Sabemos que diferenças na realização das vogais médias pré-tônicas mostram-se como critério importante na caracterização das áreas dialetais brasileiras.

Devemos continuar os estudos, pois observamos o abaixamento em alguns casos em Piranga, mas em Ouro Branco em casos semelhantes houve a realização [e]. Pertenceriam ambas ao mesmo falar?

4. Conclusão

Em termos de tratamento dos dados, nos modelos estatísticos de regressão, quando há má distribuição dos dados entre as variáveis independentes, devemos tomar alguma providência para que os resultados da regressão possam ser validados: ou recodificamos os dados – o que não garante que essa má distribuição não vá ocorrer em relação a outros grupos de fatores; ou agrupamos os fatores utilizando como critério motivações linguísticas e distribuição dos dados. Consideramos, neste caso, que a união de fatores poderia mascarar o efeito de algum dos fatores objeto desse agrupamento e, assim, adotamos, com as justificativas arroladas, o procedimento de analisarmos separadamente as possíveis regressões dos dados aqui apresentados das regressões dos dados em geral.

Referências

- ALMEIDA, L. F. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*. 2008. 282p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 125p. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAS, M. R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. 2008. 296p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. '*Comendo o final das palavras*': análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

VIEGAS, Maria do Carmo. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 281p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

VIEGAS, M. C. (org.). *Minas é Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

Contribuição aos estudos dialetológicos: variação das vogais médi­as pré-tônicas anteriores em fala­res mineiros – estudo comparativo

Melina Rezende Dias
FATEC-SENAI/BH
Maria do Carmo Viegas
UFMG

1. Introdução

Temos, neste texto, o objetivo geral de descrever a variação das vogais médias pré-tônicas de algumas variedades mineiras (cf. LABOV, 1972, 1981, 1994) e assim contribuir para a descrição das variedades de Minas Gerais e do português brasileiro. Estudaremos os processos fonológicos envolvidos nessas vogais nas cidades de Ouro Branco, Piranga e Machacalis. Para isso, foram descritas e analisadas, de acordo com os fundamentos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Labov (1972, 1981, 1994), três variantes da vogal média pré-tônica /e/:

- a) [e]; realização média – manutenção;
- b) [ɛ]: realização baixa – abaixamento;
- c) [i]: realização alta – alçamento.

Dias (2008), no âmbito do VARFON-Minas/CNPq, estuda Piranga, Zona da Mata Mineira, e Ouro Branco, que pertence à Região Central. Em Almeida (2008), dissertação defendida no VARFON-Minas, foram estudadas as vogais pré-tônicas na cidade de Machacalis,¹ localizada no Vale do Mucuri.

Viegas; Almeida; Dias (2009) explicam a importância de se estudarem as diferentes regiões de Minas Gerais:

Podemos dizer que encontramos em Minas variações que estão presentes em grande parte do Brasil. Como consequência, se estudarmos a fala das diversas regiões de Minas, estaremos estudando a fala de grande parte do Brasil – essa é uma característica importante do Estado – Estado-chave para os estudos da variação lingüística do português do Brasil. A classificação de Nascentes para os falares brasileiros tem na realização das vogais pré-tônicas dos diversos falares um de seus fatores determinantes. (VIEGAS; ALMEIDA; DIAS, 2009, p. 73)

No mapa de Nascentes (1953), o Brasil é dividido em sete grandes áreas dialetais. Minas Gerais apresenta quatro desses sete falares: baiano, mineiro, fluminense e sulista. Baseando-nos nessa classificação dos falares brasileiros de Antenor Nascentes, Piranga, provavelmente, pertenceria à área de falar fluminense, Ouro Branco à área de falar mineiro e Machacalis à área de falar baiano. Diferentemente de Nascentes, que usou quatro rotulações para os falares mineiros, para Zágari (1998), há apenas três rotulações: baiano, mineiro e paulista.

De acordo com os resultados obtidos em Dias (2008), Piranga pertenceria a uma área de transição entre o falar mineiro/fluminense e o baiano. Vejamos os resultados a seguir:

TABELA 1
Resultados gerais em Juiz de Fora, Rio de Janeiro,
Piranga e Ouro Branco para a variável /e/

Literatura	e		i		ɛ		Total		Município
Yacovenco (1993)	1299	75,6%	361	21,0%	58	3,4%	1718	100%	Rio de Janeiro
Castro (1990)	2287	70%	815	24,9%	168	5,1%	3270	100%	Juiz de Fora
Dias (2008)	1128	51%	502	22,7%	583	26,3%	2213	100%	Piranga
Dias (2008)	1510	78,2%	360	18,6%	62	3,2%	1932	100%	Ouro Branco

¹ Grafamos Machacalis com *ch* conforme faz a comunidade pesquisada, apesar de estarmos cientes de que o nome oficial é grafado com *x*.

TABELA 2
Resultados gerais em Juiz de Fora, Rio de Janeiro,
Piranga e Ouro Branco para a variável /o/

Literatura	o		u		õ		Total		Município
Yacovenco (1993)	788	67,2%	350	29,8%	35	3,0%	1173	100%	Rio de Janeiro
Castro (1990)	1571	64,2%	749	30,6%	128	5,2%	2448	100%	Juiz de Fora
Dias (2008)	831	61,6%	235	17,4%	284	21,0%	1350	100%	Piranga
Dias (2008)	1077	82,6%	145	11,1%	82	6,3%	1304	100%	Ouro Branco

Os valores percentuais do abaixamento em Piranga são muito diferentes dos valores de Juiz de Fora e do Rio de Janeiro, falar fluminense; e também são diferentes dos percentuais de Ouro Branco, falar mineiro. Com base nesses resultados, talvez pudéssemos concluir que Piranga não pertence à área de falar fluminense. Ao comparar os resultados do abaixamento em Piranga com os resultados obtidos por Célia (2004) em Nova Venécia, no Espírito Santo, (16% de abaixamento para /e/ e 23% de abaixamento para o /o/), talvez pudéssemos concluir que a variação das pré-tônicas em Piranga se assemelha mais à variação dessas vogais em Nova Venécia. Célia (2004) denominou “dialeto de transição” o falar estudado, porque, segundo ela, o abaixamento identificado na variedade de Nova Venécia não é tão escasso quanto no Rio de Janeiro, mas também não é tão frequente quanto na Bahia.

Objetivamos neste texto descrever os processos envolvidos nas comunidades selecionadas, a fim de se compararem esses processos nos diversos falares. Para essa tarefa, consideramos da máxima importância o fato de haver comparabilidade entre os *corpora* dos três municípios estudados. O banco de dados de Piranga e Ouro Branco foi constituído na pesquisa de Dias (2008) e o banco de dados de Machacalis foi constituído na pesquisa de Almeida (2008). A comparabilidade entre os bancos pode ser observada em vários aspectos, entre eles: as variáveis dependentes e independentes foram categorizadas da mesma forma, a codificação realizada também foi a mesma, assim como os métodos de coleta e de transcrição dos dados.

Neste capítulo, investigamos, portanto, nas comunidades pesquisadas:

a - Quais são os processos envolvidos?

b - Quais são os fatores favorecedores desses processos?

Objetivamos, assim, com este estudo das vogais médias pré-tônicas em falares mineiros, contribuir para os estudos dialetológicos, entre outros.

2. Análise dos dados

Apresentaremos apenas a análise da variável vogal média anterior /e/ no estilo *entrevista*. Analisaremos a variação [e] ~ [i] – alçamento – e a variação [e] ~ [ɛ] – abaixamento, pois, nas cidades pesquisadas, a variação [e ~ i ~ ɛ] e a variação [i ~ ɛ] no mesmo item ocorrem em pouquíssimos casos. Utilizaremos o *modelo de regressão binomial* incluído no *software* SPSS.

Foram assim categorizadas as variáveis independentes:

a) Vogal da sílaba tônica

1 = vogal baixa oral [a]
2 = vogal baixa nasal [an]
3 = vogal alta oral [i], [u]
4 = vogal alta nasal [in], [un]
5 = vogal média de 2º grau nasal [en], [on]
6 = vogal média de 1º grau oral [ɛ], [ɔ]
7 = vogal média de 2º grau oral [e], [o]

b) Modo do segmento precedente

1 = a	6 = o	31 = ausência
2 = ɛ	7 = u	33= fricativas/africadas (f, v, s, z, h, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ)
3 = e	8 = w	34= nasais (m, n, ɲ)
4 = i	9 = y	36= oclusivas (p, b, t, d, k, g)
5 = ɔ	29 = r, l, ʎ (tepe e laterais)	

c) Modo do segmento seguinte

1 = a	7 = u	36=in
2 = ɛ	8 = w	39= fricativas/africadas (f, v, s, z, h, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ)
3 = e	9 = y	40= nasais (m, n, ɲ)
4 = i	29 = r, l, ʎ (tepe e laterais)	42= oclusivas (p, b, t, d, k, g)
5 = ɔ	31 = na	
6 = o	32=en	

d) Paradigma

2 = Paradigma com vogal aberta entre nomes - terreno (terra)
3 = Paradigma com vogal fechada - besteira (besta)
4 = Paradigma com vogal aberta entre classes diferentes - beleza (belo)
5 = Não tem paradigma com vogal aberta - negócio
6 = Outros (nomes próprios e siglas) - Letícia
7 = Paradigma com vogal aberta entre verbos - crescer (cresce)

A codificação das variáveis independentes sociais foi feita da seguinte forma:

a) Gênero

1 = masculino
2 = feminino

b) Faixa etária (anos)

1 = 18 a 24
2 = 40 a 60

Codificamos alguns outros fatores:² tipo silábico, vogal entre a vogal da variável e a tônica, tipo de morfema em que a vogal esteja inserida; ponto do segmento precedente; ponto do segmento seguinte; distância da sílaba tônica; classe gramatical; distância do início da palavra; número de sílabas da palavra; item lexical.

2.1. O que entrou na regressão binomial

Separamos o início de palavra e a variável em ditongo e em hiato conforme está descrito no capítulo “Variação das vogais médias anteriores em início de palavra e em encontro vocálico – sílabas pré-tônicas em três falares mineiros: o tratamento dos dados” deste livro.

Foram separados itens em que ocorreram as três variantes [e - i - ε], porque são pouquíssimos. São eles: em Ouro Branco, MELHOR, MELHORAR; em Piranga, não ocorreram as três variantes no mesmo

² Esses grupos de fatores serão analisados em outro texto.

item; em Machacalis, MELHORAR, PESSOA; ACREDITO; PRECISA; TEÓFILO. Itens em que ocorreu apenas a variação *i - e* foram separados por também ocorrerem em pequeno número. Em Ouro Branco, não ocorreu essa variação em nenhum item; em Piranga, MELHOR, MELHORAR; em Machacalis, MELHOR, DESENVOLVIMENTO.

Observamos também que poderia estar ocorrendo influência do item lexical. Então, percebemos que seria necessário separar alguns itens a fim de evitar um tendenciamento causado pelo efeito do item lexical.

Itens de realização categórica ou de realização quase categórica, com 100% a 90% de realização de alçamento ou de abaixamento e que tenham acima de 10 ocorrências, foram separados. Itens separados com abaixamento categórico ou quase categórico não ocorreram em Ouro Branco; em Piranga, foram NEGÓCIO, VERDADE, FERNANDO, MELINA; em Machacalis, REALIDADE, VERDADE, BERTÓPOLIS, MERENDA. Os itens retirados com alçamento categórico ou quase categórico foram: em Ouro Branco, PRECISA, MENINO, PEQUENO, REENCARNAÇÃO, DEMAIS, SEGUNDO; em Piranga, ACREDITA, MENINO, PEQUENO, SEGUNDO, SEGUINTE, SENHORA, PRECISA, QUERIA, NENHUM; em Machacalis, PEDIA, CONSEGUI, PEQUENO, SEGUNDO, MENINO, SERVIÇO. O estudo dos itens será realizado em outro texto.

Separamos também a variável em ditongo e em hiato conforme está descrito no capítulo “Variação das vogais médias anteriores em início de palavra e em encontro vocálico – sílabas pré-tônicas em três falares mineiros: o tratamento dos dados” deste livro. Os ditongos que foram realizados monotongados também foram separados.

Analisamos apenas a vogal em não prefixo que esteja imediatamente precedente à tônica e na primeira sílaba da palavra. Controlamos assim alguns dos grupos de fatores para posteriormente efetuarmos diversas comparações.

Fizemos então o cruzamento entre a variável dependente e cada variável independente (Crosstabs), para verificar quais fatores tiveram zero ocorrência de uma das variáveis dependentes, ou seja, em que fatores não há variação. Tais fatores foram retirados antes de se fazer a regressão. Vejamos nos quadros a seguir quais foram esses fatores:

QUADRO 1
Fatores internos retirados para o alçamento
nas três cidades após o cruzamento

ALÇAMENTO	Fatores retirados em Ouro Branco	Fatores retirados em Piranga	Fatores retirados em Machacalis
Vogal tônica	[an] [en], [on]	[a] [an] [en], [on] [e], [o]	[a] [an] [en], [on]
Tipo silábico	Outros (CVS, CVCC, C CVS, CCVC) Ex.: crescendo	Outros (CVS, CVCC, C CVS, CCVC) Ex.: crescimento	Outros (CVS, CVCC, C CVS, CCVC) Ex.: presbiteriana, prestava
Classe gramatical	numeral Ex.: sessenta, setenta, terceira, trezentos	numeral Ex.: sessenta, setenta, terceira, trezentos	numeral Ex.: sessenta, setenta, terceira, trezentos
Número de sílabas da palavra	4 sílabas Ex.: cerâmica, mecânica, metálica, período, república, retângulo	4 sílabas Ex.: república	4 sílabas Ex.: cerâmica, período, versículo
Paradigma	Paradigma com vogal aberta entre nomes	Paradigma com vogal aberta entre nomes	Paradigma com vogal aberta entre nomes Outros (nomes próprios e siglas)

Em todos os casos apresentados no quadro anterior, tivemos 100% de manutenção da vogal média pré-tônica.

Analisando os fatores categóricos em relação à manutenção, podemos notar que na cidade de Ouro Branco há menos restrições para o alçamento em se tratando do efeito da vogal da sílaba tônica, comparativamente a Piranga e a Machacalis. Em relação aos outros fatores, percebemos que são quase sempre os mesmos para as três cidades. Esses outros fatores serão analisados posteriormente.

Vamos ao abaixamento:

QUADRO 2
Fatores internos retirados para o abaixamento
nas três cidades após o cruzamento

ALÇAMENTO	Fatores retirados em Ouro Branco	Fatores retirados em Piranga	Fatores retirados em Machacalis
Vogal tônica	[in], [un] [e], [o]	[e], [o]	_____
Classe gramatical	pronome Ex.: nenhum/nenhuma	pronome Ex.: nenhum/nenhuma	pronome Ex.: nenhum/nenhuma
Número de sílabas da palavra	2 sílabas Ex.: betim, dedão, nenhum, questão	_____	_____
Modo do segmento seguinte	tepe e laterais Ex.: beleza, cerâmica, delícia, felizes, gelada, querendo, teria, seria nasais Ex: cenário, cenoura, remédio, semana, tremendo.	_____	_____

Em todos os casos apresentados no quadro anterior, tivemos 100% de manutenção da vogal média pré-tônica.

Podemos observar que, em Machacalis e em Piranga, quase não há restrição para o abaixamento. Já Ouro Branco possui restrições.

Na regressão analisaremos os seguintes grupos de fatores:

Para o alçamento	Para o abaixamento
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
Modo do segmento precedente	Modo do segmento precedente
Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte
Gênero	Paradigma
Faixa etária	Gênero
	Faixa etária

Os resultados apresentados pelo programa serão analisados da seguinte forma:

- a) Análise dos fatores;
- b) Análise dos itens de cada fator favorecedor;

Por exemplo: se o fator analisado apresentar mais de um item, consideraremos o fator como favorecedor. Caso apresente um item, não consideraremos o seu favorecimento, porque não podemos precisar se o que favorece é o fator ou o item.

c) Análise dos segmentos.

Como há fatores com muitos agrupamentos (por exemplo: dentro de fricativas há os segmentos f, v, s, z, h, ʃ, ʒ), então será preciso observar o segmento, para ver se podemos atribuir o favorecimento ao fator como um todo ou se é apenas um segmento que está favorecendo (por exemplo: apenas a fricativa glotal [h]).

As rodadas serão feitas separadamente para cada cidade.

2.2. Análise do alçamento de /e/

Fizemos uma regressão para ver quais das variáveis independentes são significativas para o alçamento. Vamos testar também a interação entre os fatores sociais, uma vez que há possibilidade de haver interação entre esses fatores, conforme Oliveira (2011). Faremos a análise apenas das variáveis significativas.

QUADRO 3

Variáveis apontadas como significativas para o alçamento em cada cidade

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
_____	Modo do segmento precedente	_____
Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte	Modo do segmento seguinte
Interação gênero*faixa etária	Faixa etária	Interação gênero*faixa etária
	Não houve interação entre os fatores sociais	

O quadro 3 aponta a interação entre os fatores sociais em Ouro Branco e Machacalis. Então, foi necessário fazer uma recodificação dos fatores sociais para essas cidades:

Agrupamento social

3 = masculino/jovem
4 = masculino/adulto
5 = feminino/jovem
6 = feminino/adulto

2.2.1. Vogal da sílaba tônica

2.2.1.1. Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de /e/ em relação à variável *vogal da sílaba tônica*:

TABELA 3
Fatores favorecedores do alçamento de /e/,
em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[i], [u]	44/77	57,1	<0.001	0,96	[i], [u]	42/86	48,8	<0.001	0,87	[in], [un]	11/13	84,6	0,023	0,83
	[in], [un]	33/48	68,8	<0.001	0,91	[in],[un]	4/7	57,1	0,033						

As vogais altas nasais [in,un] favorecem o alçamento nas três cidades. E as vogais altas orais [i,u] favorecem o alçamento em Ouro Branco e Piranga. Dessa forma, o processo de alçamento da vogal média pré-tônica anterior, nas três cidades, se dá principalmente por meio da assimilação regressiva do traço de altura da vogal da sílaba tônica – harmonização vocálica.

2.2.1.2. Análise dos itens nos fatores favorecedores

No início deste texto, propusemo-nos a analisar os itens em cada fator favorecedor, para ver se realmente confirmamos o favorecimento do fator ou se há uma atuação do item lexical. Vejamos os itens a seguir:

Vogal tônica [in], [un]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
destino (1i)	pedindo (4i)	mentindo (1i)
nenhum/nenhuma (24i)		nenhum/nenhuma (5i)
pedindo (2i)		seguinte (2i)
seguindo (1i)		seringa (2i)
seguinte (5i)		servindo (1i)
Total: 55 (i)	Total: 4 (i)	Total: 11 (i)

Vogal tônica [i], [u]	
Ouro Branco	Piranga
bebida (1i)	belisco (1i)
descia (1i)	devia/deviam (5i)
descida (1i)	Felipe (1i)
devia (4i)	medida (1i)
Felipe (3i)	mentira (6i)
medida (4i)	pedia/pediu (2i)
metia (2i)	pedido (1i)
mexia (1i)	perdido (1i)
pediram (1i)	perigo (5i)
perdida/perdidas/perdido (5i)	prefiro (2i)
perigo (1i)	seguida (1i)
preguiça (1i)	segura (1i)
queria/queriam (11i)	sentido (2i)
sentia (3i)	servia/servisse (2i)
sentido (2i)	serviço/serviços (9i)
serviço (2i)	vestia (1i)
vestirem (1i)	vestida (1i)
Total: 44 (i)	Total: 42 (i)

Ao analisá-los, confirmamos o favorecimento do alçamento pelas vogais altas orais em Ouro Branco e Piranga e pelas vogais altas nasais em Ouro Branco e Machacalis. Não é efeito só de um item. Em Piranga ocorreu alçamento em 1 item lexical (PEDINDO) com vogal tônica alta nasal, mas, como vimos na seção 2.1, vários itens (MENINO,

SEGUNDO, SEGUINTE, NENHUM) tiveram alçamento categórico ou quase categórico neste contexto, o que confirma o favorecimento desse contexto.

2.2.1.3. Análise dos segmentos nos fatores favorecedores

Observando os segmentos, constatamos que as várias vogais altas [i], [u], [in], [un] ocorrem nos itens listados.

2.2.1.4. Análise dos fatores desfavorecedores

Como vimos no quadro 1, após o cruzamento entre a variável dependente e a variável independente *vogal da sílaba tônica*, algumas vogais tônicas foram retiradas em cada cidade, pois houve manutenção categórica na variável dependente. São elas:

QUADRO 4

Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente – alçamento

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[an] [en], [on]	[a] [an] [en], [on] [e], [o]	[a] [an] [en], [on]

Além dessas vogais, os resultados das rodadas apresentaram algumas vogais desfavorecedoras, como podemos observar na tabela a seguir:

TABELA 4

Fatores desfavorecedores do alçamento de /e/,
em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[e], [o]	1/201	0,5	0,004	0,08	[e], [o]	1/128	0,8	<0,001	0,03	[e], [o]	28/176	15,9	<0,001	0,17
	[a]	2/52	3,8	0,013	0,16										
	[e], [o]	6/70	8,6	0,017	0,22										

Vogal tônica [e], [o]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
besteira (1e)	credores (1e)	beber/bebeu (3e)
cederam (1e)	desejo (1e)	cebola (1e)
cenoura (2e)f	ferreira (1e)	cenoura (1e)
cerveja/cervejas (2e)	nenega (3e)	chegou/cheguei (18e)
defesa (1e)	nervoso (1e)	desejo (1e)
perderam(1e)	pereira (9e)	fechou (1e)
pereira (1e)	pescoço (1e)	ferver (1e)
pessoa/pessoas (171e)	pessoa/pessoas (87e)	levou (2e)
prefeito/prefeitos (9e)	prefeito (18e)	mercê (2e)
recreio (1e)	veredas (3e)	mexer (1e)
represa (1e)	vermelho (3e)	pegou/peguei (24e)
respeito (8e)		peleja (1e)
Tereza (1e)		percebo (1e)
		perder(1e)
		prefeito/prefeitos (50e)
		preguei (2e)
		querer (2e)
		receita (3e)
		respeito (5e)
		senhor (14e) (22i)
		setor/setores (10e)
		vendesse (2e)
		vermelha (1e)
Total: 200 (e)	Total: 127 (e)	Total: 148 (e)

Os fatores [e], [o], na tônica, mostram a mesma atuação nas três cidades: não apresentam realização categórica da manutenção, mas se mostraram desfavorecedores do alçamento. [an], [en], [on] apresentam realização categórica da manutenção nas três cidades.

2.2.1.5. Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Vejam os itens a seguir:

Ouro Branco	
Vogal tônica [a]	Vogal tônica [e], [o]
cenário (1e)	medrosa (1e)
chegado (1e)	merece (1e)
chegaram/chegassem/chegava (9e)	negócio/negócios (44e)
fechada/fechado (2e)	rebelde (2e)
gelada/gelado (5e)	remédio (3e)
gerada (1e)	repórter (1e)
geraldo (1e)	resolve (6e)
lembrado (1e)	resposta/respostas (5e)
lembrava (1e)	senhora (1e) (3i)
levada/levado (2e)	
levava (2e)	
mensagem (1e)	
metade (1e)	
pedaço (1e)	
pegaram/pegava (5e)	
pensava (1e)	
pesado/pesados (2e)	
quebrado (1e)	
sensato (1e)	
sentado/sentados (4e)	
sentarem (1e)	
telhado (1e)	
verdade (5e)	
Total: 50 (e)	Total: 64 (e)

Ao analisá-los, confirmamos o desfavorecimento do alçamento pelas vogais [e], [o] nas três cidades e pelas [a], [ɛ], [ɔ] em Ouro Branco, pois há vários itens com essas vogais na sílaba tônica em que ocorre apenas a manutenção. Portanto, não podemos atribuir o desfavorecimento a determinado item lexical.

2.2.1.6. Análise dos segmentos nos fatores desfavorecedores

Ao observar o segmento, constatamos que os segmentos [e], [o] ocorrem nos itens listados nas três cidades e que os segmentos [a], [ɛ], [ɔ] ocorrem nos itens listados em Ouro Branco, portanto o grupo de fator [e],

[o] pode ser considerado desfavorecedor do alçamento nos três municípios. Além disso, os grupos de fator [a] e [ɛ], [ɔ] podem ser considerados desfavorecedores em Ouro Branco.

2.2.1.7. Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

TABELA 5
Fatores sem significância para o alçamento de /e/,
em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	[i], [u]	38/71	53,5	0,053	0,68
											[e], [o]	6/14	42,9	0,224	0,33

2.2.2. Modo do segmento precedente

2.2.2.1. Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de /e/ em relação à variável *modo do segmento precedente*.

TABELA 6
Fatores favorecedores do alçamento de /e/,
em relação ao modo precedente

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
Variável independente			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R
Modo do segmento precedente	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	-----	-----	----	----	----

Não houve favorecimento de nenhum fator da variável modo precedente.

2.2.2.2. Análise dos fatores desfavorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores que desfavorecerem o alçamento de /e/:

TABELA 7
Fatores desfavorecedores do alçamento de /e/,
em relação ao modo precedente

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R
Modo do segmento precedente	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	tepe e laterais	1/56	1,8	0,04	0,14

O fator tepe e o fator laterais desfavorecem o alçamento em Machacalis.

Machacalis
Modo precedente: tepe e laterais
levou (2e)
prefeito/prefeitos(50e)
preguei (2e)
previa (1e) (1i)
Total: 55 (e)

Os itens mostram que o fator tepe e laterais precedentes desfavorece o alçamento, pois há vários itens com esse modo precedente em que ocorre apenas a manutenção. Portanto, não podemos atribuir o desfavorecimento ao item lexical.³

2.2.2.3. Análise dos segmentos nos fatores desfavorecedores

Ao observar o segmento, notamos que o tepe e a lateral [1] desfavorecem o alçamento.

³ É importante ressaltar que, em Piranga, no contexto de ponto precedente dorsais, houve realização categórica da manutenção e, portanto, esse fator foi retirado, como vimos no quadro 1.

2.2.2.4. Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

TABELA 8

Fatores sem significância para o alçamento de /e/,
em relação ao modo precedente

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R
Modo do segmento precedente	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	oclusiva	23/80	28,8	0,097	0,68
			fricativas	50/123	40,7	0,088	0,67
			nasais	9/15	60,0	0,638	0,59

2.2.3. Modo do segmento seguinte

2.2.3.1. Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do alçamento de /e/ em relação à variável *modo do segmento seguinte*:

TABELA 9

Fatores favorecedores do alçamento de /e/, em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	nasais	36/60	60,0	<0,001	0,85	-----	-----	-----	-----	-----	nasais	44/73	60,3	0,001	0,78

As nasais favorecem o alçamento em Ouro Branco e Machacalis.

2.2.3.2. Análise dos itens nos fatores favorecedores

Podemos observar os itens a seguir:

Modo seguinte: nasais	
Ouro Branco	Machacalis
nenhum/nenhuma (24i)	mentindo/mentiu (2i)
semestre (3i)	nenhum/nenhuma (5i)
senhor/senhora (4i)	senhor/senhora/senhoras (28i)
sentia (3i)	sentir/sentiu (2i)
sentido (2i)	sentido (7i)
Total: 36 (i)	Total: 44 (i)

Analisando os itens, podemos perceber que Ouro Branco e Machacalis apresentaram mais de 1 item; portanto, consideraremos o fator nasal seguinte como favorecedor nessas cidades.

Lembramos que, em Piranga, retiramos itens com alçamento quase categórico e com nasal seguinte (MENINO, SENHORA, NENHUM) e, portanto, esse fator parece ser favorecedor também nessa cidade.

2.2.3.3. Análise dos segmentos nos fatores favorecedores

Analisamos também o segmento e observamos que todas as nasais (m, n, ñ) ocorrem na lista dos itens em Ouro Branco e devem ser consideradas favorecedoras nessa cidade. Já em Machacalis, ocorrem as nasais n e ñ.

2.2.3.4. Análise dos fatores desfavorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores que desfavorecem o alçamento de /e/:

TABELA 10
Fatores desfavorecedores do alçamento de /e/,
em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	tepe e laterais	15/46	32,6	<0,002	0,22	tepe e laterais	7/38	18/4	0,017	0,27	oclusivas	10/69	14,5	0,007	0,27
	fricativas	18/253	7/1	0,016	0,30										

O alçamento é desfavorecido por tepe e laterais em Ouro Branco e Piranga. As fricativas seguintes desfavorecem o alçamento em Ouro Branco e as oclusivas em Machacalis.

2.2.3.5. Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Modo seguinte: tepe e laterais	
Ouro Branco	Piranga
delícia (2e)	pereira (9e)
felizes (1e)	seria/seriam (13e)
gelada/gelado (5e)	teria (6e)
gerada (1e)	veredas (3e)
geraldo (1e)	
melina (4e)	
merece (1e)	
pereira (1e)	
queria (2e) (11i)	
seria (4e)	
telhado (1e)	
tereza (1e)	
teria/teriam (7e)	
Total: 31 (e)	Total: 31 (e)

Ouro Branco
Modo seguinte: tepe e laterais
besteira (1e)
cerveja/cervejas (2e)
defesa (1e)
devido (7e)
fechada/fechado (2e)
levada/levado (2e)
levava (2e)
mexia (1e) (1i)
perdido (1e) (5i)
pergunta (2e)
pesado/pesados (2e)
pessoa/pessoas (171e)
prefeito/prefeitos (9e)
regime (2e)
resolve (2e)
respeito (8e)
resposta/respostas (5e)
serviço/serviços (2e) (2i)
termina (2e)
termine (1e)
verdade (5e)
Total: 235 (e)

Machalis
Modo seguinte: oclusivas
beber/bebeu (3e)
cebola (1e)
chegou/cheguei (18e)
negócio (1e)
pegou/peguei (18e)
preguei (2e)
setor/setores (10e)
Total: 59 (e)

Os itens mostram que o fator tepe e laterais seguintes desfavorece o alçamento em Ouro Branco e Piranga, que as fricativas seguintes o desfavorecem em Ouro Branco e que as oclusivas seguintes o desfavorecem em Machacalis, pois há vários itens com esses fatores em que ocorre apenas a manutenção. Portanto, não podemos atribuir o desfavorecimento ao item lexical.

2.2.3.6. Análise dos segmentos nos fatores desfavorecedores

Ao observar o segmento, notamos que, em Ouro Branco, o tepe e as laterais (l, ɾ) devem ser considerados desfavorecedores do alçamento. Já em Piranga, apenas o tepe ocorreu, portanto apenas ele será considerado desfavorecedor.

Em relação às fricativas, todas elas (f, v, s, z, h, ʃ, ʒ) ocorreram na lista dos itens em Ouro Branco, portanto consideramos o fator fricativas como desfavorecedor do alçamento nessa cidade.

Em relação às oclusivas, apenas algumas delas (b, t, g) apareceram na lista dos itens. Portanto, apenas essas oclusivas serão consideradas desfavorecedoras do alçamento em Machacalis.

2.2.3.7. Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

TABELA 11
Fatores sem significância para o alçamento de /e/,
em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	oclusivas	17/89	19,1	0,374	0,58	oclusivas	10/16	62,5	0,103	0,69	tepe e laterais	10/69	14,5	0,582	0,56
						fricativas	22/149	14,8	0,366	0,58	fricativas	21/118	17,8	0,053	0,35
						nasais	8/18	44,4	0,775	0,47					

2.2.4. Análise dos fatores sociais

Conforme mostrado no quadro 3, em Ouro Branco e Machacalis, houve interação entre os fatores sociais. Em Piranga, apenas o grupo de fator faixa etária apresentou significância.

Nas tabelas a seguir, apresentamos os resultados do alçamento de /e/ em relação aos fatores sociais.

TABELA 12
Resultados do alçamento de /e/, em relação aos fatores sociais em Ouro Branco e Machacalis

Variável independente	Ouro Branco					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.
Agrupamento	masculino/jovem	31/107	29,0	0,029	0,68	masculino/jovem	35/94	37,2	0,618	0,54
social gênero	masculino/adulto	16/111	14,4	0,157	0,37	masculino/adulto	19/71	26,8	0,183	0,63
*faixa etária	feminino/jovem	23/128	18,0	0,931	0,51	feminino/jovem	14/59	23,7	0,001	0,22
	feminino/adulto	16/102	15,7	0,447	0,44	feminino/adulto	15/50	30,0	0,121	0,64

TABELA 13
Resultados do alçamento de /e/, em relação aos fatores sociais em Piranga

Variável independente	Piranga				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.
Faixa etária	jovens	24/91	26,4	0,027	0,62
	adultos	23/130	17,7	0,027	0,38
Gênero	O programa não considerou este grupo de fator significativo				

Em Ouro Branco há um favorecimento do alçamento pelos homens jovens. Em Piranga há um favorecimento pelos jovens, o que representa indícios de progressão em Piranga.

Em Machacalis nenhum fator favoreceu o alçamento. E as mulheres jovens o desfavorecem.

Observamos direções contrárias: em Ouro Branco e Piranga há algum favorecimento do alçamento em termos dos fatores sociais, já em Machacalis não.

2.2.5. Conclusão – alçamento

Após a análise de todos os fatores favorecedores, desfavorecedores e com realização categórica, nas três cidades, podemos concluir o seguinte em relação ao alçamento:

- a) as três cidades, em relação às vogais tônicas, apresentam resultados bastante semelhantes, como podemos ver no quadro 5 a seguir;
- b) em relação ao modo precedente, não houve fator favorecedor em nenhuma das cidades;
- c) em relação ao modo seguinte, as nasais podem ser consideradas favorecedoras;
- d) com as vogais tônicas [an], [en], [on] não há alçamento. A realização da manutenção é categórica nas três cidades;
- e) quando há paradigma com vogal aberta entre nomes, a manutenção também é categórica nas três cidades, como vimos no quadro 1.

QUADRO 5

Resumo dos fatores favorecedores do alçamento de /e/ nas três cidades

ALÇAMENTO	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[i], [u] b[i]bida	[i], [u] s[i]gura	[in], [un] s[i]guinte
	[in], [un] d[i]stino	in/un p[i]dindo	
Modo precedente	NS ⁴	NS	----- ⁵
Modo seguinte	nasais s[i]nhor	-----	nasais (n, ñ) s[i]ntido
Gênero	interação	NS	interação
Faixa etária	masculino/jovem	jovens	-----

Nesta pesquisa, mostramos que as vogais tônicas altas [i, u], nas três cidades, favorecem o alçamento por um processo de harmonia vocálica do traço alto. Há alguns indícios de um processo de redução favorecido pelas consoantes adjacentes, principalmente as nasais seguintes.

A generalização mais importante, em relação às consoantes, é o efeito das nasais seguintes, que são favorecedoras ao alçamento.

Analisamos os itens retirados, listados na seção 2.1 e concluímos que apenas no item PEQUENO não podemos atribuir o seu alçamento a algum dos fatores favorecedores. Portanto, nesse caso, nas três cidades, podemos atribuir o alçamento ao item lexical.

⁴ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico.

⁵ -----: indica que não houve nenhum fator favorecedor neste grupo de fator, embora o grupo de fator tenha sido considerado significativo pelo programa estatístico.

2.3. Análise do abaixamento de /e/

Observamos, no quadro a seguir, as variáveis consideradas significativas.

QUADRO 6
Variáveis apontadas como significativas
para o abaixamento em cada cidade

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica	Vogal da sílaba tônica
-----	Modo do segmento precedente	Modo do segmento precedente
-----	-----	Modo do segmento seguinte
Paradigma	Paradigma	Paradigma
Interação gênero*faixa etária	Interação gênero*faixa etária	-----

2.3.1. Vogal da sílaba tônica

2.3.1.1. Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do abaixamento de /e/ em relação à variável *vogal da sílaba tônica*:

TABELA 14
Fatores favorecedores do abaixamento de /e/,
em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[a]	10/46	21,7	0,003	0,89	[a]	50/67	74,6	0,004	0,81	[ɛ], [ɔ]	25/33	75,8	<0,001	0,89
											[en], [on]	52/71	73,2	<0,001	0,81
											[a]	67/97	69,1	0,001	0,78

A vogal [a] favorece o abaixamento nas três cidades. Em Machacalis há também o favorecimento de [ɛ], [ɔ] e de [en], [on].

Vogal tônica [a]		
Ouro Branco	Piranga	Machacalis
chegava (1ε)	Bernardes (2ε)	chegar/chegaram/chegava (7ε)
fechado (1ε)	chegada/chegado (4ε)	fechar (1ε)
levada/levado (2ε)	chegaram/chegasse/chegava (5ε)	geral (1ε)
mercado (1ε)	fechado/fechados (4ε)	gerar (1ε)
pesado (2ε)	levaram/levava (4ε)	legal (1ε)
precária (1ε)	mercado (3ε)	levar/levaram/levava/levavam (20ε)
rezarem (1ε)	mestrado (8ε)	metade (1ε)
verdade (1ε)	metade (2ε)	pecado (2ε)
	pedaços (2ε)	pegar/pegava (7ε)
	pegaram/pegasse/pegavam (3ε)	pesado (2ε)
	pelada (1ε)	pescar (1ε)
	pesado (1ε)	precária/precárias (2ε)
	precária/precário/precários (4ε)	pregada (1ε)
	preparo (1ε)	pregar/pregava (3ε)
	quebrada (1ε)	prepara (1ε)
	Renata (2ε)	prestar (1ε)
	retrato (1ε)	quebrado (1ε)
	rezava (2ε)	quebrar/quebrava (2ε)
		regata (1ε)
		Renato (1ε)
		respaldo (1ε)
		retrato (1ε)
		rezar (2ε)
		senado (2ε)
		teclado (4ε)
Total: 10 (ε)	Total: 50 (ε)	Total: 67 (ε)

Machacalis	
Vogal tônica [e], [ɔ]	Vogal tônica [en], [on]
memória (1e)	crescemos/crescendo (4e)
merece (1e)	defendem (1e)
negócio (5e)	depende/dependem (5e)
percebe (4e)	descendo (1e)
peteca (1e)	mexendo (1e)
recebe/recebem (3e)	presença (3e)
relógio (1e)	presente (1e)
remédio/remédios (6e)	pretendo (3e)
repete (1e)	queremos/querendo (6e)
resposta (2e)	repente (1e)
	sessenta (5e)
	sessões (2e)
	setenta (2e)
	terreno/terrenos (4e)
	trezentos (5e)
	vergonha (8e)
Total: 25 (1e)	Total: 52 (e)

Ao analisar os itens lexicais, confirmamos a descrição da atuação do fator vogais tônicas em Ouro Branco, Piranga e Machacalis, pois observamos que não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

2.3.1.2. Análise dos segmentos nos fatores favorecedores

Ao observar os segmentos, constatamos que todos os segmentos [a], [ɛ], [ɔ], [en], [on] ocorrem nos itens listados, em Machacalis; portanto, todos eles são favorecedores do abaixamento.

2.3.1.3. Análise dos fatores desfavorecedores

Como vimos no quadro 2, após o cruzamento entre a variável dependente e a variável independente *vogal da sílaba tônica*, algumas vogais tônicas foram retiradas em Ouro Branco e Piranga, pois houve manutenção categórica na variável dependente. São elas:

QUADRO 7

Vogais tônicas retiradas nas três cidades depois do cruzamento das variáveis dependentes e dessa variável independente – alçamento

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[in], [un] [e], [o]	[a], [o]	-----

Podemos observar que não existem restrições em Machacalis para o abaixamento. A cidade que mais possui restrições é Ouro Branco – a que tinha menos restrições ao alçamento. A falta de restrições ao abaixamento em Machacalis é uma importante característica do falar dessa comunidade, pois não há fator bloqueador do abaixamento. Mesmo o contexto típico de alçamento – vogal alta – não é bloqueador do abaixamento em Machacalis.

Além dessas vogais, os resultados das rodadas apresentaram outras mais como desfavorecedoras, como podemos observar na tabela a seguir:

TABELA 15
Fatores desfavorecedores do abaixamento de /e/,
em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	—	—	—	—	—	[i],[u] [an]	5/47 32/79	10,6 40,5	<0,001 0,001	0,04 0,24	[e],[o]	1/175	0,6	<0,001	0,01

Em Piranga, [i], [u], [an] foram desfavorecedoras do abaixamento. Em Machacalis, [e], [o] foram desfavorecedores. As vogais altas não foram desfavorecedoras do abaixamento apenas em Machacalis.

2.3.1.4. Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Piranga	
Vogal tônica [i], [u]	Vogal tônica [an]
decide (1e)	chegando (1e) (6e)
dedica (1e)	levanta (1e)
Getúlio (1e)	perdão (2e)
Jesus (2e)	questão (32e) (4e)
Letícia (3e)	semana (11e) (8e)
mesquita (1e)	
pesquisa (1e)	
querido (1e)	
regime (1e)	
república (1e) (2e)	
resume (1e)	
revista (1e)	
seria/seriam (13e)	
serviço/serviços (5e)	
teria (6e)	
terrível (3e)	
Total: 42 (e)	Total: 47 (e)

Machacalis	
Vogal tônica [e], [o]	
beber/bebeu (3e)	pegou/peguei (24e)
beleza (3e)	peleja (1e)
besteira (1e)	percebo (1e)
cebola (1e)	perder (1e)
cenoura (1e)	pereira (2e)
certeza (5e)	prefeito/prefeitos (50e)
chegou/cheguei (18e)	preguei (2e)
crescer/crescesse/cresceu (6e)	querer (2e)
desejo (1e)	receita (3e)
fechou (1e)	respeito (5e)
ferver (1e)	senhor (14e)
levou (2e)	setor/setores (10e)
mercê (2e)	terceira/terceiro (9e)
mexer (1e)	vermelha (1e)
pedreiro (3e)	
Total: 174 (e)	

Ao analisar os itens lexicais, confirmamos o desfavorecimento do abaixamento pelas vogais [i], [u] e [an] em Piranga e pelas vogais [e], [o] em Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

2.3.1.5. Análise dos segmentos nos fatores desfavorecedores

Ao observar o segmento, constatamos que os segmentos [i], [u] ocorrem nos itens listados em Piranga e que os segmentos [e], [o] ocorrem nos itens listados em Machacalis, portanto eles são desfavorecedores do abaixamento nessas cidades.

2.3.1.6. Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

TABELA 16
Fatores sem significância para o abaixamento de /e/,
em relação à vogal da sílaba tônica

Variável independente	Ouro Branco					Piranga					Machacalis				
	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n1/nt	%	Sig.	P.R.
Vogal da sílaba tônica	[e],[o]	11/70	15,7	0,144	0,74	[e],[o]	20/22	90,9	0,087	0,78	[in],[un]	6/7	85,7	0,066	0,87
	[en],[on]	4/67	6,0	0,417	0,35	[in],[un]	6/9	66,7	0,13	0,77	[i],[u]	18/67	26,9	0,332	0,41
	[i],[u]	1/17	5,9	0,47	0,27	[en],[on]	62/86	72,1	0,271	0,61	[an]	32/96	33,3	0,219	0,40
	[an]	1/24	4,2	0,143	0,19										

2.3.2. Modo do segmento precedente

2.3.2.1. Análise de fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do abaixamento de /e/ em relação à variável *modo do segmento precedente*:

TABELA 17
Fatores favorecedores do abaixamento de /e/,
em relação ao modo precedente

	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
Variável independente		Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.
Paradigma	O programa não considerou este grupo de fator significativo	tepe e laterais	31/39	79,5	0,018	0,78	tepe e laterais	50/120	41,7	0,001	0,76

O único fator favorecedor em Piranga e Machacalis foi tepe e laterais precedentes.

2.3.2.2. Análise dos itens nos fatores favorecedores

Podemos observar os itens a seguir:

Modo precedente: tepe e laterais	
Piranga	Machacalis
crescendo (1ε)	crescemos/crescendo (4ε)
frequência (1ε)	legal (1ε)
frequenta/frequento (2ε)	levando/levar/levaram/levava/levavam (22ε)
levando/levaram/levava (9ε)	levanta/levanto (2ε)
precária/precário/precários (4ε)	precária/precárias (2ε)
prefere (2ε)	pregada (1ε)
preparo (1ε)	pregar/pregava/pregando (4ε)
presença (4ε)	prepara (1ε)
presente (1ε)	presença (3ε)
pretendo (4ε)	presente (1ε)
trezentos (2ε)	prestar (1ε)
	pretendo (3ε)
	trezentos (5ε)
Total: 31 (ε)	Total: 50 (ε)

A análise dos itens nos permite concluir que o modo precedente *tepe e laterais* é favorecedor do abaixamento em Piranga e Machacalis, já que há vários itens em que ocorre o abaixamento. Observamos, no entanto, que a sílaba ‘pré’ ocorre na maioria dos casos. Estudos posteriores devem analisar esse caso.

2.3.2.3. Análise dos segmentos nos fatores favorecedores

Analisamos também o segmento e observamos que o tepe e a lateral [l] são favorecedores do abaixamento em Piranga e Machacalis.

2.3.2.4. Análise dos fatores desfavorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores que desfavorecem o abaixamento de /e/:

TABELA 18
Fatores desfavorecedores do abaixamento de /e/,
em relação ao modo precedente

	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
Variável independente		Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.
Modo de segmento precedente	O programa não considerou este grupo de fator significativo	oclusivas	62/131	47,3	0,008	0,29	-----	-----	-----	-----	-----

As oclusivas desfavorecem o abaixamento, em Piranga.

2.3.2.5. Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Piranga	
Modo precedente: oclusivas	
bebendo (1e)	pergunta (2e) (5e)
decide (1e)	pesadas/ pesado (2e) (1e)
dedica (1e)	pesquisa (1e)
depende (1e) (2e)	querendo (6e) (14e)
descendo (2e) (4e)	querido (1e)
pedaços (1e) (2e)	questão (32e) (4e)
pedestre (1e)	telhado (1e)
pegava (2e) (6e)	teria (6e)
perdão (2e)	termina (1e) (1e)
perdendo (2e) (2e)	terrível (3e)
Total: 69 (e)	

Confirmamos o desfavorecimento do abaixamento pelas oclusivas precedentes em Piranga, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

2.3.2.6. Análise dos segmentos nos fatores desfavorecedores

Ao observar os segmentos do fator oclusivas, constatamos que os segmentos p, b, t, d, k ocorrem na lista dos itens. Portanto, eles são desfavorecedores do abaixamento. A única oclusiva que não ocorreu foi [g].

2.3.2.7. Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

TABELA 19
Fatores sem significância para o abaixamento de /e/,
em relação ao modo precedente

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
		Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.	Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento precedente	O programa não considerou este grupo de fator significativo	fricativas	65/19	54,6	0,778	0,52	fricativas	66/204	32,4	0,987	0,50
		nasais	17/21	81,0	0,468	0,39	oclusivas	75/204	36,8	0,264	0,43
							nasais	10/18	55,6	0,084	0,29

2.3.3. Modo do segmento seguinte

2.3.3.1. Análise de fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do abaixamento de /e/ em relação à variável *modo do segmento seguinte*:

TABELA 20
Fatores favorecedores do abaixamento de /e/,
em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo do segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	oclusivas	62/154	40,3	<0,001	0,75
			fricativas	115/292	39,4	0,0008	0,66

Machacalis apresentou como favorecedoras as oclusivas e as fricativas.

2.3.3.2. Análise dos itens nos fatores favorecedores

Vejamos os itens:

Machacalis	
Modo seguinte: oclusivas	Modo seguinte: fricativas
chegar/chegaram/chegava (7€)	bermuda (2€)
depende/dependem (5€)	crescemos/crescendo (4€)
legal (1€)	defeitos (1€)
mecânica (1€)	defendem (1€)
metade (1€)	derrame (1€)
negócio (5€)	descendo (1€)
pecado (2€)	fechar (1€)
pecamos (2€)	Fernanda (1€)
pegamos/pegando/pegar/pegava (9€)	Jesus (2€)
peteca (1€)	levando/levar/levaram/levava/levavam (22€)
precária/precárias (2€)	levanta/levanto (2€)
pregada (1€)	mexendo (1€)
pregando/pregar/pregava (4€)	percebe (4€)
prepara (1€)	pergunta/perguntas (3€)
pretendo (3€)	pergunto (1€)
quebrado (1€)	permite (1€)
quebrar/quebrava (2€)	pesado (2€)
reclamam (2€) (1€)	pescar (1€)
regando (1€)	pesquisa (4€)
regata (1€)	presença (3€)
repente (1€)	presente (1€)
repete (1€)	prestar (1€)
república (1€)	questão (12€)
retrato (1€)	recebe/recebem (3€)
setenta (2€)	respaldo (1€)
teclado (4€)	resposta (2€)
	restante (2€)
	revista (1€)
	rezar (2€)
	sessenta (5€)
	sessões (2€)
	termina/terminam (2€)
	terreno/terrenos (4€)
	trezentos (5€)
	verdura/verduras (5€)
	vergonha (8€)
	versículo (1€)
Total: 62 (€)	Total: 115 (€)

Ao analisar os itens em Machacalis, concluímos que os fatores *oclusivas* e *fricativas* são realmente favorecedores do abaixamento, pois há vários itens em que ocorre o abaixamento.

2.3.3.3. Análise dos segmentos nos fatores favorecedores

Analizamos o segmento e confirmamos o favorecimento desses fatores, pois o abaixamento ocorreu diante de vários segmentos tanto para as oclusivas [p, b, t, k, g] quanto para as fricativas [f, v, s, z, h, ʃ], portanto não podemos atribuí-lo a um segmento específico. A única oclusiva que não ocorreu foi (d) e a única fricativa que não ocorreu foi [ʒ].

2.3.3.4. Análise dos fatores desfavorecedores

Como vimos no quadro 2, após o cruzamento entre a variável dependente e a variável independente *modo do segmento seguinte*, os grupos de fatores *modo seguinte tepe e laterais* e *modo seguinte nasal* foram retirados em Ouro Branco, pois houve manutenção categórica na variável dependente.

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

TABELA 21
Fatores desfavorecedores do abaixamento de /e/,
em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n/nt	%	Sig.	P.R.
Modo de segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	nasais	10/55	18,2	<0,001	0,15

2.3.3.5. Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Machacalis
Modo seguinte: nasais
cenoura (1e)
remando (3e)
remédio (1e) (6e)
semana/ semanas (20e)
senado (1e) (2 e)
senhor/ senhora/ senhoras (19e)
Total: 45 (e)

Confirmamos o desfavorecimento do abaixamento pelas nasais seguintes em Machacalis, pois não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

2.3.2.6. Análise dos segmentos nos fatores favorecedores

Ao observar os segmentos do fator nasais, constatamos que todas elas (m, n, ɲ) ocorreram na lista dos itens. Portanto, são desfavorecedoras do abaixamento em Machacalis.

2.3.3.7. Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

TABELA 22
Fatores sem significância para o abaixamento de /e/,
em relação ao modo seguinte

Variável independente	Ouro Branco	Piranga	Machacalis				
			Fatores	n1/nt	%	Sig.	PR.
Modo de segmento seguinte	O programa não considerou este grupo de fator significativo	O programa não considerou este grupo de fator significativo	tepe e líquidas	14/45	31,1	0,931	0,49

2.3.4. Paradigma

2.3.4.1. Análise dos fatores favorecedores

Na tabela a seguir, apresentamos os fatores favorecedores do abaixamento de /e/ em relação à variável *paradigma*.

TABELA 23
Fatores favorecedores do abaixamento de /e/,
em relação ao paradigma

Variável independente	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
		Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR.
Paradigma	O programa não considerou este grupo de fator significativo	Paradigma com vogal aberta entre nomes	14/15	93,3	0,049	0,89	Não tem paradigma	102/264	38,6	0,037	0,67

⁶ Os numerais substantivos também foram considerados nomes.

Podemos observar que o fator *paradigma com vogal aberta entre nomes* é favorecedor do abaixamento em Piranga. E o fator *não tem paradigma* é favorecedor em Machacalis.

2.3.4.2. Análise dos itens nos fatores favorecedores

Observemos os itens a seguir:

Piranga
Paradigma com vogal aberta entre nomes
dezembro(2€)
mestrado (8€)
setembro (1€)
setenta (2€)
terreno (1€)
Total: 14 (€)

Machacalis	
Não tem paradigma com vogal aberta	
beltrano (2€)	prepara (1€)
bermuda (2€)	presença (3€)
defeitos (1€)	presente (1€)
defendem (1€)	pretendo (3€)
depende/dependem (5€)	questão (12€)
derrame (1€)	recebe/recebem (3€)
geral (1€)	reclamam (2€)
legal (1€)	regata (1€)
levanta/levanto (2€)	relógio (1€)
mecânica (1€)	remédio/remédios (6€)
memória (1€)	repente (1€)
merece (1€)	repete (1€)
metade (1€)	república (1€)
negócio (5€)	respaldo (1€)
percebe (4€)	resposta (2€)
pergunta/perguntas (3€)	restante (2€)
pergunta (1€)	retrato (1€)
período (1€)	revista (1€)
permite (1€)	senado (2€)
pesquisa (4€)	sessenta (5€)
peteca (1€)	sessões (2€)
precária/precárias (2€)	vergonha (8€)
Total: 102 (€)	

Ao analisar os itens, confirmamos o favorecimento do abaixamento pelo fator *paradigma com vogal aberta entre nomes* em Piranga e pelo fator *não tem paradigma* em Machacalis, pois observamos que não é possível atribuir o favorecimento apenas ao item lexical.

Averiguaremos a influência do acento secundário posteriormente.

2.3.4.3. Análise dos fatores desfavorecedores

A tabela a seguir apresenta os fatores desfavorecedores.

TABELA 24
Fatores desfavorecedores do abaixamento de /e/,
em relação ao paradigma

	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
Variável independente		Fatores	n/nt	%	Sig.	PR	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR
Paradigma	O programa não considerou este grupo de fator significativo	Outros (nomes próprios e siglas)	4/16	25,0	0,001	0,08	Paradigma com vogal fechada	19/75	25,3	0,006	0,24

O fator *outros* se mostrou desfavorecedor do abaixamento em Piranga e o fator *paradigma com vogal fechada* foi desfavorecedor em Machacalis.

2.3.4.4. Análise dos itens nos fatores desfavorecedores

Piranga
Outros
cesária (5e) ⁷
Getúlio (1e)
Jesus (2e)
Letícia (3e)
Rezende (1e)
Total: 12 (e)

Machacalis
Paradigma com vogal fechada
besteira (1e)
chegando/chegar/chegaram/chegava/chegavam/chegou/cheguei (36e)
remando (3e)
depende/dependem (5e)
seria (2e)
telhado (1e)
terceira/terceiro (9e)
teriam (1e)
verdura/verduras (2e)
Total: 56 (e)

Ao analisar os itens, confirmamos o desfavorecimento do abaixamento pelo fator *outros* em Piranga e pelo fator *paradigma com vogal fechada* em Machacalis, pois observamos que não é possível atribuir o desfavorecimento apenas ao item lexical.

⁷ Paradigma com vogal aberta: consideramos o nome (cesária) em relação ao nome próprio (César) como Outros.

2.3.4.5. Fatores sem significância

Os seguintes fatores não foram significativos:

Tabela 25
Fatores sem significância para o abaixamento de /e/,
em relação ao paradigma

	Ouro Branco	Piranga					Machacalis				
Variável independente		Fatores	n1/nt	%	Sig.	PR	Fatores	n1/nt	%	Sig.	PR
Paradigma	O programa não considerou este grupo de fator significativo	Paradigma com vogal aberta entre verbos	44/64	68,8	0,186	0,64	Paradigma com vogal aberta entre verbos	59/155	38,1	0,085	0,35
		Paradigma com vogal fechada	20/45	44,4	0,547	0,43	Paradigma com vogal aberta entre nomes	11/23	47,8	0,5	0,84
		Paradigma com vogal aberta entre classes diferentes	7/13	53,8	0,798	0,45	Paradigma com vogal aberta entre classes diferentes	6/8	75,0	0,997	0,50
		Não tem paradigma	86/157	54,8	0,64	0,55	Outros (nomes próprios e siglas)	4/21	19,0	0,29	0,35

2.3.5. Fatores sociais

Conforme mostrado no quadro 6, em Ouro Branco e Piranga, houve interação entre os fatores sociais. Em Machacalis, não houve interação e nenhum dos grupos de fatores sociais foram considerados significativos pelo programa.

Na tabela a seguir, apresentamos os resultados do abaixamento de /e/ em relação aos fatores sociais.

TABELA 26
Resultados do abaixamento de /e/, em relação aos fatores sociais

	Ouro Branco					Piranga				
Variável independente	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR	Fatores	n/nt	%	Sig.	PR
Agrupamento social gênero	masculino/jovem	6/69	8,7	0,997	0,98	masculino/jovem	63/85	74,1	0,002	0,72
	masculino/adulto	1/55	1,8	0,997	<0,01	masculino/adulto	56/79	70,9	<0,001	0,84
*faixa etária	feminino/jovem	7/72	9,7	0,997	0,98	feminino/jovem	43/74	58,1	0,796	0,48
	feminino/adulto	13/28	46,4	0,995	>0,99	feminino/adulto	13/72	18,1	<0,001	0,08

Em Piranga, os homens favorecem o abaixamento. Os homens adultos favorecem mais do que os homens jovens, mas os dois favorecem.

É importante ressaltar que em Ouro Branco há poucos dados para a abertura.

Em Machacalis, esse grupo de fator não foi significativo.

2.3.6. Conclusão – abaixamento

Após a análise de todos os fatores favorecedores, desfavorecedores e com realização categórica, nas três cidades, podemos concluir o seguinte em relação ao abaixamento:

- a) os processos envolvidos no abaixamento das vogais anteriores são mais significativos para a distinção dos falares em questão do que o alçamento;
- b) em relação às vogais tônicas, o [a] foi favorecedor nas três cidades e em Machacalis ainda há outras;
- c) em relação aos segmentos adjacentes, nenhum deles favorece o abaixamento em Ouro Branco; em Piranga há um favorecimento do abaixamento por tepe e laterais [1] precedentes; e em Machacalis há favorecimento de vários segmentos: tepe e lateral [1] precedentes, oclusivas e fricativas seguintes;
- d) em relação ao paradigma, o paradigma com vogal aberta entre nomes favorece o abaixamento em Piranga e o fator *não tem paradigma* favorece em Machacalis;
- e) em relação aos fatores sociais, os homens adultos e os homens jovens favorecem o abaixamento em Piranga.

QUADRO 8
Resumo dos fatores favorecedores do abaixamento de /e/ nas três cidades

ABAIXAMENTO	Ouro Branco	Piranga	Machacalis
Vogal tônica	[a] p[ɛ]sado	[a] m[ɛ]strado	[ɛ], [ɔ] n[ɛ]gócio
			[a] l[ɛ]vava
			[en], [on] v[ɛ]rgonha
Modo precedente	NS ⁸	tepe e lateral (1) pr[ɛ]sente	tepe e lateral (1) l[ɛ]vanta
Modo seguinte	NS	NS	oclusivas m[ɛ]cânica fricativas j[ɛ]sus
Paradigma	NS	paradigma com vogal aberta entre nomes t[ɛ]rreno	Não tem paradigma b[ɛ]rmuda
Gênero	interação ----- ⁹	interação masculino/adulto masculino/jovem	NS Não houve interação
Faixa etária			NS Não houve interação

Analisamos os itens retirados, listados na seção 2.1, e concluímos que apenas em Piranga houve itens cujo abaixamento não pudemos atribuir a fatores favorecedores que parecem ser mais importantes como a influência da vogal seguinte ou das consoantes adjacentes. São eles: NEGÓCIO, FERNANDO, MELINA. Estes casos precisam ser mais bem analisados.

3. Considerações finais

Para nossas considerações, vamos assumir o inventário das vogais do PB que se segue :

⁸ NS: grupo de fator não foi considerado significativo pelo programa estatístico.
⁹ -----: indica que não houve nenhum fator favorecedor neste grupo de fator, embora o grupo de fator tenha sido considerado significativo pelo programa estatístico.

		[-BK]	[+BK]	
[+HI]	[+ATR]	i	u	[-LO]
[-HI]	[+ATR]	e	o	
	[-ATR]	ɛ	ɔ	
	[-ATR]		a	[+LO]
		[-RD]	[+RD]	

Fonte: LEE, 2006, p.167.

Nesta pesquisa, mostramos que as vogais tônicas altas, nas três cidades, favorecem o alçamento por um processo de harmonia vocálica do traço + Hi. Há alguns indícios de um processo de redução favorecido pelas consoantes adjacentes, principalmente as nasais seguintes. Em Ouro Branco há um favorecimento do alçamento pelos homens jovens. Em Piranga há um favorecimento pelos jovens, o que representa indícios de progressão nessa cidade.

O abaixamento se mostrou mais relevante na distinção dos falares.

O abaixamento em Ouro Branco é favorecido apenas pela vogal baixa na sílaba tônica. Não houve influência do paradigma e houve muitas restrições para o abaixamento. Podemos dizer que há, principalmente, harmonia vocálica em relação ao traço -ATR, favorecida pela vogal /a/.

Em Piranga também é possível falar em harmonia vocálica em relação ao traço -ATR, favorecida pela vogal [a]. Em relação às consoantes adjacentes, há principalmente o favorecimento do tepe precedente e da lateral [l] – abaixamento 1. Há ainda o favorecimento do paradigma com vogal aberta entre nomes. Os homens (adultos e jovens) favorecem o abaixamento em Piranga.

Machacalis apresentou abaixamento, com muitos fatores favorecedores. Várias vogais tônicas, várias consoantes adjacentes e o fator *não tem paradigma* são favorecedores ao abaixamento. Podemos dizer que: a) em Machacalis, os únicos contextos vocálicos que não favorecem o abaixamento são aqueles que favorecem a manutenção; b) as vogais altas, que atuam categoricamente em relação à manutenção ou são desfavorecedoras do abaixamento nas outras cidades, em Machacalis, não atuam significativamente assim; c) em Machacalis, as únicas consoantes que não favorecem o abaixamento (precedentes ou seguintes) são aquelas que favorecem o alçamento (nasais) – todas as outras favorecem o abaixamento de alguma forma. Podemos propor HV com o traço -ATR favorecida pelas vogais /a/, /ɛ/, /ɔ/. Há ainda o favorecimento do abaixamento pelas vogais en, on tônicas, que será tratado posteriormente.

Observamos o que chamamos de abaixamento 1, que é favorecido pelas consoantes precedentes, como houve em Piranga; e o abaixamento 2, que é influenciado pelas consoantes seguintes.

Neste momento, podemos propor os seguintes processos fonético-fonológicos em cada cidade, além da influência do paradigma com vogal aberta em Piranga:

Ouro Branco	Piranga	Machacalis
/e/	/e/	/e/
HV + HI	HV + HI	HV +HI
Redução vocálica*	Redução vocálica*	Redução vocálica*
HV -ATR	HV -ATR	HV -ATR
	Abaixamento 1*	Abaixamento 1*
		Abaixamento 2*

É interessante notar que há uma gradação no abaixamento em relação aos processos encontrados nas três cidades: os processos de Ouro Branco são um subconjunto dos de Piranga que, por sua vez, constituem um subconjunto dos processos de Machacalis.

Portanto, levando em consideração as propostas de Nascentes (1953) e de Zágari (1998) e os nossos resultados até o momento, poderíamos talvez dizer que Ouro Branco pertenceria ao falar mineiro, Piranga estaria em uma área de transição entre o falar mineiro e o baiano, Machacalis pertenceria ao falar baiano. Precisaríamos analisar os processos do falar fluminense para afirmar se Piranga estaria ou não nessa área. Considerando o número de falares, podemos dizer que temos, nas áreas de Minas aqui estudadas, três diferentes falares, como foi proposto por Nascentes para as áreas pesquisadas, diferentemente de Zágari, que delimitou dois falares para essa região.

Em estudos posteriores, consideraremos aspectos históricos, como os apontados por Viegas; Cambraia (2011), e vários aspectos sociais das comunidades pesquisadas. Faremos também uma análise mais detalhada dos processos fonológicos aqui propostos, seu ordenamento ou hierarquização; e trataremos de outros aspectos como o favorecimento exercido pelas consoantes adjacentes.

* Favorecido por consoantes adjacentes.

Referências

- ALMEIDA, L. F. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*. 2008. 282p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- CÂMARA JR., M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CASTRO, Elzimar C. de. *As pretônicas na variedade mineira juizdeforana*. 1990. 306p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- CÉLIA, Gianni Fontis. *Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova Venécia-ES*. 2004. 113p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- DIAS, M. R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. 2008. 296p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. *Language Variation and change*, v.57, n.2, 1981.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Black Well, 1994.
- LEE, Seung-Hwa. Sobre as vogais pré-tônicas no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, v.1, n. 35, p.166-175, 2006.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- OLIVEIRA, A. J. Identificação e análise da interação entre variáveis independentes em estudos variacionistas. In: VIEGAS, M. C. (Org.). *Minas é Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. p.93-112.
- VIEGAS, M. C.; ALMEIDA, L.; DIAS, M. A variação das vogais em Minas Gerais: o projeto VARFON-MINAS. In: LARA, G.M.P.; COHEN, M.A. (Org.). *Linguística, tradução e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 72-91.

VIEGAS, M. C.; CAMBRAIA, C. N. Vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando passado e presente. In: VIEGAS, M. C. (Org.). *Minas é Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. p.13-43.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

YACOVENCO, Lílían Coutinho. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. 185p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ZÁGARI, M. R. L. Os Falares Mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderli de Andrade (Org.). *A Geolinguística no Brasil – caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998, p.31 a 54.

Formas variantes LOIRA ~ LOURA e LOIÇA ~ LOUÇA no *Corpus* do Português

Joana D'Arc de Sá Ribeiro Alves
UFMG/CUNP

Maria do Carmo Viegas
UFMG

1. O estudo¹

Neste texto estudamos a grafia das formas variantes LOIRA ~ LOURA e LOIÇA ~ LOUÇA, nos séculos XIX e XX, no *Corpus do Português*. Objetivamos um estudo comparativo entre o português do Brasil (PB) e o português de Portugal (PP).

O processo de variação linguística é inerente a todas as línguas e consiste no processo em que, em uma mesma comunidade de fala, se usam formas diferentes com o mesmo valor de verdade, em um mesmo contexto linguístico (LABOV, 1972). Tal processo ocupou, por um longo tempo, lugar marginal nos estudos da maioria dos linguistas, quando Labov, nos anos de 1960, passou a investigar a variação como objeto central de seus estudos. Atualmente considera-se o fenômeno da variação linguística de fundamental importância.

¹ Este texto é resultante de pesquisa de iniciação científica.

O estudo da grafia não é obviamente o estudo da fala, mas, quando nos interessa o estudo da linguagem de épocas passadas, o estudo da grafia constitui uma das ferramentas que se utiliza para atingir esse objetivo. Estamos supondo, portanto, que a grafia está nos dando pistas sobre pelo menos uma das variedades do português de determinada época.

Segundo Teyssier (1997), a respeito da evolução fonética do português europeu:

O ditongo *ou*, isto é, [ow], passou a [o] no português comum; ex.: *cousa*, *pouco*, *amou*, *doutor*. Esta monotongação começou provavelmente a manifestar-se no século XVII. Invadiu todo o Sul e a maior parte do Centro de Portugal, mas no resto do país, ou seja, uma vez mais ao Norte, o antigo ditongo *ou* [ow] continua vivo. O limite do fenómeno [...] parte do oeste da região de Aveiro e forma uma espécie de S que alcança a fronteira espanhola na região onde o Douro penetra em Portugal. No interior da zona de monotongação sobrevive, no distrito de Leiria, uma pequena área em que o *ou* se conservou. Verificamos mais uma vez que, com essa monotongação, uma inovação vinda do Sul se impôs ao português comum e rechaçou em direção do Norte o antigo uso, marginalizando-o.

Todas as palavras que possuíam um *ou* foram atingidas por esse fenómeno. Mas em algumas delas *ou* foi substituído por *oi*, do que resultaram hoje os pares *ou-oi*; ex.: *touro*, *toiro*; *ouro*, *oiro*; *cousa*, *coisa*. O surgimento desta variante *oi* está, evidentemente, ligado à monotongação. É porque em *ou* os elementos, inicial e final, se aproximam que a língua os faz distanciar. Assim, o ditongo evitava a monotongação, mas ao preço de uma mutação que o fazia confundir-se com *oi* ([oy]), ditongo que já existia na língua (ex.: *noite*, *oito*). (TEYSSIER, 1997, p. 63-64).

Observe-se que Teyssier está se referindo à evolução fonética, não apenas à alteração da grafia. Assumimos com ele essa posição.

O objeto escolhido foi o estudo das formas em variação LOURA - LOIRA e LOUÇA - LOIÇA, nos séculos XIX e XX, em textos ficcionais brasileiros e em textos ficcionais portugueses no *Corpus do Português*. Depreendemos daí os ditongos em variação [ow] - [oy].

A hipótese aqui trabalhada é a anteriormente citada por Teyssier de que a variante em que há um segmento posterior e um anterior, [oy], estaria suplantando a variante em que ambos os segmentos são posteriores, [ow],

como estratégia para evitar a monotongação, [o], que poderia ocorrer na variante em que há apenas segmentos posteriores.

Em relação a alterações dos outros ditongos, é interessante notar que, no caso do ditongo [ey], há, em Teyssier, referência a sua transformação em [ay] em Portugal, entre outros aspectos. Há algumas citações de monotongação do ditongo [ay] em contextos bem determinados (“seguidos de <x>”), não de modo geral, como se fazem referências nos compêndios de história da língua à monotongação de [ow] (COUTINHO, 1981; NUNES, 1969). No PB, temos hoje a monotongação de [ey] em alguns contextos.

Poderíamos nos perguntar se estariam as formas aqui estudadas caminhando na mesma direção no PB e no PP.

2. Método de coleta e tratamento dos dados

Para a coleta de dados, utilizamos o *Corpus do Português* de Davies e Ferreira, que pode ser acessado em <www.corpusdoportugues.org>.

Separamos as ocorrências de textos que apareciam repetidas vezes nesse *corpus* e as computamos apenas uma vez. Observamos as ocorrências dos séculos XIX e XX, em textos classificados como ficcionais em ambas as variedades do português aqui estudadas.

Com base nesse recorte, então, foram consideradas as variantes LOURA - LOIRA no sentido de cabelo/barba/penugem claros. As variantes LOUÇA - LOIÇA foram consideradas no sentido de utensílios de cozinha. Foram analisadas apenas essas variantes.

Pode-se supor que há outras interferências nas realizações estudadas que não foram aqui controladas, por exemplo, a interferência da região onde os autores dos textos nasceram e viveram. Mas, como houve variação em um mesmo autor, no mesmo texto, consideramos que esse controle pode ser feito em desdobramentos posteriores desta pesquisa. Vejamos alguns casos de variação retirados do *corpus* estudado em um mesmo texto:

20 :Fic:Br:Abreu:Onde fosse um sorriso, não sei. Fui saindo entre as mesas desocupadas. Uma loura cinquentona, com muitas jóias douradas e um vestido decotado

20: Fic: Br:Abreu: Onde um. Os outros aplaudiram. Curvei a cabeça, agradecendo. Pedi licença à loura e peguei o telefone. Antes que pudesse discar, ela estendeu

20: Fic:Br:Abreu:Onde deslizam pelo corpo imóvel. Ela volta para mim o rosto descoberto de uma mulher loura. Do interior do crânio, pelas órbitas vazias dos olhos:

20: Fic:Br:Abreu:Onde devia ser a peça principal: em moldura dourada, o retrato de uma mulher loura; empinada, com uma águia entre as mãos. Fiquei vagando

20:Fic:Br:Abreu:Onde a própria filha de Dulce sabia onde, quando uma mulher entrou na sala. loira, toda vestida de verde, colares pesados de ouro, ela brilhava

2.1. LOURA ~ LOIRA

A tabela 1 considera o número de ocorrências das formas variantes do português do Brasil e do português de Portugal, separando-se as ocorrências dos séculos XIX e XX.

TABELA 1
PP e PB LOURA ~ LOIRA

Variante	Século XIX		Século XX	
	N	%	N	%
Loura	4	44	94	36
Loira	5	56	165	64
Total	9	100	259	100

O que observamos, nesse caso, é um pequeno aumento de 8% no percentual das ocorrências da variante LOIRA, do século XIX para o século XX, em relação à variante LOURA.

A tabela 2 a seguir considera o português de Portugal separadamente, observando as ocorrências dos séculos XIX e XX. Vejamos.

TABELA 2
PP LOURA ~ LOIRA

Variante	Portugal Século XIX		Portugal Século XX	
	N	%	N	%
Loura	4	44	16	20
Loira	5	56	61	80
Total	9	100	77	100

Pode-se perceber que houve um aumento da forma variante LOIRA no português de Portugal do século XIX para o XX. Dessa vez, o aumento é um pouco mais importante: 24%.

A tabela 3 considera o português do Brasil separadamente, observando as ocorrências dos séculos XIX e XX:

TABELA 3
PB LOURA ~ LOIRA

Variante	Brasil Século XIX		Brasil Século XX	
	N	%	N	%
Loura	0	0	78	43
Loira	0	0	104	57
Total	0	0	182	100

De acordo com os dados obtidos, ambas as formas variantes passaram da situação de nenhuma ocorrência (de acordo com os sentidos possíveis estabelecidos) no XIX para a situação de surgimento de ocorrências. A variante LOIRA ocorre em maior número que a variante LOURA no XX no PB.

Por fim, a tabela 4 encerra os dados obtidos em relação ao uso das variantes LOURA ~ LOIRA, fazendo uma comparação entre as ocorrências do século XX no português de Portugal e no português do Brasil:

TABELA 4
PP e PB LOURA ~ LOIRA Século XX

Variante	Portugal Século XX		Brasil Século XX	
	N	%	N	%
Loura	16	20	78	43
Loira	61	80	104	57
Total	77	100	182	100

A seguir, apresentamos o teste de qui-quadrado em relação a esses dados.

Século XX	PP	PB	Total
Loura	16	78	94
Loira	61	104	165
Total	77	182	259

p-valor fator
entre os fatores
1 e 2 = 0,0007317303

O p-valor < 0,05 indica que a proporção na variação das duas formas no PP e no PB é significativamente diferente.

Desse modo, percebe-se um indício de que a diferença entre o uso de LOIRA e LOURA no português do Brasil (57% e 43%) é muito menor que a diferença no português de Portugal (80% e 20%). Temos, pois, indicações de que a variação no português de Portugal apresenta maior tendência na realização da variante LOIRA, comparativamente à tendência do português do Brasil. Assim, a estratégia para evitar a monotongação, caso esse resultado possa ser assim interpretado, não parece ser tão importante no PB quanto no PP.

Outra possibilidade de interpretação é considerarmos os resultados do PB como uma etapa anterior ao estágio em que o PP se encontra no século XX.

2.2. LOUÇA ~ LOIÇA

A tabela 5 apresenta as ocorrências das variantes LOUÇA ~ LOIÇA, considerando conjuntamente o português do Brasil e o português de Portugal, separando-se os dados por século:

TABELA 5
PP e PB LOUÇA - LOIÇA

Variante	Século XIX		Século XX	
	N	%	N	%
Louça	2	100	73	66
Loiça	0	0	38	34
Total	2	100	111	100

Observa-se um aumento nas ocorrências da variante LOIÇA.

A tabela 6 a seguir considera as ocorrências dos séculos XIX e XX no português de Portugal.

TABELA 6
PP LOUÇA - LOIÇA

Variante	Portugal Século XIX		Portugal Século XX	
	N	%	N	%
Louça	2	100	28	42
Loiça	0	0	38	58
Total	2	100	66	100

Observa-se, nesse caso, um aumento das ocorrências da forma variante LOIÇA: de 0% do século XIX a 58% no XX.

A tabela 7 demonstra as ocorrências no português do Brasil separadamente nos séculos XIX e XX:

TABELA 7
PB LOUÇA - LOIÇA

Variante	Brasil Século XIX		Brasil Século XX	
	N	%	N	%
Louça	0	0	45	100
Loiça	0	0	0	0
Total	0	0	45	100

Os dados obtidos apresentam um aspecto curioso: não houve nenhuma ocorrência da variante LOIÇA no português do Brasil, enquanto a variante LOUÇA passa de nenhuma ocorrência, no século XIX, de acordo

com os sentidos delimitados, para 100% das ocorrências no século XX. O item em questão não apresenta variação no PB.

Por fim, a tabela 8 traz uma comparação entre as ocorrências das variantes no século XX no português de Portugal e no português do Brasil.

TABELA 8
PP e PB LOUÇA - LOIÇA Século XX

Variante	Portugal Século XX		Brasil Século XX	
	N	%	N	%
Louça	28	42	45	100
Loiça	38	58	0	0
Total	77	100	45	100

Século XX	PP	PB	Total
Louça	28	45	73
Loiça	38	0	38
Total	66	45	111
p-valor fator 1 e 2		0,0000000003	

O p-valor < 0,05 indica que a proporção na variação das duas formas no PP e no PB é significativamente diferente.

Desse modo, percebemos um indício de que a diferença entre o uso de LOUÇA e LOIÇA no português do Brasil (100 % e 0%) é muito maior que a diferença no português de Portugal (42% e 58%). Temos, pois, indicações de que a variação no português de Portugal apresenta maior tendência à realização da variante LOIÇA, enquanto, no português do Brasil, essa tendência não foi detectada. Assim, a estratégia para evitar a monotongação não parece ser tão geral no PB quanto no PP no século XX. Ou o PP e PB não estão na mesma etapa do processo. Podemos observar nas tabelas que o século XX do PB é sempre semelhante ao século XIX do PP.

Consideremos as afirmações de Teyssier (1997):

Haveria muitas observações a fazer sobre essa alternância *ou-oi*. Certas palavras não são, sistematicamente, atingidas pelo fenômeno: diz-se, por exemplo, *pouco*, e jamais *poico*; igualmente, a desinência dos perfeitos da primeira conjugação, na

terceira pessoa do singular, é sempre *ou*, ex.: *amou*. Por outro lado, certos exemplos de *oi* por *ou* aparecem já em data antiga. (TEYSSIER, 1997, p. 64).

O processo do [ow] para [oy] parece ser Lexical nos termos de Kiparsky (1988) e Kiparsky (1995):

- 1 - Há exceções: “certas palavras não são, sistematicamente, atingidas pelo fenômeno”. (TEYSSIER, 1997, p. 64).
- 2 - Há atuação morfológica: “igualmente, a desinência dos perfeitos da primeira conjugação, na terceira pessoa do singular, é sempre *ou*”. (TEYSSIER, 1997, p. 64).
- 3 - É um processo lento: “Por outro lado, certos exemplos de *oi* por *ou* aparecem já em data antiga.” (TEYSSIER, 1997, p. 64).

Assim, a atuação lexical no processo é mesmo esperada.

3. Conclusão

Com base na pesquisa realizada,² com a devida coleta de dados, análise e interpretação dos resultados, não podemos afirmar que os ditongos [oy] estejam suplantando os ditongos ou falsos ditongos [ow] no português do Brasil e no português de Portugal, como meio de evitar a monotongação, de modo geral. Nos textos portugueses, observamos a tendência à maior realização do [oy] nessas formas, indício de comprovação da estratégia para evitar a monotongação. Nos textos brasileiros, contrariando a hipótese inicial, não há uma tendência geral de incremento do ditongo [oy] nos séculos pesquisados. Nesses textos, em relação às formas LOIRA ~ LOURA, há maior incremento da forma LOIRA (não tão importante quanto nos textos portugueses), mas, em relação às formas LOUÇA ~ LOIÇA, não houve variação no PB, apenas a forma LOUÇA foi encontrada. Assim, a tendência para evitar a monotongação no PB não é tão geral quanto aquela encontrada no PP. Ou o PP e o PB não estão na mesma etapa de um processo lexical.

Nas próximas etapas do trabalho, devemos aprofundar os estudos e buscar respostas a essas questões.

² Ressalvamos que este é um estudo preliminar com apenas dois itens e que precisa ser ampliado posteriormente. Não fizemos o estudo dos grupos de fatores favorecedores, como o contexto consonantal seguinte, por exemplo, devido ao pequeno número de itens (dois) aqui analisado.

Referências

Corpus do Português. Disponível em: <www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 30 maio 2012.

COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1981.

KIPARSKY, P. The Phonological basis of Sound Change. In: *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

KIPARSKY, P. Phonological Change. *Linguistics*. Cambridge: The Cambridge Survey, 1988.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. Lisboa: Liv. Clássica, 1969.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Gramaticalização de DE ONDE/ DONDE no português do Brasil (PB) e no português europeu (PE)

Simone Fonseca Gomes
UFMG

Sueli Maria Coelho
UFMG

1. Considerações Iniciais*

A análise de um possível processo de gramaticalização dos itens DE ONDE/DONDE se insere em uma problemática mais ampla, a do estudo das formas (H)U, ONDE, AONDE, DONDE, derivadas do *ubi* e do *unde* latinos, e dos fenômenos linguísticos pelos quais passaram ou vêm passando tais formas.

No português trecentista, ONDE (derivado de *unde*) expressava a proveniência e significava *de qual lugar*. HU (de *ubi*) significava *lugar em que e lugar a que ou para que se destina* (SILVA, 1989). Essa oposição semântica entre HU e ONDE se desenvolveu a partir dos sentidos de suas matrizes no latim: *ubi* = advérbio relativo/interrogativo de lugar estático – sem ideia de movimento; *unde* = advérbio relativo/interrogativo de lugar com ideia de movimento, expressando origem ou proveniência (GAFFIOT, 1934).

* Agradecemos às professoras Maria do Carmo Viegas e Alécia Teles Duchowny pelas contribuições durante o processo de reflexão, discussão e preparação deste texto.

Coelho (2001), analisando o português ducentista, observou que, além do valor locativo, ONDE e U eram empregados também para estabelecer relações de posse, de procedência, de tempo, de instrumento, de explicação, de causa, de adição, de fim, de conector anafórico, de partícula expletiva ou de operador argumentativo. Em seu trabalho sobre o português trecentista, Silva (1989) percebeu que o uso locativo de ONDE e de HU era predominante. No entanto, ela já identificou, nessa fase da língua, um uso do ONDE que ela denominou conclusivo, equivalente ao desempenhado contemporaneamente pelo DONDE conjunção coordenativa conclusiva. Percebemos, assim, que o ONDE já assumia, desde o período arcaico da língua, diferentes funções e sentidos, multifuncionalidade que pode ter algum reflexo nas formas dele oriundas.

A forma DONDE, originária de ONDE, surgiu no português arcaico como uma construção pleonástica. Said Ali (1966) explica que, como, naquela época, a noção de procedência era indicada geralmente pela preposição DE, criou-se o pleonismo DONDE, que ocorria ao lado de ONDE com o mesmo sentido. DONDE vulgarizou-se nessa acepção e a forma primitiva ONDE passou a ser interpretada como sinônimo de U (HU). Essa neutralização favoreceu a variação U - ONDE, que culminou no desaparecimento de U. DE ONDE e DONDE passaram, assim, a expressar a ideia de proveniência, antes expressa apenas pelo ONDE. Assim, podemos considerar a proveniência – tendo como referência um lugar concreto – o sentido etimológico de DONDE e de DE ONDE, o que nos parece explicar o fato de ambas terem se tornado, durante um período da língua, formas variantes até especializarem seus sentidos contemporâneos.

A partícula ONDE tem sido alvo de inúmeros estudos no português, quer na perspectiva diacrônica, quer na sincrônica. Alguns a interpretam como parte de um fenômeno de variação e mudança linguística, tomada na perspectiva laboviana, como Bonfim (1993) e Araújo; Cambraia (2007); outros a analisam na perspectiva da gramaticalização, como Coelho (2001) e Silva (2008). Embora esses trabalhos tenham contribuído significativamente para a compreensão do tema, sentimos necessidade de uma análise do caso específico das variantes DE ONDE/DONDE e um confronto entre duas variedades do português, o português europeu (PE) e o português do Brasil (PB). Pretendemos, assim, verificar se tais formas comportam-se como variantes em ambas as línguas e mensurar não só a frequência com que são empregadas pelos falantes dessas modalidades de português, bem

como as funções gramaticais assumidas e seus respectivos graus de gramaticalização, tanto no PB quanto no PE.

Este trabalho busca, portanto, fornecer uma contribuição aos estudos sobre o tema e possibilitar uma melhor compreensão dos fenômenos pelos quais DE ONDE/DONDE vêm passando. Partindo da hipótese de que as formas DE ONDE/DONDE são variantes produtivas tanto no PE quanto no PB e de que, em ambas as línguas, elas desempenham mais de uma função gramatical, buscamos responder às seguintes questões: (i) as formas DE ONDE/DONDE integram que categorias no português?; (ii) essas categorias são semelhantes no PE e no PB?; (iii) é possível estabelecer um *continuum* de gramaticalidade para essas formas?; (iv) o estágio de gramaticalização dessas formas é o mesmo no PE e no PB?

2. Gramaticalização

O conceito de gramaticalização aqui adotado é tomado de Meillet (1982 [1912]), para quem o fenômeno linguístico em questão resulta da passagem de um item lexical a um item gramatical. Kurilowicz (cf. GONÇALVES *et al.*, 2007) avança em relação à definição de Meillet e engloba no conceito a passagem de um item de um estágio menos gramatical para um mais gramatical, acepção que será também adotada por este estudo.

Na linha dos estudos que concebem a gramaticalização de itens como um processo de mudança linguística, Longuin-Thomazi (2006a e 2006b) constatou que as conjunções, principalmente as coordenativas, derivam de advérbios ou de pronomes do tipo relativo-interrogativo, aspecto que nos interessa mais de perto por aproximar-se particularmente do nosso objeto de estudo. Essa passagem de advérbios/pronomes a conjunções resulta de mudanças semânticas que se processam por meio de dois mecanismos complementares:

Um deles é a metáfora, de natureza cognitiva, que consiste na projeção, em passos discretos, de significados de um domínio cognitivo mais concreto para um mais abstrato, e o outro é a metonímia, de natureza pragmática, que consiste na transição gradual e contínua de um significado a outro, por meio da reinterpretação contextual (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 93).

Essa mutabilidade de itens linguísticos, em decorrência dos processos ora mencionados, reflete não só na parte orgânica da língua, como também na

própria categorização dos itens. A distinção entre advérbios, pronomes e conjunções, a princípio bastante nítida, em alguns casos pode gerar dúvidas e causar ambiguidades de classificação mesmo entre os gramáticos. ONDE, por exemplo, é classificado em gramáticas normativas ora como advérbio (relativo, interrogativo e, às vezes, conjuntivo) (cf. RIBEIRO, 1915 e PEREIRA, 1957), ora como pronome, nas mesmas funções (cf. CUNHA; CINTRA, 2008). O dicionário Houaiss (2009), ao apresentar o verbete ONDE, embora centrado na noção de advérbio, destaca as várias funções da palavra:

[...] GRAM possui diversas funções no enunciado e sua significação básica locativa acompanha os empregos: a) como substituto de um circunstante locativo, em consequência de seu valor advérbio relativo [...]; b) como elemento que estabelece relação de subordinação entre termos [...] ou orações. USO a) no discurso ou na situação, *onde* frequentemente tem função anafórica [...]; b) também pode ter função catafórica, apontando para o que virá a seguir, p. ex., na resposta a uma pergunta [...] (adaptado de HOUAISS, 2009, verbete *onde*).

Nessa definição, a palavra “substituto” nos remete à função pronominal de ONDE, enquanto a expressão “elemento que estabelece relação [...] entre termos ou orações” nos remete à sua função conjuncional.

Dessa forma, podemos suscitar a hipótese de que esses advérbios ou pronomes que dão origem a conjunções já tenham em si algo que os torne potencialmente propícios a assumirem a função conjuncional, visão da qual também partilham Ribeiro (1915) e Silveira Bueno (1958), que, mesmo classificando o item ONDE como advérbio, reconhecem sua função de *adjectivo relativo ou conjuntivo*, nomenclatura já adotada no latim para os advérbios *ubi* e *unde*.

No tocante ao item DONDE, encontramos a seguinte definição, também extraída da mesma obra lexicográfica:

1 indica procedência, origem; de onde, de qual lugar. 2 indica conclusão, consequência; daí. No Brasil, na acepção 1 ocorre mais frequentemente a locução *de onde*. Etimologia: contração da preposição de ‘proveniência’ + onde (adaptado de HOUAISS, 2009, verbete *donde*).

Esse excerto mostra que a função de DONDE como conjunção já está dicionarizada (acepção 2 da definição). Nessa definição, observa-se ainda o registro da variação entre as formas DONDE e DE ONDE (acepção 1), com ideia de

procedência ou origem, referindo-se a um lugar. Trata-se, conforme mencionado nas considerações iniciais, de formas variantes, que resultam do processo fonológico de elisão da vogal final da preposição *de* na junção com *onde*: *de + onde* = *DONDE*, registro que, segundo Cunha (1997 [1982], data do séc. XIII.

Inferre-se da acepção 2 apresentada por Houaiss (2009) que o item *DONDE*, indicativo de conclusão ou de consequência, equivalendo a *DAÍ*, classifica-se como conjunção coordenativa, conforme ilustra o exemplo (1), extraído do *corpus*:

- (1) (...) Deus não está em absoluto sujeito ao movimento (...). Donde se infere que não há n' Ele qualquer sucessão de tempo (...). (Século XX. Acadêmico. PB, grifos nossos)¹

O uso como pronome relativo locativo (acepção 1 de HOUAISS, 2009) pode ser identificado em (2), também extraído do *corpus*:

- (2) [...] mostrou-se-lhe simpático, ao saber que ele provinha da mesma região de Portugal donde também viera [...]. (Século XX. Ficção. PB, grifos nossos)

No exemplo (2), *DONDE* é um pronome relativo e retoma anaforicamente o termo antecedente, *PORTUGAL*. Esse é um exemplo do uso mais concreto de *DONDE*, equivalente a *DE ONDE*, exprimindo proveniência e tendo como antecedente um espaço físico.

Em (1), *DONDE* estabelece uma relação de conclusão entre as duas orações. A segunda oração (*se infere que não há n' Ele qualquer sucessão de tempo*) decorre da primeira (*Deus não está em absoluto sujeito ao movimento*). Embora o esvaziamento semântico seja evidente – *DONDE* perde o sentido “de qual lugar” –, é da acepção de proveniência e origem, estendida a assunto, matéria, que decorre o valor conjuntivo de *DONDE* (BONFIM, 1993).² A variação com *DE ONDE* também é possível, o que torna necessária a análise do uso dessa sequência no *corpus*.

¹ Todos os exemplos foram extraídos de DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>. A busca foi feita conforme Pereira, P. (2012).

² Bonfim (1993) trata do que ela denomina valor discursivo do *ONDE* e que Silva (1989) chama de *ONDE* conclusivo, no entanto, acreditamos se tratar da mesma função que aqui chamamos de conjuncional.

3. Coleta de dados e metodologia

O *corpus* utilizado foi o banco de dados *Corpus do Português*, organizado por Davies e Ferreira (2006-) e disponível no sítio www.corpusdoportugues.org. Diante dos objetivos da pesquisa, analisaram-se dados do português do Brasil (PB) e do português europeu (português de Portugal) (PE) do século XX. Pesquisou-se a palavra **DONDE** e a sequência **DE ONDE**.

Os gêneros de textos disponíveis no *corpus* são o acadêmico, o ficcional, o notícias e o oral. Devido aos limites deste estudo, optou-se por constituir um *corpus* piloto formado pelas 25 primeiras ocorrências de cada um dos quatro gêneros textuais no PB e no PE. No entanto, em alguns casos, devido à baixa frequência das formas pesquisadas no banco de dados, o número de ocorrências selecionadas foi menor, conforme mostra a tabela abaixo:

TABELA 1
Número de ocorrências de **DONDE** e **DE ONDE**
no PB e no PE por gênero textual

	PB		PE	
Donde	Acadêmico:	7	Acadêmico:	17
	Ficcional:	25	Ficcional:	25
	Notícias:	2	Notícias:	25
	Oral:	4	Oral:	25
De onde	Acadêmico:	25	Acadêmico:	25
	Ficcional:	25	Ficcional:	25
	Notícias:	25	Notícias:	25
	Oral:	25	Oral:	25

Fonte: Dados analisados.

O *corpus* total é composto de 330 ocorrências das formas selecionadas para o estudo, sendo 138 ocorrências do PB e 192 ocorrências do PE.

A análise do processo de gramaticalização de **DE ONDE/DONDE** que aqui propomos teve como instrumental os parâmetros propostos por Lehmann (1995 [1982] *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007). O conceito de gramaticalização adotado por esse autor corresponde ao que apresentamos no início da seção 2, ou seja,

um processo que transforma lexemas em formativos gramaticais e formativos gramaticais em mais gramaticais ainda. Sincronicamente, ela deve ser tomada como um princípio de acordo com o qual subcategorias de uma dada categoria gramatical podem ser arranjadas em uma escala, representada pelo símbolo $x > y$, usado para expressar que *y é mais gramatical do que x*, subentendendo-se daí um processo evolutivo da forma *x a y* (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 70).

Pautando-se em seis parâmetros, Lehmann (*apud* GONÇALVES *et al.*, 2007) busca contemplar os efeitos da gramaticalização de um item a partir dos eixos paradigmático e sintagmático. Tais parâmetros visam a aferir o grau de autonomia da forma, ou seja, seu grau de gramaticalidade, “uma vez que a autonomia de um signo é postulada como contrária a seu estatuto de ‘gramatical’” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 70), ou seja, quanto menos autônomo o item, mais gramatical ele será.

Com base na combinação dos aspectos *peso*, *coesão* e *variabilidade*, Lehmann distribui os seis parâmetros nos dois eixos, conforme o quadro que se segue:

PARÂMETROS DE LEHMANN

EIXO PARADIGMÁTICO	EIXO SINTAGMÁTICO
integridade (peso)	escopo (peso)
paradigmaticidade (coesão)	conexidade (coesão)
variabilidade paradigmática (variabilidade)	variabilidade sintagmática (variabilidade)

Adaptado de GONÇALVES *et al.*, 2007, p.71.

Além dos parâmetros ora mencionados, adotamos ainda o critério da frequência dos itens, considerando as seguintes correlações: PB X PE; DONDE x DE ONDE; sentido concreto X abstrato (gradação + concreto > + abstrato, apresentada abaixo); presença de antecedente (REL) X ausência de antecedente (ADV); gênero textual.

Dadas as controvérsias e as dificuldades de delimitar as noções de concreto e de abstrato, trabalhamos com a seguinte gradação de [+ concreto > + abstrato]:³

³ É importante enfatizar que esse critério é puramente semântico e tem como objetivo distinguir graus de abstração dos usos analisados. Não avaliaremos agora a função da palavra pesquisada – advérbio, pronome, conjunção –, apenas identificaremos essas funções.

- A) [+concreto]: pronome relativo (REL) e seu antecedente com valor locativo intrínseco;⁴ advérbio (ADV) com valor locativo intrínseco.

Exemplos:

- (3) Vou para Beira Alta, de onde é originária minha família. (Século XX. Oral. PE, grifos nossos) – pronome relativo [+concreto].
- (4) Você donde é que veio (...)? (Século XX. Ficção. PB, grifos nossos) – advérbio [+concreto].

- B) [-concreto]: pronome relativo (REL) e seu antecedente com valor locativo extrínseco; advérbio (ADV) com valor locativo extrínseco.

Exemplos:

- (5) (...) partir das fontes latinas clássicas, como também dos cronicões e anais dos conventos, donde se destaca a IV Crónica Breve de Santa Cruz (...). (Século XX. Acadêmico. PE, grifos nossos) – pronome relativo [-concreto].
- (6) De onde nasceu o seu interesse por um personagem (...)? (Século XX. Oral. PB, grifos nossos) – advérbio [-concreto].

- C) [+abstrato]: conjunção (CONJ), abstração extrema com ausência do valor locativo concreto.

Exemplo:

- (7) Pior ainda se gerarem expectativas que não estão a seu alcance realizar. Donde o perigo de excessivo voluntarismo político. (Século XX. Notícias. PB, grifos nossos) – conjunção [+abstrato].

⁴ Essa categorização foi feita com base em Hadermann (2009), que define *valor locativo intrínseco* como tudo o que é redutível a uma porção no espaço e *valor locativo extrínseco* como metáfora espacial, reconhecimento espacial mais abstrato.

4. Apresentação e análise dos dados

4.1. DE ONDE

DE ONDE apresentou a seguinte distribuição:

TABELA 2
DE ONDE no PB e no PE

PB	+ concreto	- concreto	+abstrato (CONJ)	TOTAL
Oral	1	24	0	25
Ficção	19	6	0	25
Notícias	14	11	0	25
Acadêmico	17	8	0	25
Total	51	49	0	100
PE	+concreto	-concreto	+abstrato (CONJ)	Total
Oral	8	17	0	25
Ficção	15	10	0	25
Notícias	15	10	0	25
Acadêmico	14	11	0	25
Total	52	48	0	100

Fonte: Dados analisados.

Os dados acima mostram que, em relação ao parâmetro + ou – concreto, tanto no PB como no PE, DE ONDE apresentou frequências totais equilibradas: no PB, identificaram-se 51 ocorrências de usos mais concretos e 49 de menos concretos; no PE, obtivemos 52 ocorrências de usos mais concretos e 48 de menos concretos. Esse critério puramente semântico não evidencia, portanto, diferenças entre as duas línguas nem aponta para uma abstratização dos usos no que diz respeito às frequências totais. Não se identificou nenhuma ocorrência de DE ONDE conjunção nem no PB, nem no PE, definido aqui como o uso mais abstrato da forma.

Quando observamos os gêneros textuais, podemos identificar no PB uma discrepância entre os gêneros ficcional e acadêmico – que têm suas ocorrências concentradas nos usos mais concretos – e o oral, que apresenta 96% (24/25) de ocorrências menos concretas. No PE, também observamos uma frequência maior dos usos menos concretos no registro oral (17/25). Acreditamos que a discrepância observada em relação ao gênero oral possa

ser explicada, em parte, pelo fato de esse registro ser mais inovador, enquanto o escrito é mais conservador, o que tende a induzir o usuário da língua a optar pelos usos locativos mais canônicos e em conformidade com as prescrições da gramática normativa.

Tanto os dados do PB quanto os do PE não nos possibilitam dizer muito sobre o processo de abstratização da forma DE ONDE, visto que as porcentagens são muito próximas. Apesar de o registro oral exibir maior frequência de usos menos concretos, tanto no PB quanto no PE, consideramos esse um dado incipiente para associar os usos mais abstratos a um caráter mais gramatical.

Aplicando o parâmetro da *variabilidade sintagmática* de Lehmann, que diz que quanto mais fixa a posição de um item no eixo sintagmático mais gramatical ele é (GONÇALVES *et al.*, 2007), observamos uma nítida diferença entre as categorias ADV e REL. Tanto no PB como no PE, sobretudo nas interrogativas diretas, DE ONDE advérbio possui maior mobilidade dentro da frase, podendo aparecer no início ou no fim de uma oração, conforme os exemplos abaixo:

(8) De onde você é mesmo? (Século XX. Ficção. PB, grifos nossos) – advérbio.

(9) Você é de onde? (Século XX. Ficção. PB, grifos nossos) – advérbio.

Isso não ocorre com o REL, que possui uma posição mais fixa, encabeçando um segmento ou oração que remete anaforicamente a um termo antecedente, conforme (10):

(10) [...] o clone em pouco se assemelhava a Rainbow, a gata de onde tiraram a célula. (Século XX. Acadêmico. PE, grifos nossos) – pronome relativo.

Com base na aplicação do parâmetro da *variabilidade sintagmática*, podemos, então, esboçar o seguinte *continuum* de gramaticalização, no qual o item posicionado à esquerda é menos gramatical que o item posicionado à direita:

ADVÉRBIO > RELATIVO

Entretanto, identificamos nos dados um uso diferente da categoria advérbio, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (11) Houve uma questão fundamental que foi perceber de onde é que vinham as dificuldades [...]. (Século XX. Oral. PE, grifos nossos)
- (12) [...] nunca vou saber de onde veio, naquela vez e em todas as outras. (Século XX. Ficção. PB, grifos nossos)

Nesses casos, percebemos que a forma DE ONDE assume uma posição fixa no eixo sintagmático, não permitindo a mobilidade constatada em (08) e em (09). Assim, segundo o parâmetro da *variabilidade sintagmática*, esse é um indício de que os exemplos arrolados em (11) e em (12) refletem usos mais gramaticais da forma em estudo. Refinando a análise, percebemos que, apesar de preservar sua função adverbial, o item DE ONDE, nos dois últimos exemplos, integra orações complexas, diferentemente do que ocorre nos casos em que apresenta mobilidade sintagmática. Trata-se, portanto, de transpositores, segundo nomenclatura adotada por Azeredo (1999), os quais introduzem orações subordinadas.

Não nos passou despercebido o fato de que os exemplos (11) e (12) partilham com o exemplo (10) a mesma imobilidade sintagmática, o que os aproxima em algum aspecto. Percebemos que tanto o REL quanto o ADV que introduz orações complexas são mais gramaticais que o ADV que figura em orações simples. Como explicar, então, o esboço de um primeiro *continuum* de gramaticalidade apresentado anteriormente? Na verdade, o REL é também um transpositor, que, diferentemente do ADV, desempenha uma função anafórica, sendo, por isso, denominado de transpositor anafórico. Os transpositores são elementos que atuam no eixo sintagmático, permitindo que constituintes por eles introduzidos passem a desempenhar novas funções na língua. Assim, o REL permite que o sintagma por ele introduzido passe a desempenhar a função de um adjetivo (oração subordinada adjetiva) e o ADV que introduz uma oração complexa permite que essa oração passe a funcionar como um substantivo (oração subordinada substantiva). Estamos propondo, então, que os dois integrem a mesma categoria, sendo, portanto, categorizados como transpositores. Com base nesse critério formal, podemos reorganizar os dados conforme quantificação expressa pela tabela 3:

TABELA 3
DE ONDE no PB e no PE

	- gramatical		+ gramatical	
	ADV	Transpositor anafórico	Transpositor adverbial	TOTAL
PB	29	51	20	100
PE	16	69	15	100
Total	45	120	35	200

Fonte: Dados analisados

Os dados dispostos na tabela acusam uma acentuação de gramaticalidade da forma DE ONDE, já que temos, tanto no PB quanto no PE, uma porcentagem de usos gramaticais superior a 70%. Esses dados revelam ainda que o processo de gramaticalização da forma parece estar mais adiantado no PE que no PB, já que naquele o percentual de usos gramaticais é de 84%, contra 71% no PB. No tocante ao uso das formas mais gramaticais, PB e PE se aproximam quanto à maior frequência do transpositor anafórico, que contabiliza 77,4% das ocorrências.

Computamos também as frequências por gênero textual nas duas modalidades do português, com o fim de se verificar se o gênero é uma variável que influencia o emprego da forma +/- gramatical. Os resultados obtidos estão dispostos na tabela 4:

TABELA 4
DE ONDE no PB e no PE por gênero textual

	Gênero	- gramatical		+ gramatical	
		ADV	Transpositor anafórico	Transpositor adverbial	TOTAL
PB	Oral	12	3	10	25
	Ficção	10	12	3	25
	Notícias	6	15	4	25
	Acadêmico	1	21	3	25
	Total	29	51	20	100
PE	Oral	8	8	9	25
	Ficção	6	15	4	25
	Notícias	2	21	2	25
	Acadêmico	0	25	0	25
	Total	16	69	15	100

Fonte: Dados analisados.

No que tange aos empregos menos gramaticais, a distribuição por gênero textual mostra que, em ambas as modalidades do português, existe uma maior concentração das ocorrências nos gêneros oral e ficção, o que parece ser explicado, em nosso *corpus*, pela predominância de frases interrogativas diretas. No tocante aos empregos mais gramaticais, notamos uma prevalência de empregos do transpositor anafórico, que se concentra, respectivamente, nos gêneros acadêmico e notícias, o que atesta uma maior ocorrência de orações adjetivas em relação às substantivas, no processo de subordinação.

4.2. DONDE

Como um de nossos objetivos era verificar a concorrência entre as formas variantes DE ONDE e DONDE, quantificamos a forma elidida DONDE, adotando os mesmos critérios utilizados para o tratamento de DE ONDE. Os resultados obtidos podem ser visualizados nas tabelas que se seguem:

TABELA 5
DONDE no PB

	+concreto	-concreto	+abstrato (CONJ) ⁵	Total
Oral	1	1	2 (50%)	4 (100%)
Ficção	18 (72%)	6	1 (4%)	25 (100%)
Notícias	1	0	1 (50%)	2 (100%)
Acadêmico	0	0	7 (100%)	7 (100%)
Total	20 (52,6%)	7 (18,5%)	11 (28,9%)	38 (100%)

Fonte: Dados analisados.

⁵ Esse caráter +abstrato deve ser mais bem desenvolvido em estudos posteriores.

TABELA 6
DONDE no PE

	+concreto	-concreto	+abstrato (CONJ)	Ambíguas	Total
Oral	21	4	0	0	25 (100%)
Ficção	16	9	0	0	25 (100%)
Notícias	8	7	9 (52,9%)	1 (5,8%)	17 (100%)
Acadêmico	3	3	6 (24%)	5 (20%)	25 (100%)
Total	48 (52,1%)	23 (24,9%)	15 (16,3%)	6 (6,7%)	92 (100%)

Fonte: Dados analisados.

Nos dados de DONDE no PB, a conjunção coordenativa, considerada, segundo nossos critérios, como o uso mais abstrato da forma, representa 28,9% (11/38) dos usos. A maior parte das ocorrências dessa forma concentra-se nos usos mais concretos, correspondendo a 52,6% (20/38); os menos concretos alcançaram os menores índices de frequência, com um percentual de 18,5% (7/38) das ocorrências. Quanto ao gênero textual, o DONDE conjunção coordenativa representa 100% das ocorrências no acadêmico e apenas 4% no gênero ficção. Isso sinaliza uma influência do gênero textual na ocorrência da conjunção.

No PE, assim como no PB, a maior porcentagem do DONDE está no sentido mais concreto, 52,1% (48/92). O DONDE conjunção coordenativa (+ abstrato) só aparece nos textos dos gêneros acadêmico e notícias. É interessante observar que no PE aparecem algumas ocorrências que classificamos como *ambíguas* por admitirem dupla interpretação: como conjunção ou como pronome relativo, conforme (13) e (14):

(13) [...] fundou, com Lucien Fevre e Marc Bloch, a escola dos Annales, donde proveio a publicação da revista Annales d'Histoire Économique et Sociale [...] (Século XX. Acadêmico. PE, grifos nossos)

(14) Em 1942 associou-se a Alan Jay Lerner, autor dos textos, donde resultaram obras como Brigadoon [...]. (Século XX. Acadêmico. PE, grifos nossos)

Em (13), podemos associar *DONDE* tanto à *escola dos Annales* – da *escola dos Annales* proveio a publicação de revista – quanto ao fato de a pessoa objeto da enunciação *ter fundado, com Lucien Fevre e Marc Bloch, a escola Annales*. Esse fato teria como consequência a *publicação da revista*. No primeiro caso, temos o relativo; no segundo, a conjunção.

Em (14), acontece algo semelhante: *DONDE* pode relacionar-se a *textos*, dos quais *resultaram obras*, ou pode referir-se ao fato de *associar-se a Alan Jay Lemer*, que teria como resultado *obras*.

Acreditamos que esses sejam exemplares do contexto que tornou possível a reanálise de *DONDE* como conjunção coordenativa, já que todo processo de reanálise pressupõe uma ambiguidade. Tal reanálise decorre de uma extensão metafórica do sentido de origem ou proveniência do *DONDE* advérbio ou relativo.⁶ Esse sentido, antes relacionado apenas a espaço físico, começa a retomar antecedentes e ideias mais abstratas (processo de abstração), culminando na mudança de categoria.

Esse processo de abstração está na base do princípio cognitivo da gramaticalização (embora não só nesse), segundo o qual conceitos concretos são empregados para compreender ou para descrever fenômenos menos concretos. No caso do nosso estudo, o processo de abstração envolve, conforme já se mencionou, os mecanismos da metáfora – transferência de um domínio mais concreto (+ locativo) para um domínio mais abstrato (- locativo) – e da metonímia – reinterpretação induzida pelo contexto, motivada pragmaticamente (GONÇALVES *et al.*, 2007).

A mudança de categoria (*DONDE* advérbio/relativo > *DONDE* conjunção) poderia ser compreendida mediante o estudo do processo de reanálise, um dos mecanismos presentes no processo de gramaticalização concebida como mudança linguística. Embora a conjunção possua um caráter mais abstrato, dada a perda do sentido locativo, é preciso associar esse uso a um caráter mais gramatical em relação ao advérbio e ao pronome relativo, que possivelmente originaram o uso conjuntivo a partir de um fenômeno de reanálise. Todas essas questões devem ser objeto de estudos posteriores, que requerem uma investigação diacrônica.

⁶ Dado que o estudo aqui empreendido é de cunho sincrônico, não nos é possível identificar qual das categorias (advérbio ou relativo) deu origem à conjunção, o que poderá ser objeto de investigação em trabalhos futuros.

Em se tratando da categorização, identificamos uma terceira categoria na forma **DONDE**: a conjunção coordenativa, conforme ilustra o exemplo (07), aqui repetido apenas para comodidade do leitor:

- (07) Pior ainda se gerarem expectativas que não estão a seu alcance realizar. Donde o perigo de excessivo voluntarismo político. (séc. XX. Notícias. PB, grifos nossos)

A tabela a seguir tem por propósito apresentar os dados da categorização da forma **DONDE** nas duas modalidades do português:

TABELA 7
DONDE no PB e no PE

	- gramatical		+ gramatical		Total
	ADV	Transpositor anafórico	Transpositor adverbial	Conjunção	
PB	7	15	5	11	38
PE	14	50	7	15	86
Total	21	65	12	26	124

Fonte: Dados analisados.

Tal como observado para a forma **DE ONDE**, tanto no PB quanto no PE, a frequência dos usos mais gramaticais de **DONDE** se sobrepõe à dos menos gramaticais, alcançando índices percentuais superiores a 80%. Isso demonstra que também essa variante está em processo de acentuação de gramaticalidade.

No tocante aos usos mais gramaticais, mais uma vez confirma-se a grande incidência de emprego do transpositor anafórico, cuja frequência é mais recorrente no PE. No PB, observamos uma distribuição mais uniforme das funções gramaticais, já que se computaram 48,3% de ocorrências do transpositor anafórico, 35,5% da conjunção coordenativa e 16,2% do transpositor adverbial.

A comparação por gênero textual da forma **DONDE** no PB e no PE também é interessante, conforme demonstram os dados dispostos a seguir:

TABELA 8
DONDE no PB e no PE por gênero textual

Gênero		- gramatical	+ gramatical			Total
		ADV	Transpositor anafórico	Transpositor adverbial	Conjunção	
PB	Oral	2	0	0	2	04
	Ficção	5	14	5	1	25
	Notícias	0	1	0	1	02
	Acadêmico	0	0	0	7	07
	Total	07	15	05	11	38
PE	Oral	9	15	1	0	25
	Ficção	5	17	3	0	25
	Notícias	1	11	3	9	24
	Acadêmico	0	6	0	6	12
Total		15	49	07	15	86

Fonte: Dados analisados.

Nossos dados acusam que, no PB, o gênero ficção concentra a maior frequência da forma *DONDE*, enquanto, no PE, observa-se uma distribuição mais uniforme por gênero, o que parece sinalizar que, nesta modalidade, o gênero não é uma variável que interfere na seleção.

Outro dado relevante é que a forma *DONDE*, no total, é pouco frequente no PB, concentrando-se basicamente em dois gêneros: ficção e acadêmico. Enquanto, no gênero ficção, a maior recorrência é do transpositor anafórico, no acadêmico, registrou-se o emprego maciço da conjunção coordenativa.

4.3. DE ONDE/DONDE: aplicação dos parâmetros de Lehmann

Considerando-se que, ao analisarmos a forma *DONDE*, encontramos uma terceira categoria, necessário se faz identificar em que lugar do *continuum* de gramaticalização ela pode ser inserida, já que esse é também um dos objetivos de nosso estudo. Para tentarmos identificar esse possível *continuum*, recorreremos, conforme mencionado na metodologia, aos parâmetros propostos por Lehmann. Apenas não foi objeto de nossa análise o parâmetro do escopo, por entendermos que não estava adequado aos nossos objetivos específicos.

Com relação ao parâmetro da *integridade*, que diz respeito ao tamanho proporcional do signo em termos de sua matriz semântica e fonológica (GONÇALVES *et al.*, 2007), observamos que a forma reduzida **DONDE** ocorre tanto nas funções menos gramaticais quanto nas mais gramaticais. Isso não pode, portanto, ser tomado como indício de maior ou de menor gramaticalidade, além do fato de a elisão ser um fenômeno bastante produtivo na língua, especialmente em contextos como o que originou a forma **DONDE**.

O parâmetro da *paradigmaticidade* trata do grau de coesão de um item com outros em um mesmo paradigma. Quanto menor o paradigma, mais gramaticalizado o item. Com relação ao **DONDE** conjunção coordenativa, ele integra o paradigma das conjunções conclusivas. O advérbio **DE ONDE/DONDE** integra o paradigma dos advérbios de lugar, enquanto os transpositores (transpositor anafórico e transpositor adverbial) integram, respectivamente, os paradigmas dos pronomes relativos e dos advérbios relativos, definidos aqui como advérbios que introduzem uma oração subordinada substantiva, nos termos adotados pela gramática tradicional.

Pautando-nos pela gramática de Cunha e Cintra (2008), observamos que o paradigma dos advérbios de lugar, assim como o dos advérbios relativos, é relativamente amplo. Além disso, o advérbio **ONDE** e seus derivados podem ser substituídos por locuções adverbiais como *em que lugar*, *de que lugar*, entre outras, conforme ilustram estes exemplos: *Onde está o livro? Em que estante está o livro? Em que lugar está o livro?*

Os pronomes relativos, por sua vez, apresentam um paradigma bem delimitado, compondo-se de três formas variáveis (o qual, cujo, quanto) e três formas invariáveis (que, quem, onde). O **ONDE** pode se aglutinar com as preposições *a* e *de* formando **AONDE** e **DONDE** (CUNHA; CINTRA, 2008).

O paradigma das conjunções coordenativas conclusivas, assim como o dos advérbios, também não é bem delimitado: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*, etc. No entanto, ainda assim, o paradigma dos advérbios parece-nos ser maior, visto que as locuções adverbiais podem ser formadas da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio, enquanto as locuções conjuntivas se formam da associação da partícula *que* antecedida de advérbios, de preposições ou de participios (CUNHA; CINTRA, 2008).

Dessa forma, pautando-nos pelo parâmetro da *paradigmaticidade*, podemos dizer que o transpositor anafórico possui o menor paradigma, sendo, portanto, o mais gramaticalizado das três categorias. Os paradigmas dos advérbios de lugar e dos transpositores adverbiais seriam os maiores, os menos gramaticais, portanto. O paradigma das conjunções coordenativas conclusivas estaria, então, segundo esse critério, em um nível intermediário de gramaticalidade, o que nos impele a buscar validar esse *continuum*, congregando os demais critérios adotados.

Quanto ao parâmetro da *variabilidade paradigmática*, podemos afirmar que, na função conjuncional, a forma **DONDE**, no PB e no PE, é preferida em relação a **DE ONDE**. No entanto, **DONDE** pode variar com outros itens que expressam a mesma função, como o **DAÍ**, **ENTÃO**, **AÍ**. Não existe, pois, uma obrigatoriedade do uso da forma **DONDE**. Isso também pode ser dito sobre **DE ONDE/DONDE** advérbio e transpositor adverbial, que podem variar com diversos outros itens do paradigma. O transpositor anafórico, embora integre um paradigma bem menor, também pode variar com outras construções relativas como **EM QUE**, **QUE**, **O QUAL**.

A *conexidade* diz respeito à coesão de um item com relação a outros, ou seja, à rigidez das relações no interior da frase (GONÇALVES *et al.*, 2007). As frases nas quais aparece a conjunção **DONDE** são caracterizadas por uma estrutura fixa: **DONDE** encabeça a segunda oração e faz remissão à primeira, estabelecendo uma avaliação conclusiva ou uma consequência do que foi dito anteriormente, ou seja, articulando proposições e atuando na coesão do texto. Ele pode, contudo, aparecer separado da primeira oração por meio de vírgula ou de ponto final, conforme (15):

- (15) [...] movimentos perfeitos, plástica admirável, efeitos especiais topo de gama para o gênero. Donde, gráficos 95 por cento, som à medida, jogabilidade prevista também para canhotos [...] (Século XX. Notícias. PE, grifos nossos)

Os transpositores (anafórico e adverbial) também possuem posição fixa, mas essa posição parece ser mais fixa do que a posição da conjunção coordenativa: os transpositores aparecem tão somente encabeçando uma oração, enquanto a conjunção aparece também no início de período, depois de ponto final, referindo-se à frase anterior. O advérbio, por sua vez, possui posição variável, podendo aparecer no início de período, no início de oração ou no final do período, principalmente em frases interrogativas (esse parâmetro foi analisado e exemplificado na seção 4.1). Dado que, quanto

menor a *variabilidade sintagmática*, mais gramatical é a forma, entendemos que, diante da análise dos parâmetros realizada e sintetizada na tabela 9, a seguir, já estamos em condições de esboçar um *continuum* de gramaticalidade das formas, conforme era nosso objetivo.

TABELA 9
Aplicação dos parâmetros de Lehmann

	DE ONDE/ DONDE	DE ONDE/ DONDE	DE ONDE/ DONDE	DONDE
Parâmetros de Lehmann	Advérbio	Transpositor anafórico	Transpositor adverbial	Conjunção
Integridade	-	-	-	-
Paradigmaticidade	-	++	-	+
Variabilidade paradigmática	-	-	-	-
Conexidade	-	++	++	+
Variabilidade sintagmática	-	++	++	+

Essa tabela procura mostrar a gradualidade da função gramatical utilizando os símbolos (-) para a não aplicação do parâmetro, (+) para a aplicação e (++) para uma gradação mais marcada em relação a (+). Os parâmetros *integridade* e *variabilidade paradigmática*, como discutimos anteriormente, não são decisivos para classificar quanto à gradualidade gramatical nenhum dos usos de DE ONDE/DONDE. Os parâmetros da *variabilidade sintagmática* e da *conexidade* se aplicam aos transpositores e à conjunção, demonstrando que a posição dos transpositores é mais fixa que a das conjunções coordenativas. O advérbio que figura em orações simples possui posição mais variável no eixo sintagmático em relação às demais categorias.

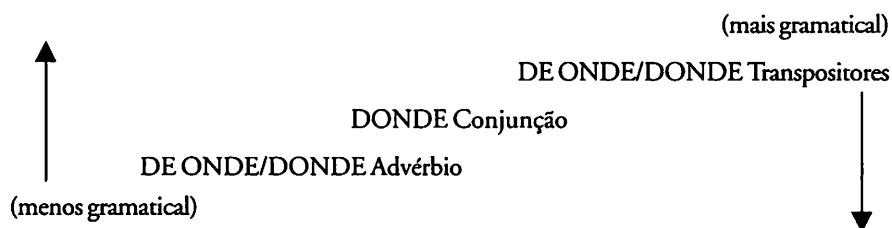
Desse modo, a tabela 9 nos autoriza a dizer que o advérbio é o uso menos gramatical de DE ONDE/DONDE e que o transpositor anafórico é o uso mais gramatical. A conjunção e o transpositor adverbial estariam em um grau intermediário de gramaticalidade; no entanto, com base nesses parâmetros apenas, é difícil precisar a diferença de gramaticalidade entre eles.

Assim, numa tentativa de definir esses graus de gramaticalidade, recorreremos à proposta de Hopper e Traugott (1993), para o estudo da gramaticalização de orações. Os autores em tela propõem o seguinte *continuum* de gramaticalidade para os processos de combinação de orações: parataxe > hipotaxe > subordinação.

Para esses pesquisadores, a parataxe caracteriza-se por uma independência relativa e por uma integração mínima entre as orações; a hipotaxe, por uma interdependência relativa e por um grau intermediário de integração e, por fim, na subordinação, tem-se a dependência total e uma integração máxima entre as orações.

Com base no *continuum* de Hopper e Traugott (1993), podemos interpretar os dados desta pesquisa de seguinte maneira: DE ONDE/DONDE advérbio, que aparece apenas em orações simples, estaria localizado na extrema esquerda do *continuum* (- gramatical); DONDE conjunção coordenativa estaria no nível da parataxe; DE ONDE/DONDE transpositor anafórico e transpositor adverbial, que compõem orações subordinadas adjetivas e substantivas, respectivamente, localizar-se-iam no nível da subordinação (+ gramatical), não tendo sido identificados no *corpus* casos de hipotaxe.

Diante da análise empreendida, propomos, esquematicamente, o seguinte *continuum* de gramaticalidade para as formas DE ONDE/DONDE:



Com base nesse esquema, pode-se cogitar que a forma DE ONDE/DONDE advérbio seria, possivelmente, a forma fonte que, por meio do processo de abstração metafórica, teria se gramaticalizado, dando origem a usos mais gramaticais como o DONDE conjunção, ou mais gramaticais ainda, como os transpositores. Quanto aos transpositores, a aplicação dos parâmetros de Lehmann nos permite postular a maior gramaticalidade do transpositor anafórico em relação ao adverbial, visto que o primeiro obedece ao parâmetro da paradigmaticidade, possuindo um paradigma mais reduzido.

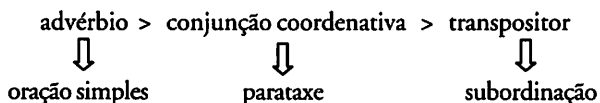
5. Considerações finais

Este estudo dedicou-se a analisar sincronicamente as formas DE ONDE/DONDE no PE e no PB, buscando, primeiramente, verificar se tais formas são variantes produtivas tanto no português aquém quanto no além-mar. Por meio da análise de um *corpus* constituído de 330 ocorrências das formas em estudo, verificamos que DE ONDE/DONDE são variantes linguísticas nas duas modalidades, sendo a variante DONDE mais produtiva no PE que no PB.

Era ainda nosso objetivo categorizar as formas em estudo, buscando identificar se, em ambas as línguas, elas desempenham funções semelhantes. Nossos dados demonstraram que a forma DE ONDE ocorre como advérbio e como transpositor (anafórico e adverbial) no PE e no PB, não ocorrendo, em nenhuma das línguas, como conjunção coordenativa. Tal função foi identificada apenas para a forma contraída DONDE.

Com base na análise do grau de abstração das formas em estudo, verificamos que, em ambas as línguas, DE ONDE e DONDE estão passando por um processo de acentuação de gramaticalidade, dado que seus usos mais gramaticais se sobrepõem aos menos gramaticais, com índices superiores a 70% no PB e a 80% no PE. Os percentuais de usos mais gramaticais superiores no PE permitem-nos cogitar acerca do fato de o processo de gramaticalização estar mais adiantado nesta modalidade de língua.

Identificada a acentuação de gramaticalidade das formas, empreendemos esforços para precisar um *continuum* de gramaticalização entre as categorias identificadas. Para o delineamento de tal *continuum*, recorremos aos parâmetros postulados por Lehmann (1995) e também à proposta de Hopper e Traugott (1993) para a gramaticalização de orações. As reflexões desenvolvidas conduziram-nos ao seguinte *continuum*, no qual o item à esquerda é menos gramatical que o item à direita:



No tocante aos transpositores, o parâmetro da paradigmaticidade nos induz a pensar que o transpositor anafórico é mais gramatical que o transpositor adverbial. Contudo, para conclusões mais precisas acerca do processo de gramaticalização das formas aqui analisadas, faz-se necessária

uma análise diacrônica de DE ONDE/DONDE, com o intuito de flagrar o contexto de surgimento dos usos mais gramaticais e seus percursos históricos e, assim, compreender melhor o aspecto processual do fenômeno e não apenas seus resultados. Acreditamos ser válido também avaliar os prováveis fenômenos de variação que podem influenciar o processo – DONDE ~ ONDE, DONDE ~ DAÍ, entre outros. Ademais, enriqueceria a análise a aplicação de algum método quantitativo, como o teste do *qui-quadrado*, por exemplo, para avaliação da significância das frequências analisadas, o que pretendemos fazer em momento oportuno.

Referências

- ARAUJO, Leonardo Eustáquio Siqueira; CAMBRAIA, César Nardelli. *Variação em locativos no português de Belo Horizonte: estudo sociolinguístico*. 2007. 213 f., enc. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2007.
- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Coleção Letras).
- BONFIM, Eneida do Rêgo Monteiro. Variação e mudança no português arcaico: o caso de u e onde. *Palavra*, PUCRJ, n. 1, p. 96-119, 1993.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997 [1982].
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- COELHO, Sueli Maria. *Uma análise funcional do ONDE no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso*. 2001. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português*: 45 million words, 1300s-1900s (2006-). Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.
- GAFFIOT, Felix. *Dictionnaire illustre latin français*. Paris: Hachette, 1934. 1719p.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

HADERMANN, P. Le relatif où et ses principaux concurrents: variation morpho-syntaxique et neutralisation entre synchronie et diachronie. *Travaux de linguistique*, n. 59, 2009/2.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRÁFIA. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEHMANN, C. *Thought on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982].

LONGHIN-THOMASI, S. R. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá*, Niterói: UFF, v. 21, n. 2, p. 59-72, 2006a.

LONGHIN-THOMASI, S. R. Gramaticalização, (inter)subjektivização e modalidade epistêmica: o caso de 'assim'. *Estudos Linguísticos*, Campinas: GEL-SP, v. 35, p. 1772-1779, 2006b.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1982 [1912]. p. 130-148.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior*. 107. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

PEREIRA, Pâmella Alves. *NÃO em formações nominais no português: morfologização e gramaticalização*. 2012. 284f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticae*. 2. ed. Bahia Estabelecimento dos dois mundos, 1915.

SAID ALI. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

SILVA, Fernanda C. P. da. *O percurso de mudança do item onde na perspectiva da gramaticalização*. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2008.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Casa da Moeda, 1989.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Gramática normativa da língua portuguesa* – curso superior. 5. ed. São Paulo: Edição Saraiva: 1958.

Trajetória **não + nome** na história do português

Pâmella Alves Pereira
UFVJM

1. Considerações Iniciais

Este trabalho é parte da minha tese de doutorado – Pereira (2012) – e tem como objetivo a observação da trajetória seguida pelas formações em que o **NÃO** antepõe-se a um nome (doravante formações **não + nome**) ao longo da história do português. Para isso, utilizamos, principalmente, o banco de dados de Davies e Ferreira (2006) – *O Corpus do Português*, para coleta de dados de diferentes períodos da língua. Apresentaremos, aqui, os métodos de coleta, seleção e organização dos dados, a trajetória das formações com **NÃO** na história do português e a questão do uso do hífen nesse tipo de estrutura em relação aos períodos analisados.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram coletados dados dos séculos XIV ao XX do banco de dados de Davies e Ferreira (2006), denominado *O Corpus do Português* (doravante CdP), disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

Para a coleta dos dados, utilizamos a seguinte sintaxe de consulta: **não ***. Essa consulta no CdP significa que procuramos por todos os casos de NÃO seguido por qualquer palavra, devendo haver um espaço em branco entre o NÃO e a palavra seguinte. Ao fazermos essa busca em cada século, o CdP ofereceu-nos como resultado uma lista de ocorrências, entre elas, todos os casos de NÃO anteposto a verbo, pronome, adjetivo, substantivo, enfim, todas as classes gramaticais possíveis. Interessa para nossa análise apenas os dados de NÃO referente a nomes no português, isto é, casos em que o NÃO antepõe-se a um particípio com valor adjetival (**não + particípio**), a um adjetivo (**não + adjetivo**) ou a um substantivo (**não + substantivo**).

Precisávamos incluir, também, os casos de **não + nome** com hífen e, para isso, pesquisamos no CdP a seguinte sintaxe: **não***. Com essa consulta pretendíamos encontrar todos os casos de NÃO seguido por qualquer coisa sem o espaço em branco e tivemos como resultado, em sua maioria, casos de NÃO seguido imediatamente por hífen, e o hífen imediatamente seguido por outra palavra.

Como estamos diante de uma análise de dados de várias épocas do português, é certo que a palavra NÃO apresenta grafias diferentes. O CdP disponibiliza dados de textos antigos do português, e encontramos, principalmente nos séculos XIV a XVIII, as seguintes grafias da palavra NÃO: *nom, non, nam, nan, nō, nã, naō, nao* (sem o til) e *não*. Para encontrarmos essas grafias, fizemos uma consulta no CdP por lema, utilizando a seguinte sintaxe: [**não**]. Esse tipo de busca deve resultar em todas as formas da palavra consultada, incluindo suas possíveis flexões e grafias. Assim, fizemos a pesquisa no CdP considerando, também, cada grafia do NÃO.

Coletamos os dados e analisamos cada caso, selecionando aqueles que constituíam formações em que o NÃO refere-se a um particípio, a um adjetivo ou a um substantivo no português. Feito isso, constituímos um banco de dados do português com 6474 dados de NÃO referente a nomes, do século XIV ao XX. Vejamos alguns exemplos:

(1) a. SÉCULO XIV

prouguelhes muyto, pero duvidavō de poer seu feito ã mão de hũu homen nō
conheçido. [Título: Crónica Geral de Espanha Data: 1300-1400]

b. SÉCULO XV

comendandosse a Deus e a sam Framçisco, foise ao touro, **nom domado** e foriosso,
[Título: Crónica da Ordem dos Frades Menores. Data: 1209-1285]

c. SÉCULO XVI

Mas põe em vida os inda não nascidos. Fermosas são algúas e outras feias, Segundo a qualidade for das [Título: Obras. Autor: Camões. Data: século XVI]

d. SÉCULO XVII

conhesçendo minha ignorância o retracto, e dou por não dito, e protesto que tudo escreui com pureza de animo [Título: Insulana. Autor: Manoel Thomas. Data: 1625]

e. SÉCULO XVIII

Da terra immensa e mar não navegado Os segredos por alta profecia, O que esta [Título: Antídoto da língua portuguesa. Autor: José de Macedo. Data: século XVIII]

f. SÉCULO XIX

O amante da verdade porém, por caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse [Domingos José Gonçalves Magalhães Araguaia. Data: século XIX]

g. SÉCULO XX

serviço limitado, executado por estações não abertas à correspondência pública e destinado ao uso de pessoas físicas ou jurídicas [Título: LEI Nº 4.117. Tipo de texto: acadêmico. Data: século XX]

(2) a. SÉCULO XIV

e çarrrou grande parte das igrejas e outras deu aos arryanos e a outros poboos não catholicos; e levârou tã grande persiguyçon sobre os cristãos que [Título: Crónica Geral de Espanha de 1344. Data: 1300-1400]

b. SÉCULO XV

E ora nos he dicto que vossa alteza per enformaçam nam verdadeira a fecto merçe das dictas penas que saiu nossas a huû afono balieiro [Título: Cortes portuguesas. Data: 1498]

c. SÉCULO XVI

sse jaa o fuy & posso ma rrependo Jorge daguyar. Uosso gram desconheçer vossas nam çertas medrãças vossas fracas esperanças faram fazer myl mudanças [Título: Cancioneiro de Resende. Autor: Garcia de Resende. Data: 1516]

d. SÉCULO XVII

que ali se representa. Aborrece a história a solidão, e assim pede número não breve de figuras, nem menos infinitos, e assim terá de nove a dez [Título: Poesia e Pintura. Autor: Manuel Pires de Almeida. Data: 1635]

e. SÉCULO XVIII

ou segundo outra interpretação, quer dizer, Vigilantes, ou não dormientes.¹ O primeiro instituidor desta indeficiente Psalmódia, [Título: Vocabulario portuguez, e latino A1. Autor: Rafael Bluteau. Data: 1712-1721]

f. SÉCULO XIX

ele ajudava o seu triste destino. Já vemos que Miloca aborrecia nele a sua não brilhante condição social, que era aliás um ponto de contacto entre a [Título: Miloca. Autor: Machado de Assis. Data: século XIX]

g. SÉCULO XX

o salário mínimo nacional (em relação ao total de trabalhadores da actividade não agrícola e exceptuando os serviços públicos) era de 4,7 [Título: Parceiros discutem aumento terça-feira. Tipo de texto: notícia. Data: 10/01/1997]

(3) a. SÉCULO XV

a farinha cozera a amargura, e o desejo da obediência excusara o exalçamento da nom sabeloria. Em este tenpo moreo Honorio Papa. E logo sem tardãça seendo discorde [Título: Sam Bernardo. Data: século XV]

b. SÉCULO XVI

Naturalmente aboreçem, hos príncipes a os desleais, ainda que não lealdade mereça ha pessoa a que se

c. SÉCULO XVII

sem excitar agora a questao da mente divina, digo a questao da previsao ou nao previsao dos seus merecimentos. Também sei que Deus pode dar a sua [Título: Cartas. Autor: José da Cunha Brochado. Data: 1690-1700]

d. SÉCULO XVIII

o profera Rey em seu nome, que sendo Deos, & homem, era não homem, quanto mais Deos, pelos tormentos de sua Payxaõ: Ego sum vermis

e. SÉCULO XIX

protestou logo no não-cumprimento da ordem real, succedesse o que succedesse. [Título: Histórias da Avózinha. Autor: Alberto Figueiredo Pimentel]

f. SÉCULO XX

todo o sector segurador. «Ainda assim, mantemos uma clara liderança nos ramos não vida e o quinto lugar no ramo vida», afirmou o vice-presidente da Império.

¹ As formas originadas do participio presente do latim foram consideradas adjetivo.

3. Trajetória do NÃO referente a nomes no português

Nessa primeira análise mostraremos um painel geral das formações com o NÃO. Consideraremos o total de casos de não + nome, ou seja, a soma das estruturas não + *particípio*, não + *adjetivo* e não + *substantivo*. Como cada século que compõe o *corpus* apresenta um número de palavras diferente, estabelecemos os percentuais de ocorrência das formações com NÃO considerando o número total de palavras de cada século. Essa ponderação foi feita visando à análise comparativa dos períodos ao longo da história da língua.

Optamos por ponderar em dez milhões, pois esse é o número arredondado mais próximo da média de palavras do *corpus*. Para isso fizemos o seguinte cálculo: dividimos o número de ocorrência das formações com NÃO pelo total de palavras que compõe o *corpus* em cada século e multiplicamos esse resultado por 10.000.000. Vejamos a tabela 1:

TABELA 1
Ponderação da frequência de NÃO referente a nomes
em 10.000.000 de palavras

Período	Total de palavras do <i>corpus</i> em cada século	Ocorrência ponderada ²	Frequência
Séc. XIV	1316268	30	228
Séc. XV	2875653	344	1196
Séc. XVI	4132087	317	767
Séc. XVII	2147240	221	1029
Séc. XVIII	2234951	131	586
Séc. XIX	9659332	595	616
Séc. XX	20747712	4014	1935
Total	43113243	5652	1311

² Preferimos trabalhar com números sem casas decimais para facilitar a análise, pois, considerando a quantidade de palavras do *corpus*, a porcentagem só poderia ser visualizada depois de cinco casas decimais. O número que indica a frequência das formações ao longo dos séculos equivale à multiplicação da porcentagem por 10⁵. Esse cálculo será feito sempre que for ponderado o total de palavras do *corpus*, na formulação aqui apresentada.

Conforme os resultados obtidos, podemos ver que, no século XX, registra-se a maior frequência dos casos em análise, o que mostra que este século corresponde ao período de maior produtividade do NÃO referente a nomes no português.

3.1. não + particípio, não + adjetivo e não + substantivo

Vejam, agora, a frequência dos casos de não + particípio, não + adjetivo e não + substantivo no português entre os séculos XIV e XX:

TABELA 2
Ponderação da frequência de não + particípio, não + adjetivo
e não + substantivo em 10.000.000 de palavras

Período	Não + Particípio		Não + Adjetivo		Não + Substantivo		Total	
	Ocorrências	Frequência ponderada	Ocorrências	Frequência ponderada	Ocorrências	Frequência ponderada	Ocorrências	Frequência ponderada
Séc. XIV	18	137	12	91	0	0	30	228
Séc. XV	121	421	211	734	12	42	344	1196
Séc. XVI	198	479	116	281	3	7	317	767
Séc. XVII	115	536	103	480	3	14	221	1029
Séc. XVIII	77	345	51	228	3	13	131	586
Séc. XIX	387	401	183	189	25	26	595	616
Séc. XX	1551	748	1765	851	698	336	4014	1935
Total	2467	572	2441	566	744	173	5652	1311

A tabela 2 revela-nos que os três tipos de formação com o NÃO trilham, de modo geral, uma trajetória ascendente do século XIV ao XX. As estruturas não + particípio e não + adjetivo são mais antigas em relação à estrutura não + substantivo. Esta começa a ocorrer a partir do século XV, no *corpus* analisado, e mostra-se mais produtiva no século XX. Além disso, verificamos que os casos de não + particípio e não + adjetivo apresentam uma frequência total semelhante – 572 para não + particípio e 566 para não + adjetivo. Quanto ao não + substantivo, observa-se que esse tipo de formação mantém a frequência sempre inferior às outras formações consideradas e, no século XX, verifica-se um aumento bastante significativo dessa forma.

Para aferir se há significância estatística na comparação do número de ocorrências de **não + participio**, **não + adjetivo** e **não + substantivo** nos diferentes séculos, utilizamos, aqui, o teste do *qui-quadrado*.

O objetivo do teste qui-quadrado é verificar, enfim, se podemos afirmar que há diferença estatisticamente significativa entre os períodos. A partir do teste, obteremos como resultado um valor de probabilidade (chamado p-valor) de cometermos um erro ao rejeitarmos a hipótese nula, sendo ela verdadeira. Em ciências sociais, convencionou-se o p-valor de 0,05 (chamado de nível de significância) como limite para probabilidade de cometer tal erro. Valores abaixo de 0,05 não são estatisticamente significativos. (VITRAL, VIEGAS & OLIVEIRA, 2010, p. 215)

Assim, vejamos:

TABELA 3
Não + participio e não + adjetivo em 10.000.000
de palavras – teste *qui-quadrado*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
não + participio	345	401	748	1494
não + adjetivo	228	189	851	1268
Total	573	590	1599	2762

Períodos	P-Valor
Séculos XVIII a XIX	0,01
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

De acordo com a tabela 3, podemos afirmar que o aumento dos casos de **não + participio** do século XVIII para o XIX e a diminuição dos casos de **não + adjetivo** nesse mesmo período foram proporcionalmente significativos (p-valor = 0,01). E a diferença da proporção do número de ocorrências de **não + participio** e **não + adjetivo** do século XIX para o século XX também é significativa (p-valor = menor que 0,01): nesse período, ambas as formas aumentaram, mas o aumento de **não + adjetivo** é proporcionalmente maior que o verificado nos casos de **não + participio**.

TABELA 4
 Não + **particípio** e não + **substantivo** em 10.000.000
 de palavras – teste *qui-quadrado*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
não + particípio	345	401	748	1494
não + substantivo	13	26	336	375
Total	358	427	1084	1869

Períodos	P-Valor
Séculos XVIII a XIX	0,11
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

Ao compararmos a frequência de ocorrência de **não + particípio** e de **não + substantivo**, verificamos que a diferença da proporção do número de ocorrências dessas formações entre os séculos XVIII e XIX não é significativa ($p\text{-valor} = 0,11$): os dois tipos de formação com o elemento **NÃO** considerados aumentam do século XVIII para o século XIX. Já a diferença da proporção do número de ocorrências de **não + particípio** e de **não + substantivo** do século XIX para o século XX tem significância ($p\text{-valor} = \text{menor que } 0,01$): as formações do tipo **não + substantivo** cresceram proporcionalmente mais que os casos de **não + particípio** no século XX.

TABELA 5
 Não + **adjetivo** e não + **substantivo** em 10.000.000
 de palavras – teste *qui-quadrado*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
não + adjetivo	228	189	851	1268
não + substantivo	13	26	339	375
Total	241	215	1187	1643

Períodos	P-Valor
Séculos XVIII a XIX	0,01
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

Considerando, ainda, a diferença da proporção do número de ocorrências de **não + adjetivo** e **não + substantivo**, podemos observar que os casos de **não + substantivo** duplicaram do século XVIII para o XIX, enquanto os casos de **não + adjetivo** apresentaram uma pequena diminuição. Do século XIX para o XX, ambos os tipos de formação com o **NÃO** aumentaram: a formação do tipo **não + adjetivo** aumentou de 189 para 851, ou seja, aumentou um pouco mais de quatro vezes; já a formação do tipo **não + substantivo** aumentou de 26 para 339, que corresponde a um aumento em mais de 13 vezes.

Verifica-se, assim, que os casos de **não + substantivo** foram aqueles que, proporcionalmente, mais cresceram no século XX ao compararmos com o crescimento de **não + particípio** e de **não + adjetivo**.

Assim, em conclusão, as formas **não + adjetivo** aumentaram mais que as formas **não + particípio** no século XX, mas as formas **não + substantivo** aumentaram mais ainda no XX.

3.2. Uso do hífen em formações **não + nome**

Quando o elemento **NÃO** se refere a um nome, ele pode apresentar-se ligado ou não por hífen, como nos exemplos (4) a (9) a seguir:

- (4) Outros assuntos **não abordados** na reunião foram as mudanças na política de preços na agricultura, aa criação [Título: MST nao desiste das invasoes e o governo mantém política fundiária. 19/4/1997]
- (5) Palestino e ao processo de paz. Arafat participa da reunião do Movimento dos Países Nao-Alinhados. [Título: Bibi diz a Clinton que Israel manterá construção. Tipo de texto: notícia. Data: 8/4/1997]
- (6) As quotas de instrução foram aplicadas aos homens e as de ocupação (activas e **não activas**) às mulheres. [Título: Portugueses nao acreditam na regionalização. Tipo de texto: notícia. Data: 31/10/1997]
- (7) A maior parte dos servidores **nao-estáveis** trabalha em fundações e autarquias federais, como Sudene, Fundação [Título: Demissoes de servidores vao começar em dois meses. Tipo de texto: notícia. Data: 11/11/1997]
- (8) Um artigo de Elisabete Gonçalves onde, a propósito da **não abertura** do sector de internamento masculino da Casa de Saúde Bento Menini, se abordavam [Título: Filhos de um Deus menor. Tipo de texto: notícia. Data: 15/5/1997]
- (9) Maiores problemas que o país enfrenta são a falta de competitividade e o perigo de **não-sobrevivência** de muitas empresas, especialmente de o ramo de [Título: FOLHA:12463:SEC:pol. Tipo de texto: notícia. Data: 1994]

Encontramos, entre os dados analisados, casos de NÃO anteposto a um mesmo nome com e sem hífen, como mostram os exemplos (10) e (11) a seguir:

- (10) Saddam Hussein, apesar dos ataques aliados, insistiu na sua política de não cooperação com a UNSCOM, alegando que só um levantamento total das sanções [Título: Iraque. Data: século XX]
- (11) Este episódio esteve integrado no movimento de não-cooperação, empreendido na Índia, no início da década de 1920, por Gandhi, [Movimento do Khilafat. século XX]

A tabela 6, a seguir, mostra a frequência dos casos de não + nome com e sem hífen ao longo da história do português:

TABELA 6

Ponderação da frequência de NÃO referente a nomes, considerando, separadamente, os casos com e sem hífen, em 10.000.000 de palavras

Período	Sem hífen		Com hífen		Total	
	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada	Ocorrência	Frequência ponderada
Séc. XIV	30	228	0	0	30	228
Séc. XV	340	1182	4	14	344	1196
Séc. XVI	317	767	0	0	317	767
Séc. XVII	221	1029	0	0	221	1029
Séc. XVIII	131	586	0	0	131	586
Séc. XIX	586	607	9	9	595	616
Séc. XX	3118	1503	896	432	4014	1935
TOTAL	4743	1100	909	211	5652	1311

Os dados sem hífen são, de fato, mais produtivos em todos os séculos. Encontramos registros com hífen apenas nos séculos XV, XIX e XX, e este último século apresenta um grande aumento na frequência desses casos. Vejamos na tabela a seguir se há significância estatística, através do teste de *qui-quadrado*, em relação ao uso do hífen nos diferentes períodos considerados.

TABELA 7

NÃO referente a nomes considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste *qui-quadrado*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
não + nome sem hífen	586	607	1503	2696
não + nome com hífen	0	9	432	441
Total	586	616	1935	3137

Períodos	P-Valor
Séculos XVIII a XIX	0,00
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

Como podemos observar na tabela 7, a diferença entre a proporção das formações não + nome com hífen e sem hífen é significativa com o aumento de hífen entre os séculos XIX e XX e entre os séculos XVIII e XX. Ambas as formações, com e sem hífen, aumentam dos séculos XVIII ao XX, mas o aumento das formações com hífen que ocorre entre os séculos XIX e XX (de 9 para 434) é proporcionalmente maior que o aumento das formações sem hífen nesse mesmo período (de 607 para 1503), ou seja, podemos dizer que, no século XX, as formações do tipo não + nome com hífen cresceram mais que as formações sem hífen.

Como podemos observar na tabela 8, ocorrem casos com hífen nos séculos XV, XIX e XX. É preciso considerar, no entanto, que o uso do hífen pode não ter o mesmo sentido em todos esses períodos. Vejamos:

1. Quanto à datação e origem da palavra hífen, o *Dicionário Houaiss*, por exemplo, estabelece o seu surgimento na língua portuguesa no ano de 1576, especificando-se que o mesmo deriva etimologicamente do «gr. *huphén*, adv. “juntamente”, pelo lat. tar. *hyphen*»;
2. No que diz respeito à origem do uso do hífen na ortografia do português e à sua evolução no contexto da língua portuguesa, Rita Marquilhas, num artigo intitulado «O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas» (in Castro, Ivo, *A Demanda da Ortografia Portuguesa*, com Inês Duarte e Isabel Leiria, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1987), fornece-nos algumas informações importantes. Segundo a referida autora, «Para os substantivos compostos não entrava ainda qualquer sinal diacrítico no universo gráfico de João de Barros»

(p. 109); na verdade, em Portugal, só no séc. XIX é que «se tomou [...] consciência da pertinência da colocação do hífen no interior das formas compostas. Ele fora praticamente esquecido pelos gramáticos anteriores ao século XIX; aparecia nos manuais no capítulo reservado aos sinais de pontuação, geralmente sob o título de *Outros Sinais*, e funcionava quase sistematicamente em relação a três únicos exemplos: guarda-porta, passa-tempo, val-verde; haviam sido dados por Duarte Nunes de Leão, e sob uma diferente morfologia, a de guarda n porta, passa n tempo» (p. 113). Ainda segundo Rita Marquilha, «Só em 1739, na *Orthographia* de Madureira Feijó, há o testemunho de o hífen ter sido morfologicamente assimilado à linha de seguimento que, desde os copistas medievais, se traçava no fim da regra (-) [...]» (p. 113). Contudo, «foi necessário que chegassem os sónicos [um dos partidos da disputa ortográfica, em oposição aos etimológicos], e a sua preocupação de retratar fonograficamente a língua falada, para que o hífen ganhasse um papel mais relevante, libertando-se dos seus exemplos clássicos».

3. Quanto à sua utilização atual, Cunha e Cintra, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (pp. 66-69), elencam as regras fundamentais: «a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação (...); b) para unir pronomes átonos e verbos (...); c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes». (MATEUS, 2011, disponível em <http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=29287>).

É duvidoso, portanto, o uso do hífen, principalmente no século XV, para marcar as formações com o NÃO como palavras compostas ou prefixais. A princípio, os casos dos séculos XIX e XX em que há a presença do hífen na grafia parecem ter o estatuto de unidade mais evidente que aqueles casos grafados sem hífen. Nesse sentido, temos como hipótese que as formações **não + substantivo** apresentariam, no século XX, proporcionalmente, um aumento maior da grafia com hífen em relação aos casos de **não + participio** e de **não + adjetivo** devido a uma possível unidade maior. Assim, comparando o uso ou não do hífen em relação às estruturas de NÃO anteposto a participio, adjetivo e substantivo, temos o seguinte:

TABELA 8

Ponderação da frequência de NÃO referente a nomes, considerando, separadamente, os casos com e sem hífen e a classe gramatical do nome a que o NÃO se antepõe

Período	não + particípio				mão + adjetivo				não + substantivo			
	Sem hífen		Com hífen		Sem hífen		Com hífen		Sem hífen		Com hífen	
	Ocorrências	Frequência ponderada	Ocorrências	Frequência ponderada	Ocorrências	Frequência ponderada	Ocorrências	Frequência ponderada	Ocorrências	Frequência ponderada	Ocorrências	Frequência ponderada
Séc. XIV	18	137	0	0	12	91	0	0	0	0	0	0
Séc. XV	121	421	0	0	211	734	0	0	8	28	4	14
Séc. XVI	198	479	0	0	116	281	0	0	3	7	0	0
Séc. XVII	115	536	0	0	103	480	0	0	3	14	0	0
Séc. XVIII	77	345	0	0	51	228	0	0	3	13	0	0
Séc. XIX	386	400	1	1	181	187	2	2	19	20	6	6
Séc. XX	1450	699	101	49	1239	597	526	254	429	207	269	130
Total	2365	549	102	24	1913	444	528	122	465	108	279	65

No século XIX, aparecem casos com hífen de não + particípio, não + adjetivo e não + substantivo, mas podemos perceber que o uso do hífen com substantivos é mais frequente nesse período.

Considerando a diferença entre os casos com e sem hífen em relação a cada tipo de formação com o elemento NÃO, temos o seguinte:

TABELA 9

Estrutura não + particípio considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste *qui-quadrado*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
não + particípio sem hífen	345	400	699	1444
não + particípio com hífen	0	1	49	50
Total	345	401	748	1494

Períodos	P-Valor
Séculos XVIII a XIX	0,35
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

A tabela 9 mostra que a diferença entre os casos com e sem hífen em relação à estrutura **não + particípio** é significativa entre os séculos XIX e XX, mas não é significativa entre os séculos XVIII e XIX. Nesse sentido, podemos dizer que os casos com hífen das formações com particípio cresceram proporcionalmente mais, no século XX, que as formações sem hífen.

TABELA 10

Estrutura **não + adjetivo** considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste *qui-quadrado*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
não + adjetivo sem hífen	228	187	597	1012
não + adjetivo com hífen	0	2	254	256
Total	228	189	851	1268

Períodos	P-Valor
Séculos XVIII a XIX	0,12
Séculos XIX a XX	0,00
Séculos XVIII a XX	0,00

A tabela 10 também não mostra significância estatística em relação à diferença na proporção dos casos de **não + adjetivo** com e sem hífen entre os séculos XVIII e XIX. É significativo, porém, o aumento verificado entre os séculos XIX e XX, ou seja, os casos de **não + adjetivo** com hífen aumentaram proporcionalmente mais no século XX que os casos sem hífen.

TABELA 11

Estrutura **não + substantivo** considerando, separadamente, os casos com e sem hífen em 10.000.000 de palavras – teste *qui-quadrado*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
não + substantivo sem hífen	13	20	207	240
não + substantivo com hífen	0	6	130	136
Total	13	26	337	376

Períodos	P-Valor
Séculos XVIII a XIX	0,06
Séculos XIX a XX	0,11
Séculos XVIII a XX	0,00

Quanto ao resultado do teste de *qui-quadrado* em relação aos casos de **não + substantivo**, podemos ver que não há significância estatística no aumento verificado das formas com e sem hífen entre os séculos XVIII e XIX, e entre os séculos XIX e XX, ou seja, não podemos dizer que formações do tipo **não + substantivo** com hífen cresceram mais, nesses períodos, que as formações sem hífen ou vice-versa. Podemos afirmar, no entanto, que o aumento das formas com hífen entre os séculos XVIII e XX foi maior que o aumento verificado das formas sem hífen nesse período, já que no século XVIII não havia consciência do uso do hífen como no século XX, conforme Mateus (2011).

Os resultados apresentados nas tabelas 9, 10 e 11 mostram, portanto, que as estruturas **não + particípio** e **não + adjetivo** não são tratadas da mesma maneira que a estrutura **não + substantivo**. Como vimos, o aumento de **não + particípio** e de **não + adjetivo** com hífen entre os séculos XIX e XX foi significativo. Quanto aos casos de **não + substantivo**, vimos que apenas foi significativo o aumento com hífen entre os séculos XVIII e XX, mas não do XIX para o XX. Assim, apesar de o uso do hífen nas formações **não + nome** ter crescido, de forma geral, no século XX, ele não mostra significância para os casos com substantivo.

4. Considerações finais

Analizamos as formações de **NÃO** referente a nomes entre os séculos XIV e XX do português e percebemos que esse tipo de estrutura mostrou maior produção no século XX. Analizamos separadamente os casos de **NÃO** anteposto a um particípio, a um adjetivo e a um substantivo e constatamos que as formações do tipo **não + substantivo** foram as que apresentaram, proporcionalmente, maior crescimento no século XX.

Os casos com hífen das formações com particípio e com adjetivo cresceram proporcionalmente mais, no século XX, que as formações sem hífen; já as formações com substantivo não mostraram significância estatística no aumento verificado das formas com e sem hífen entre os séculos XVIII e XIX, e entre os séculos XIX e XX, ou seja, não podemos dizer que formações do tipo **não + substantivo** com hífen cresceram mais, nesses períodos, que as formações sem hífen ou vice-versa. É interessante observar que as formas cuja produtividade foi maior nos séculos iniciais da

pesquisa foram as que mostraram significância no maior uso do hífen no XX, provavelmente pela consolidação da estrutura formada há mais tempo. Formações como essas (**não enviado** e **não fiel**, por exemplo) podem ser parafraseadas com a inserção do verbo **ser** (**não foi enviado** e **não é fiel**). Essas formações apresentaram maior produtividade nos séculos XVIII e XIX e tiveram um uso maior do hífen proporcionalmente no século XX. Formações como **não abertura** ou **não linguista**, por exemplo, tiveram maior produtividade no século XX e menor uso de hífen proporcionalmente. Essas formações podem ter a inserção do verbo **haver** (dentre outros aspectos) ou do verbo **ser** nas paráfrases correspondentes (fato de **não haver abertura** e **não é linguista**). A não significância em relação ao uso ou não do hífen, nessas formações do século XX, comparativamente ao XIX, pode também estar relacionada à heterogeneidade que essa estrutura encobre, diferentemente das estruturas **não + adjetivo** e **não + particípio**. Vamos, no próximo capítulo, analisar algumas dessas formações mais detalhadamente.

Referências

- DAVIES, M.; FERREIRA, M. J. *O corpus do Português* [online], 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>.
- MATEUS, P. *A origem do uso do hífen na ortografia*. Ciberdúvidas da Língua portuguesa. 2011.
- PEREIRA, P. A. *Não em formações nominais no português: morfologização e gramaticalização*. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- VITRAL, L.; VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, A. J. Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.). *Estudos de processos de Gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2010. p. 201-228.

Estudos das formações com NÃO: morfologização

Pâmella Alves Pereira
UFVJM

1. Considerações Iniciais

O NÃO anteposto a nomes (doravante formações **não + nome**) apresenta características que não permitem uma classificação imediata de seu estatuto gramatical: trata-se de uma forma livre no português, mas bastante recorrente na formação de palavras. Nem todos compartilham da mesma opinião quanto à classificação de NÃO PAGAMENTO, por exemplo: ora essa formação é classificada como um composto, formada por duas bases (NÃO + PAGAMENTO), conforme Cunha e Cintra (2001) e Pereira (2006), ora como uma palavra formada por meio de um prefixo anteposto a uma base (*não-* + PAGAMENTO), conforme Alves (1992; 1993) e Campos (2002), ora como uma estrutura sintática com elipse de um verbo entre o NÃO, partícula de negação, e o nome (*não há/houve pagamento*), conforme Pereira e Viegas (2011).

A questão que se coloca aqui é se todas as formações com NÃO podem ser analisadas da mesma maneira. O NÃO, em NÃO PAGAMENTO, teria o mesmo estatuto gramatical do NÃO em NÃO ABERTURA? Poderíamos falar em morfologização das formações **não + nome**?

Com base nesses questionamentos, temos como proposta a descrição e análise das formações em que o NÃO se refere a um substantivo no português considerando dados contemporâneos extraídos da base de dados *Google*. Serão considerados, também, os níveis da Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982).

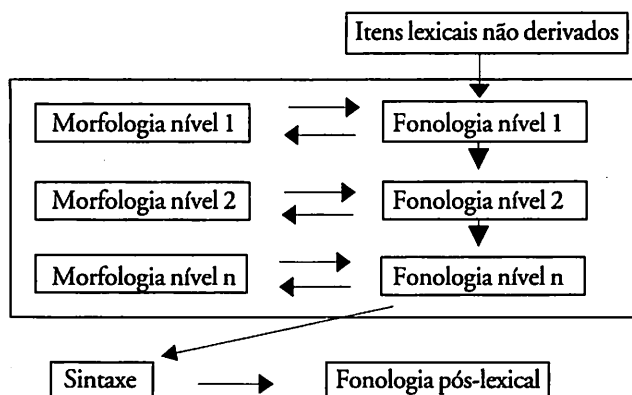
2. Morfologização

A morfologização trata dos processos que consistem num conjunto de evoluções através das quais determinada forma passa, tornando-se, assim, um objeto de análise no âmbito da morfologia. Nas palavras de Joseph (2001)

morphologization”, – in a particular sense – a set of developments by which some element or elements in a language that are not a matter of morphology at one stage come to reside in a morphological component – or at least become a morphological in type – at a later stage. (JOSEPH, 2001, p. 472)

São dois os tipos de morfologização: dessintaticização – ou mudança de uma forma da sintaxe para a morfologia (morfologização *from above*), e defonologização – ou mudança de uma forma da fonologia para a morfologia (morfologização *from below*).

Considerando o modelo da Morfologia e Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982), a morfologização de uma estrutura terá ocorrido quando ela passar a fazer parte do componente lexical, isto é, quando estiver no nível da morfologia.



Joseph fala da necessidade de distinguir morfologização de gramaticalização:

what was once in Latin a matter of syntax, i.e. a combination of free words forming a noun phrase that was case-marked so as to function adverbially, became in French a matter of morphology, i.e. the output or result of word-formation processes that yield a derived word. But this case is also a stock example of grammaticalization (see Hopper & Traugott 1993:130-1), so some differentiation between grammaticalization and morphologization is needed in order to show their distinctness (JOSEPH, 2001, p. 474)

Nem toda morfologização pressupõe gramaticalização, já que o fato de uma forma sofrer alterações em direção a uma maior participação no componente morfológico não significa, necessariamente, alteração dessa forma em direção a um estatuto gramatical ou mais gramatical.

A gramaticalização pressupõe uma mudança em direção ao estatuto mais gramatical de uma forma. Já a morfologização corresponde a um direcionamento ao componente morfológico da gramática.

Thus grammaticalization and morphologization indeed offer distinct perspective on, and represent distinct ways of viewing, changes that involve grammatical machinery and morpholexical materia. (JOSEPH, 2001, p. 478)

3. Formações não + substantivo

As formações em que o elemento NÃO se antepõe a um substantivo podem ser de dois tipos: com elipse do verbo SER ou com elipse do verbo HAVER (cf. PEREIRA, 2012). Vejamos:

- (1) OS NÃO MEMBROS = *os que não são membros*
- (2) O NÃO PAGAMENTO = *o fato de não haver pagamento*

Entre os tipos de formação não + substantivo que só permitem o verbo HAVER elíptico, há substantivos deverbais e não deverbais. Consideramos, aqui, os critérios de Cunha e Cintra (2001) quanto à formação de palavras no português: são deverbais apenas os substantivos originados de verbos por acréscimo de um sufixo ou substantivos formados por derivação regressiva.

Assim, entre os substantivos deverbais, poderíamos observar os seguintes tipos de nominalização no sentido amplo:

- A. [1] pagar_(verbo) > [2] pagamento_(substantivo)
 B. [1] real_(adjetivo) > [2] realizar_(verbo) > [3] realização_(substantivo)
 C. [1] abrir_(verbo) > [2] aberto_(particípio) > [3] abertura_(substantivo)
 D. [1] aumentar_(verbo) > [2] aumento Ø_(substantivo)

Nos processos mostrados em A e B, temos a formação de um substantivo imediatamente derivado do verbo por acréscimo de um sufixo (*-mento e -ção*). Já, em C, temos também uma derivação sufixal, mas a relação verbo-substantivo não é imediata: veja que entre o verbo ABRIR e o substantivo ABERTURA há uma formação de particípio ou de adjetivo (ABERTO). Em D, temos uma derivação regressiva, processo de formação de palavras distinto dos demais, já que não temos acréscimo de sufixo, mas a supressão de um morfema verbal na formação do substantivo. Consideramos, então, esses três tipos de substantivos deverbais na análise: formação sufixal diretamente da forma base do verbo (sufixos *-mento e -ção*), formação sufixal em que a relação verbo-substantivo não é imediata (sufixo *-ura*), isto é, entre o verbo e o substantivo há uma formação nominal do verbo ou um adjetivo, e formação por derivação regressiva.

Nossa hipótese é a de que, na formação dos substantivos deverbais, quanto mais distante o nome se encontra do verbo na sua forma base, menos se aceita a concordância negativa envolvendo a estrutura **não + substantivo**. Além disso, uma vez que a derivação regressiva não é um processo de formação de nomes deverbais do mesmo tipo das formações com o sufixo, isso pode interferir na aceitabilidade da concordância negativa envolvendo as formações **não + substantivo**. Nesse sentido, por hipótese, *NÃO PAGAMENTO e NÃO REALIZAÇÃO apresentariam maior número de ocorrências da concordância negativa do que NÃO ABERTURA e NÃO AUMENTO*.

Na negação sentencial, há um processo sintático de licenciamento de palavras negativas como NINGUÉM ou NENHUM: o NÃO c-comanda essas palavras negativas na sentença. Quando se trata de formações do tipo **não + nome**, Silva e Miotto (2009) apresentam os seguintes exemplos:

Considero o João não-fiel a ninguém.

*Considero o João infiel a ninguém. (p. 11)

Conforme comentam os autores, o NÃO é capaz de licenciar a palavra negativa NINGUÉM após o adjetivo FIEL, tornando gramatical a primeira frase dos exemplos acima. Já a segunda frase é agramatical porque o prefixo *in-*, como qualquer prefixo legítimo, não atua no componente sintático e, portanto, não c-comanda a palavra NINGUÉM. Esse licenciamento de uma palavra negativa seguinte, mantendo o sentido negativo, chama-se, concordância negativa (CN).

4. Descrição metodológica

Mesmo não sendo uma base de dados específica para estudos linguísticos e apesar do pouco controle dos dados, entendemos que a internet seja uma fonte válida de dados para esta pesquisa, pois grande parte de seu conteúdo representa o uso real da língua nos dias atuais. Fletcher (2005) defende o uso da internet em pesquisa linguística e explica:

The abundant online texts both tantalize and challenge linguists and other language professionals: the Web's self-renewing machine-readable body of documents in scores of languages is easy to access, but difficult to evaluate and exploit efficiently. Yet there are powerful reasons to supplement existing corpora or create new ones with online materials.

- **Freshness and spontaneity:** the content of compiled corpora ages quickly, while texts on contemporary issues and authentic examples of current, non-standard, or emerging language usage thrive online.
- **Completeness and scope:** existing corpora may lack a text genre or content domain of interest, or else may not provide sufficient examples of an expression or construction easily located online; some very productive contemporary genres (blogs, wikis, discussion forums...) exist only on the Net.
- **Linguistic diversity:** languages and language varieties for which no corpora have been compiled are found online.
- **Cost and convenience:** the Web is virtually free, and desktop computers to retrieve and process webpages are available to researchers and students alike.

- **Representativeness:** as the proportion of information, communication and entertainment delivered via the Net grows, language on and of the Web increasingly reflects and enriches our tongue. (FLETCHER, 2005, p. 4)

Assim, utilizamos a internet como fonte direta de consulta e optamos pela coleta de dados da língua portuguesa disponíveis no *site* de busca *Google*: <http://www.google.com>.

Para a coleta e seleção dos dados, realizamos uma busca por formações do tipo **não + substantivo**, considerando especificamente os três tipos de formação do substantivo vistos anteriormente: formação sufixal diretamente da forma base do verbo (sufixos *-mento* e *-ção*), formação sufixal em que a relação verbo-substantivo não é imediata (sufixo *-ura*), isto é, entre o verbo e o substantivo há uma formação nominal do verbo ou um adjetivo, e formação por derivação regressiva. Foram feitas pesquisas das seguintes estruturas:

- **não pagamento de**
 - (3) a. A União assegurou na Justiça o *não pagamento de* pensão à viúva de suposto ex-combatente da Segunda Guerra Mundial. A viúva alega que ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
 - b. O *não pagamento de* alguma destas quantias resultará [...]
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
- **não pagamento de nenhum(a)**
 - (4) a. A maioria das demissões tem sido seguida pelo *não-pagamento de nenhum* dos direitos trabalhistas. Os operários da Fábrica Confiança vivem essa situação desde novembro do ano passado.
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
 - b. fiz o cadastro, ciente que estava acoplado ao um plano combo, mas que poderia cancelar a qualquer momento, não consigo efetuar o cancelamento, gostaria de auxílio quanto ao cancelamento e o *não pagamento de nenhuma* despesas, pois estou no período de “Test Drive”...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
- **não realização de**
 - (5) a. Fatores associados à *não realização de* exame citopatológico de colo uterino no
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
 - b. A *não realização de* prescrições de enfermagem está relacionada ao processo de trabalho” (Enfermeira 25). Prova disso é que. “trabalhamos em um hospital, ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)

- não realização de nenhum(a)
 - (6) a. ... as escolhas empreendidas por nossa semelhante não resultem em frustração de algum desejo nosso, ou a *não realização de nenhum* de nossos planos. ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
 - b. Compararam os resultados do tratamento com adesivo com a *não realização de nenhum* tratamento. Após sete dias, o tamanho da úlcera no grupo com o ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
- não abertura de
 - (7) a. Deputados decidem pela *não abertura de* ação penal contra ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
 - b. A *não-abertura de* conta bancária específica, para a movimentação dos recursos financeiros da campanha, obstaculiza o efetivo controle dos gastos eleitorais. ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
- não abertura de nenhum(a)
 - (8) a. Pela *não abertura de nenhum* outro curso de Graduação, Especialização, Pós-Graduação, Mestrados ou Doutorados. E não aumento do número de ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
 - b. Dos 13 vereadores, sete votaram pela *não abertura de nenhum* processo de investigação, cinco votaram favoráveis e um se absteve da ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
- não aumento de
 - (9) a. Câmara de Paçandu volta atrás e decide pelo *não aumento de* vagas. Houve uma reviravolta na questão do aumento de vagas para ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
 - b. Há quem defenda o *não aumento de* vereadores com o argumento de que, segundo pesquisas, o povo não quer. Pois que se pesquise se o ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
- não aumento de nenhum(a)

(Não foram encontrados dados com essa estrutura).

Fizemos a coleta dos dados da seguinte maneira: entre aspas, colocamos cada expressão listada acima no campo de busca do *Google* e o resultado foi cuidadosamente selecionado. Verificamos cada ocorrência, selecionamos os casos que realmente apresentavam a estrutura pesquisada em português e excluímos os dados repetidos. Optamos por descartar diversas ocorrências que

não necessariamente consistiam um dado distinto, já que vinham de um mesmo texto divulgado na internet e copiado por diferentes *sites*. Assim, constituímos um *corpus* com 1395 dados contemporâneos de formações em NÃO.

Comparamos as ocorrências de **não + substantivo + preposição + nenhum** com as ocorrências de **não + substantivo + preposição**. Verificamos o número de casos de *não pagamento de nenhum* e *não abertura de nenhum*, por exemplo, e comparamos com o número de casos de *não pagamento de* e *não abertura de* com o objetivo de observar qual tipo de substantivo apresenta, proporcionalmente, mais casos de concordância negativa. Também verificamos o número de casos de *não pagamento de nenhum* e *não pagamento em nenhum*, por exemplo, e comparamos com as ocorrências de *não pagamento de* e *não pagamento em*, respectivamente, para vermos se há diferença na concordância negativa em relação ao tipo de complemento.

Com essa coleta de dados de **não + substantivo**, buscamos indícios de uma possível influência do tipo de formação do substantivo no uso da concordância negativa.

5. Análise dos dados

Quantificamos as ocorrências de cada estrutura extraída na base de dados *Google* e analisamos os resultados. Vejamos, primeiramente, o resultado obtido em relação ao tipo de formação do substantivo:

TABELA 1

Ocorrências de **não + substantivo + de** e **não + substantivo + de nenhum(a)**

TIPO DE FORMAÇÃO DO SUBSTANTIVO	ESTRUTURA	
	não + substantivo + de + nenhum(a)	não + substantivo + de
<i>Formações com o sufixo –mento</i> (NÃO PAGAMENTO DE NENHUM / NÃO PAGAMENTO DE)	36	268
<i>Formações com o sufixo –ção</i> (NÃO REALIZAÇÃO DE NENHUM / NÃO REALIZAÇÃO DE)	80	343
<i>Formação com o sufixo –ura</i> (NÃO ABERTURA DE NENHUM / NÃO ABERTURA DE)	7	308
<i>Formação por derivação regressiva</i> (NÃO AUMENTO DE NENHUM / NÃO AUMENTO DE)	0	168

Todos os casos da tabela acima compreendem substantivos deverbais, e entre o NÃO e tais substantivos só é possível inserir o verbo HAVER.

Podemos ver que a estrutura *não realização de nenhum* foi a que apresentou maior número de ocorrências, seguida da estrutura *não pagamento de nenhum*. Esses casos compreendem estruturas formadas por nominalizações cuja relação verbo-substantivo é imediata, conforme vimos anteriormente.

Vejamos, a seguir, o teste *qui-quadrado* a fim de observar a significância dos valores da tabela anterior:

TABELA 2

Concordância negativa em relação às nominalização com -mento, -ura e derivação regressiva – teste *qui-quadrado*

	TIPO DA NOMINALIZAÇÃO			TOTAL
	-mento	-ura	derivação regressiva	
não + substantivo + de nenhum	36	7	0	43
não + substantivo + de	268	308	168	744
TOTAL	304	315	168	787

TIPO DA NOMINALIZAÇÃO	P-VALOR
-mento e -ura	0,00
-ura e derivação regressiva	0,51
-mento e derivação regressiva	0,00

TABELA 3

Concordância negativa em relação às nominalização com -ção, -ura e derivação regressiva – teste *qui-quadrado*

	TIPO DA NOMINALIZAÇÃO			TOTAL
	-ção	-ura	derivação regressiva	
não + substantivo + de nenhum	80	7	0	87
não + substantivo + de	343	308	168	819
TOTAL	423	315	168	906

TIPO DA NOMINALIZAÇÃO	P-VALOR
-ção e -ura	0,00
-ura e derivação regressiva	0,51
-ção e derivação regressiva	0,00

As tabelas 2 e 3 mostram-nos que entre a formação com o sufixo *-ura* e a derivação regressiva não há significância na proporção de uso da concordância negativa. Nas formações com os sufixos *-mento* e *-ção*, a proporção de uso da concordância negativa é significativamente diferente (maior) em relação aos casos com o sufixo *-ura* e derivação regressiva. Essa diferença pode estar relacionada ao tipo do verbo e sua estrutura: AUMENTAR e ABRIR são verbos de mudança de estado (cf. FILLMORE, 1968).

A relação verbo-substantivo influencia também a aceitabilidade da concordância negativa envolvendo as formações do tipo **não + substantivo**. Quanto mais imediata a relação do verbo em sua forma base com o nome, mais ocorre a concordância negativa. Observamos na tabela 1 que a formação com o substantivo ABERTURA apresentou poucos casos de concordância negativa em relação às formações com PAGAMENTO e REALIZAÇÃO. A grande diferença entre as ocorrências de *não abertura de nenhum* e as ocorrências de *não pagamento de nenhum* e *não realização de nenhum* pode ser consequência da menor aceitabilidade da concordância negativa envolvendo as formações em que o elemento NÃO é seguido de uma forma cuja relação verbo-substantivo não é imediata. Estamos tratando o fato de se aceitar a concordância negativa como um indício de que a formação está no âmbito da sintaxe. Já a menor aceitação seria indício de morfologização desse tipo de formação, como é o caso de NÃO ABERTURA.

É importante ressaltar que todos os verbos envolvidos na formação dos substantivos da tabela 1 aceitam concordância negativa, conforme uma pesquisa feita também no site de busca Google por *não paga/pagou/pagará nenhum(a)*, *não realiza/realizou/realizará nenhum(a)*, *não abre/abriu/abrirá nenhum(a)* e *não aumenta/aumentou/aumentará nenhum(a)*. Vejamos alguns exemplos:

- (10) a. Há dois anos tenho um inquilino em minha casa porém nos últimos oito meses ele *não paga nenhum* aluguel, ele diz que não tem recebido e ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- b. Secretário ainda *não pagou nenhuma* das duas multas que recebeu por crime ambiental. Aguarde, carregando áudio. ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- c. ... e funciona da seguinte maneira: o cliente *não pagará nenhum* custo para que a BBShop desenvolva seu site com a mais alta qualidade e rapidez,
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)

- d. Sindicato pelego *não realiza nenhuma* luta e aposta em conchavos com o governo. O sindicato dos servidores da UnB (Sintfub) aposta em ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- e. Equipe titular do Flamengo *não realizou nenhum* treino durante a semana de clássico. Elenco rubro-negro pode sentir semana com viagens e ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- f. A Prefeitura Municipal *não realizará nenhuma* obra urbana em discordância com o Plano Diretor. § 1º - Não serão consideradas em discordância com o ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- g. o Limewere *não abre nenhum* programa, está sempre pedindo uma licença, o que estou fazendo de errado?
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- h. nstalou porém *não abriu nenhum* dos meus pdfs da mesma forma que o adobe, ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- i. a Câmara Municipal de Alto Paraguai (218 quilômetros de Cuiabá) *não abrirá nenhum* procedimento contra os cinco vereadores acusados de ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- j. Ela *não aumenta nenhuma* probabilidade de dano mágico. @Tópico: Creio que seja apenas por questão de preferência. ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)
- k. O Governo de 99/02 baixou pra 17% e *nao aumentou nenhuma* alíquota nem criou novo tributo. E pagou em dia os 4 anos, fez concurso e o Estado ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: outubro de 2011.)
- l. Pré-candidato diz que, se eleito, *não aumentará nenhum* imposto no estado. (25 - 05 - 10) Na última segunda-feira (24/05), o pré-candidato ao governo do ...
(Fonte: <http://www.google.com> – Acesso em: novembro de 2011.)

Podemos afirmar que todos esses casos ocorrem em número elevado, conforme o resultado geral apresentado na busca:

TABELA 5
Ocorrências de não + (verbo) + nenhum(a)

ESTRUTURA	OCCORRÊNCIA
não paga/pagou/pagará nenhum(a)	2379
não realiza/realizou/realizará nenhum(a)	2090
não abre/abriu/abrirá nenhum(a)	1617
não aumenta/aumentou/aumentará nenhum(a)	434

Quanto à estrutura *não aumento de nenhum*, verificamos na tabela 1 que não foi encontrada uma ocorrência sequer. Esse resultado mostra-nos que a formação do substantivo por derivação regressiva não aceita a concordância negativa da mesma forma que as formações sufixais. Mesmo que o verbo AUMENTAR aceite concordância negativa, conforme o resultado da tabela 5, isso não implica aceitação da concordância negativa envolvendo a formação NÃO AUMENTO. Assim, mais uma vez, estamos tratando o fato de se aceitar a concordância negativa como um indício de que a formação está no âmbito da sintaxe. Já a não aceitação é indício de morfologização desse tipo de formação, como em NÃO AUMENTO.

Podemos afirmar, portanto, que as formações *não + substantivo*, em que esse substantivo constitui uma nominalização por derivação regressiva, são, por hipótese, mais opacas. E podemos dizer, também, que uma formação como NÃO ABERTURA, por exemplo, parece ser mais opaca que formações como NÃO PAGAMENTO e NÃO REALIZAÇÃO: em NÃO ABERTURA, o NÃO é seguido por um substantivo deverbal, formado por sufixo, e a relação verbo na forma base – substantivo não é imediata, pois passa pela forma adjetival ABERTO; já em NÃO PAGAMENTO e NÃO REALIZAÇÃO, a nominalização também é feita por sufixo, mas a relação verbo na forma base – substantivo é imediata.

6. Considerações finais

Considerando o critério da concordância negativa, analisamos dados de *não + substantivo* extraídos da base de dados Google a fim de verificarmos se o tipo de estrutura da formação *não + nome* interferiria em sua maior opacidade, ou seja, dependendo do tipo da nominalização, a formação *não + nome* seria mais opaca ou mais transparente.

A ocorrência de concordância negativa é uma evidência de que a formação não pode ser localizada exatamente no componente morfológico, já que a concordância negativa consiste em uma relação sintática que não estaria visível para estruturas morfológicas.

Assim, a análise dos dados mostrou-nos que a proximidade da relação verbo-nome acarreta maior uso da concordância negativa, tendo em vista o grande número de ocorrências apresentado para as estruturas *não pagamento de nenhum* e *não realização de nenhum*, em comparação com as poucas ocorrências de *não abertura de nenhum*: PAGAMENTO e REALIZAÇÃO

são formados pelos sufixos *-mento* e *-ção*, respectivamente, e a relação verbo-nome, nesses casos, é imediata; já o substantivo ABERTURA é formado pelo sufixo *-ura*, mas a relação verbo-nome nesse caso não é imediata, pois o nome deriva da forma do particípio/adjetivo (ABERTO) que, por sua vez, deriva de ABRIR.

Vimos, também, que uma estrutura do tipo **não + nome** em que esse nome constitui uma nominalização formada por derivação regressiva configura um caso mais opaco do que as estruturas com substantivos formados pelos sufixos *-mento* e *-ção*: não encontramos um caso sequer de concordância negativa envolvendo a formação em que o NÃO é seguido por um substantivo formado por derivação regressiva.

Essa análise indica-nos, portanto, que nem toda formação **não + nome** apresenta transparência para descrições e operações sintáticas, já que certas estruturas seriam mais opacas. Poderíamos falar aí em morfologização, já que as formações estariam no componente morfológico e o NÃO, nesses casos, teria o estatuto de membro de uma formação morfológica, ou seja, não seria uma negação sintática.

Podemos dizer até o momento que esse processo de morfologização envolvendo as formações **não + nome** não implica um processo de gramaticalização, já que não podemos afirmar que as formações **não + nome** mais opacas seriam também mais gramaticais, uma vez que o NÃO, ao fazer parte de uma estrutura morfológica, não adquire características mais gramaticais, necessariamente. Podemos dizer que todas as formações com NÃO não podem ser analisadas da mesma maneira – algumas, morfologizadas, poderiam estar no componente morfológico (NÃO ABERTURA), já outras poderiam ser mais bem analisadas como estruturas sintáticas com elipse do verbo (NÃO PAGAMENTO).

Referências

- ALVES, I. M. Prefixos negativos do português falado. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*, v. II. Campinas: UNICAMP, 1992. p.101-109.
- ALVES, I. M. Formações prefixais no português falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*, v. III. São Paulo: UNICAMP/FAPESP. 1993. p. 383-398.

- CAMPOS, L. S. *A gramaticalização do “não” como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – UFBA, Salvador, 2002
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (Ed.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- FLETCHER, W. H. Concordancing the Web: problems and problems, tools and techniques. In: HUNDT, Marianne; NADJA, Nesselhau; BIEWER, C. (Ed.). *Corpus Linguistics and the Web*. Amsterdam: Rodopi, 2005. Disponível em: <<http://kwicfinder.com/FletcherConcordancingWeb2005.pdf>>.
- GOOGLE. Site de busca. Disponível em <www.google.com.br>. Acesso em: set. 2011.
- JOSEPH, B. D. Morphologization from syntax. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). *Handbook of Historical Linguistic*. Blackwell Publishers. 2001
- KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: YANG, I.-S. (Ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Hanshin. Seoul, 1982. p. 3-91
- PEREIRA, P. A. *Para uma distinção entre radical e prefixo: será “não-composto” um composto ou um derivado?* 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006
- PEREIRA, P. A. *NÃO em formações nominais no português: morfologização e gramaticalização*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – FALE-UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- PEREIRA, P. A.; VIEGAS, M. do C. Análise do não em formações nominais do português. In: *Minas é plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.
- SILVA, M. C. F.; MIOTO, C. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, v. 7, n. 12, 2009. Disponível em: <www.revel.inf.br>.

AUTORES

Alan Jardel de Oliveira - Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas.

Joana D'Arc Alves - Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Newton Paiva.

Maria do Carmo Viegas - Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do VARFON-Minas/CNPq, Variação fonético-fonológica, morfológica e lexical em Minas Gerais.

Melina Rezende Dias - Professora da Faculdade de Tecnologia SENAI de Belo Horizonte.

Pâmella Alves Pereira - Professora Adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Campus Diamantina/MG.

Simone Fonseca Gomes - Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da FALE da Universidade Federal de Minas Gerais.

Sueli Maria Coelho - Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais.